

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE**

**PROCESSOS DOS GRUPOS PSICOLÓGICOS CONSTRUTORES DA PERTENÇA:
VÍNCULO DA AMIZADE, ORGANIZADORES GRUPAIS E O LUGAR – ESPAÇO POTENCIAL**

INEIDA ALIATTI

PORTO ALEGRE, ABRIL 2008

INEIDA ALIATTI

**PROCESSOS DOS GRUPOS PSICOLÓGICOS CONSTRUTORES DA PERTENÇA:
VÍNCULO DA AMIZADE, ORGANIZADORES GRUPAIS E O LUGAR – ESPAÇO POTENCIAL**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e da Personalidade, no Curso de Mestrado da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Área de concentração: Relações Grupais: emergentes e organizações.

Orientador: Prof. Dr. Nédio Seminotti

PORTO ALEGRE

2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE

A Comissão Examinadora, abaixo-assinada, aprova a Dissertação de Mestrado como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e da Personalidade, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

INEIDA ALIATTI

**PROCESSOS DOS GRUPOS PSICOLÓGICOS CONSTRUTORES DA PERTENÇA:
VÍNCULO DA AMIZADE, ORGANIZADORES GRUPAIS E O LUGAR – ESPAÇO POTENCIAL**

COMISSÃO EXAMINADORA:

Professor Doutor Nedio Antonio Seminotti
(Presidente/Orientador - PUCRS)

Professora Doutora Maria Lucia T. Nunes
(PUCRS)

Professor Doutor Flávio Strohschoen Pinto
(F.F.F.C.M.P.A.)

Convidado Especial Psicanalista David E. Zimmerman
(Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre)

*Ao Carlos Eduardo e ao George Henrique,
dedico este trabalho, com imenso carinho e gratidão,
por me terem acompanhado, passo a passo,
neste novo caminho.*

AGRADECIMENTOS

As realizações não são solitárias e esta minha realização foi possível pela colaboração e pelo compartilhar de várias pessoas e “lugares”.

Ao prof. Dr. Nedio Seminotti, pela sua constante orientação, pelo holding oferecido, pelo espaço potencial que permitiu se estabelecer entre nós;

À querida professora, colega e amiga, que abriu as portas para este mundo acadêmico;

Ao meu grupo de pertença (do grupo de Pesquisa “Relações Grupais: emergentes e organizações”), por compartilhar desta experiência, pelo incentivo e escuta durante este período;

À professora Dra. Maria Lúcia Moraes, pela ajuda, paciência e novas idéias;

À Sonia M. Beltrão, Camila Almeida, Sônia Hübner, que tanta ajuda me prestaram e com tanto afeto;

Aos professores e professoras do Curso de Pós-graduação e colegas de mestrado, que tanto contribuíram para minha aprendizagem;

Ao professor Dr. Roque Moraes, pela ajuda e ensinamentos;

Aos sócios do Clube da Amizade, que, com disponibilidade, se propuseram a colaborar com a pesquisa e, mais ainda, auxiliaram na descoberta de novos caminhos;

Ao Serviço de Saúde Mental Melanie Klein, ao Hospital Psiquiátrico São Pedro e ao Departamento de Ensino e Pesquisa do H.P.S.P., pela disponibilidade e aceitação da pesquisa;

Às colegas Adriana Bianchi, Ana Rita de Menezes Ferreira e Vivian Kessler, que acompanham o Clube da Amizade, pela atenção e cooperação;

Às estagiárias de Psicologia Comunitária, que colaboraram fazendo a “ponte” com o Clube da Amizade;

Aos estagiários e bolsistas do Grupo de Pesquisa: “Relações Grupais: emergentes e organizações”;

Às secretárias do programa, por suas constantes e pacienciosas ajudas, pela delicadeza e respeito;

Às amigas, aos amigos e colegas do CEAPEG e do CEAPIA, por seu constante estímulo;

À Marta Cemin, porque juntas, iniciamos este novo caminho, pelo seu apoio e consolo nos momentos de “confusão” e ainda pelos seus questionamentos;

Ao Hermínio Pedrini, que me acompanhou e suportou minhas ausências;

À minha mãe (em memória) e a meu pai, pela força e estímulo à curiosidade;

Aos meus irmãos, que me ensinaram o prazer de viver em grupo;

Aos meus filhos, minha gratidão, por estarem amorosamente ao meu lado.

O lugar de nascimento da liberdade nunca é o interior de algum homem, nem sua vontade, nem seu pensamento ou sentimentos, senão o espaço entre, que só surge ali onde alguns se juntam e só subsiste enquanto permanecem juntos. Existe um espaço da liberdade: é livre quem tem acesso a ele e não quem fica excluído do mesmo.

Hannah Arendt

RESUMO

Esta Dissertação aborda alguns aspectos dos processos dos grupos psicológicos. A pesquisa foi realizada num grupo denominado Clube da Amizade, que faz parte da rede pública de atenção à saúde mental e teve como objetivo compreender os processos grupais que possibilitam a construção da pertença a este grupo. Participaram da pesquisa 24 sócios deste clube. O material foi coletado através de três grupos focais e do diário de campo e a análise dos dados foi realizada através da Análise Textual Qualitativa. Os resultados indicam que os processos grupais que constroem a pertença são: organizadores grupais (regras e normas – certo/errado, atividades, papéis, sócios do Clube, vínculo com a instituição, a saúde/doença), o vínculo da amizade (divergências, família, apoio/ajuda, aspectos comuns – identificação, reconhecimento) e o espaço potencial – lugar (lugar de encontro, de convivência, de convívio social, de distração/diversão, lugar que diminui a angústia, lugar para aprender, lugar de reinserção social, de alternativa de tratamento). Então, entendemos que a pertença ao grupo do Clube da Amizade é constituída, em parte, através destes processos grupais.

Palavras-chave: Grupos psicológicos, pertença, organizadores grupais, vínculo da amizade, espaço potencial.

ABSTRACT

The present dissertation discusses some aspects of psychology groups. The research was carried out within a group called “Clube da Amizade”, which is part of the Public Health network which serves the mental health area. This study is an attempt to understand “group processes” that enable the construction of this feeling of “belonging” towards the members of that group. 24 members of “Clube da Amizade” participated. The collected data were obtained through 3 “focal groups” and a “field work” diary. To analyse the findings, the Qualitative Textual Analysis was used. The results show that the “group processes” responsible for the feeling of “belonging” are: group organizers (rules – norms / wrong –right activities, roles, club members, links with the institution, sickness – health), friendship attachment (divergencies, family, support/help, shared interests – identification, recognition) and the potential-space – place (a place for gathering, sharing companionship, amusement – entertainment, a place where anguish is lowered, a place for learning, a place for social joining up, an alternative way of treatment). Thus, we could understand that the feeling of “belonging” to the “Clube da Amizade” enables a better understanding of the attachment and it is partially formed by or through those group processes.

Key-words: Psychology groups, “belonging”, group organizers, friendship attachment, potential-space.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
1.1 PERTENÇA.....	13
1.1.1 Organizadores Grupais.....	27
1.1.1.1 Freud.....	31
1.1.1.2 Bion	33
1.1.1.3 Foulkes.....	37
1.1.1.4 Pichon-Rivière	41
1.1.1.5 Decherf	45
1.1.1.6 Kaës	48
1.1.1.7 Seminotti.....	53
1.1.2 Vínculo da Amizade	56
1.1.3 Espaço Potencial.....	75
2 QUESTÕES NORTEADORAS.....	86
3 OBJETIVOS	87
3.1 OBJETIVOS GERAIS	87
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
4 CONTEXTO DA PESQUISA.....	88
5 MÉTODO.....	90
5.1 PARTICIPANTES	90
5.2 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS.....	90
5.2.1 Instrumentos.....	92
5.3 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS.....	92
5.3.1 Categorias Gerais dos Grupos Focais.....	93
5.3.2 Categorias Amplas	97
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	99
6.1 ORGANIZADORES GRUPAIS	99
6.2 VÍNCULO DA AMIZADE	106
6.3 ESPAÇO POTENCIAL	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS.....	131
OBRAS CONSULTADAS.....	139
ANEXOS	145
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO	146
ANEXO B – META TEXTO.....	147

INTRODUÇÃO

O trabalho, aqui apresentado, se propôs a olhar, pensar e aprender sobre grupos psicológicos. Neste momento, centramo-nos em um grupo específico – o grupo do Clube da Amizade.

Partimos da compreensão de que “somos”, e que para sermos sujeitos, precisamos do outro e depois dos outros. Tratamos de estar incluídos em algum vínculo que nos dê sustentação para vivermos nossas realidades. Nesta sustentação buscamos um lugar que nos ofereça proteção, cuidado, amor, amparo, compreensão, aceitação e reconhecimento. Este lugar, que pode oferecer o de que precisamos, é construído pelas pessoas. Por tudo isto, estamos em busca de poder pertencer: pertencer a uma família, pertencer a uma escola, a um grupo de amigos, a um trabalho, etc.

Sentimos o quanto é intrigante participar de um grupo, bem como, trabalhar em e com grupos. Este trabalho com grupos nos levou a refletir sobre sua organização e funcionamento, sobre as pessoas que dele fazem parte, mas principalmente sobre as questões relativas ao pertencimento. Isto decorreu do fato de que sabemos que, na vida de cada um de nós, o sentimento de fazer parte de “algo”, de participar, de compartilhar, de “estar na cabeça do outro”, de ser esperado, de ser pensado, de ser membro respeitado e efetivo do grupo é de extremo valor. Pertencer é importante na medida em que representa suporte social. Isto é saúde.

Outro aspecto considerado foi a curiosidade de compreender o que acontecia no grupo do Clube da Amizade, em que os sócios seguiam e seguem se reunindo há mais de vinte anos. Estas idéias nos levaram à questão que norteou esta pesquisa: Que processos grupais possibilitam a construção da pertença ao grupo do Clube da Amizade? Em busca desta resposta, outras indagações surgiram: Como os organizadores grupais, o vínculo da amizade e o espaço potencial – lugar, contribuem na construção da pertença ao grupo do Clube da Amizade?

Partimos de alguns conceitos teóricos sobre grupos, organização grupal, pertença, organizadores grupais, vínculo da amizade e espaço potencial, através de diversas escolas e autores.

Com base nestes operadores de leitura, que compõem as questões norteadoras, referimos, agora, os objetivos estabelecidos nesta pesquisa: compreender os processos grupais que possibilitam a construção da pertença nos grupos psicológicos; compreender como os

organizadores grupais contribuem para a construção da pertença ao grupo do Clube da Amizade; compreender como o vínculo da amizade contribui na construção da pertença ao grupo do Clube da Amizade; compreender como o lugar – espaço potencial contribui na construção da pertença ao grupo do Clube da Amizade. Por uma questão de estratégia da pesquisa e das diversas opções que se fazem necessárias, ressaltamos que a inserção do Clube da Amizade na organização social do Sistema de Saúde, a comunidade que está inserida e a relação com a sociedade como um todo, não foram o foco e sim, o grupo particular e seus processos endógenos.

Os participantes da pesquisa, sócios do Clube da Amizade, não foram estudados em sua individualidade, mas sim como “o grupo do Clube da Amizade e seus sócios”. Da mesma forma, acreditamos na verticalidade e horizontalidade do grupo, mas a ênfase foi na horizontalidade. Enfim, podemos dizer da importância de realizá-la em um grupo tão significativo para os que dele participam e para a pesquisadora. Os achados da pesquisa demonstraram ser de extrema importância para o grupo pesquisado, no sentido de valorização; para as organizações que trabalham com a saúde mental como modelo alternativo de atendimento e para nós como pessoas, sujeitos em constante e contínua construção.

Também, levamos em consideração os participantes da pesquisa como sujeitos inteiros, sócios do Clube da Amizade, não dando ênfase a uma parte de suas vidas: no caso, o fato de serem portadores de sofrimento psíquico. Vale salientar que não desconsideramos este aspecto, mesmo porque os participantes nos alertavam constantemente sobre esta problemática. Este é um dado importante, em termos do acompanhamento e tratamento das pessoas portadoras de sofrimento psíquico, pelos órgãos da saúde. Aqui, estamos inferindo a importância de pesquisar este grupo, como alternativa de tratamento.

Falamos de alternativas de tratamento, no sentido de que as pessoas com sofrimento psíquico podem ter outras formas de participação e acompanhamento, sem excluir as tradicionais, como: hospital, ambulatório, posto de saúde, etc., mas sendo diferente delas. Também, as novas formas de acompanhamento e acolhimento tem buscado sustentação teórica científica para este trabalho. Então, mesmo com os questionamentos, muitos seguem pouco centrados na pessoa acolhida, em sua totalidade e com poucas possibilidades de criar, de participar de “algo”, com autonomia, que não seja orbitar em torno de um único e interminável “tratamento”. Pensamos que o Clube possa representar esta alternativa que os organismos de saúde oficiais e não oficiais, e de que as comunidades podem servir-se. Estas considerações justificam a pesquisa, pois leva à produção de conhecimento sobre outras

formas de acompanhamento. Este trabalho pode enriquecer a prática e o aparato teórico sobre grupos.

Esta pesquisa sobre “Processos grupais na construção da pertença” aconteceu no Clube da Amizade, em Porto Alegre, com 24 participantes voluntários, sócios deste Clube. Para análise dos dados e dos resultados, utilizamos o método indicado por Roque Moraes, da Análise Textual Qualitativa.

Iniciamos a exposição deste trabalho com o Referencial Teórico que o norteou. Logo após esta introdução, no primeiro capítulo, oferecemos algumas idéias teóricas. Levando em consideração as aquisições teóricas desta prática da pesquisa, atravessadas pelas relações que se estabeleceram, identificamos vários autores de diferentes áreas, que se intercruzaram na tentativa de entender o proposto. Os autores com referencial teórico de orientação analítica constituíram a base para realizar o desejo de compreender a pertença. Estes autores são os que apresentam ou tentam apresentar um pensamento que leve em consideração a pessoa e a sociedade. Neste trabalho, estão enfocados teoricamente, os temas surgidos da pesquisa como: a Pertença, seguida dos organizadores grupais, o vínculo da amizade, sendo que este capítulo se fecha com o espaço potencial - lugar.

O segundo e terceiro capítulos esclarecem as questões norteadoras e os objetivos da Pesquisa com a idéia de evidenciar sobre a estratégia operacional da investigação.

O quarto capítulo trata de contextualizar a pesquisa, no sentido de conhecer o conjunto em que ela está imersa, isto é: conhecer o grupo do Clube da Amizade.

No quinto capítulo descrevemos o método da pesquisa, esclarecendo sobre os participantes, o procedimento para a coleta e análise dos dados. A análise textual qualitativa dos dados consta de especificações como o esclarecimento das categorias.

Já o sexto capítulo está dedicado aos resultados da pesquisa e a discussão dos resultados da pesquisa, dos achados que nos levam a conhecer quais os processos grupais e compreender como os organizadores grupais, o vínculo da amizade e o lugar - espaço potencial, contribuem para a construção da pertença.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais, com o resgate dos resultados da pesquisa.

Esta pesquisa nos arrastou para um mergulho no grupo do Clube da Amizade, com tudo que pudemos olhar e perceber na sua complexidade. Agora, desejamos convidar o leitor para contatar os dados resultantes desse mergulho. Claro que este encontro não ocorrerá da mesma forma, pois cada um terá sua maneira de vê-los. Esperamos, no entanto, ter conseguido passar as nossas idéias e percepções da realidade investigada.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 PERTENÇA

Iniciamos esta fundamentação teórica ressaltando que grande parte da vida das pessoas acontece nos grupos, sejam eles familiares, escolares, profissionais ou outros diferentes tipos de associações. Tal como refere Foulkes e Anthony (1972), o indivíduo se encontra condicionado até o cerne por sua comunidade, mesmo antes de nascer, sendo marcado pelo grupo que o “cria” e do qual faz parte. Assim, o indivíduo passa a ser destituído de importância, já que o que interessa a cada membro é a sobrevivência do grupo e da comunidade. Em certa medida, isto aparece quando os autores referem que a vida humana sempre se processou em grupos, os quais nunca deixaram de se transformar. Desta forma, a pertença às instituições e aos grupos favorece à produção de subjetividade e à busca de ser alguém, de perdurar, pois que, segundo Selvatic e col. (1996, p. 167) “o ser se constitui e se afirma na rede social.”

Para compreender a pertença aos grupos precisamos pensar o grupo. Iniciamos, portanto, com a exposição de conceitos/idéias sobre alguns dos diferentes grupos. Foulkes e Anthony (1972) estabelecem claramente os seguintes tipos de grupos: grupos de atividades, grupos sociais, grupos terapêuticos e grupos psicoterápicos/psicoterapia analítica de grupo. Ribeiro (1995) seguindo Foulkes os subdivide em outros, como grupos de familiar, de casais, de atividades, social, terapêuticos, psicoterápicos, psicoterapia grupo analítica. O Clube da Amizade, objeto da pesquisa, pode ser considerado tanto um grupo social, como um grupo terapêutico, segundo as definições que veremos a seguir. Procuraremos esclarecer apenas estes dois tipos, pois que os grupos sociais e os grupos terapêuticos representam o maior interesse para esta pesquisa. Assim que, Grupo social, Foulkes (1986) define como o grupo do cotidiano, aquele em que as pessoas não se encontram para uma atividade específica, mas para co-dividir preocupações do dia-a-dia. Isso significa que, embora haja uma discussão de problemas e que exista um relacionamento estreito entre seus membros, pois que vivem problemas comuns, cada um vive e age a seu modo, sem que existam regras estabelecidas para o funcionamento/desenvolvimento de tal grupo. Já no terapêutico, o grupo se reúne com um deliberado objetivo terapêutico, contando com os respectivos e diversos meios para alcançá-lo, como meios subjetivos, tais como: vínculo, relação, livre expressão; e, meios

concretos, tais como: atividades manuais, música, teatro, cinema, passeios. Consideramos, nesse aspecto que, meios concretos, são entendidos como atividades complementares, embora essenciais como recurso. Ressaltamos, ainda, que o objetivo primordial dos encontros é a participação ativa no grupo. O grupo, nesta perspectiva, é o instrumento terapêutico, já que é nele que se promove o desenvolvimento de sua moral, de sua ética e de seus relacionamentos com vistas a melhorar a saúde mental. Possui regras explícitas e implícitas, promove encontros regulares, incentiva a livre expressão ou discussões francas, estimula a troca de informações e favorece a aprendizagem de uns com os outros. Estes assuntos, ou as referidas características, serão vistos com mais detalhes nos temas a seguir: organizadores de grupo, espaço potencial e vínculo da amizade. Cumpre lembrar que no grupo terapêutico o líder formal pode ser o terapeuta ou um coordenador eleito pelo grupo e/ou o líder informal, nascido do grupo. Ao líder cabe preservar a cultura do grupo, utilizar habilidades no sentido de garantir o bom andamento do mesmo e guiar o grupo na direção dos objetivos propostos.

Bion (1974) refere, também, a “terapêutica de grupo”, na qual o grupo expressa um investimento no desenvolvimento de forças, que o levará a trabalhar livremente, a definir sua forma de ser e de funcionar, pautando-se na cooperação. Os resultados da participação das pessoas nestes grupos dependerão dos efeitos positivos ou negativos, criados pelos relacionamentos interpessoais. Neste sentido, queremos dizer que, nos grupos terapêuticos, a pessoa utiliza o grupo e seu poder para fins terapêuticos: é o grupo em benefício do grupo e, por via de consequência, de seus membros, o que o torna capaz de melhorar a saúde mental de seus participantes.

Caparrós (1993, p.77) explica que há duas categorias conceituais para grupo: o grupo no nível psicológico de integração e o grupo no nível social de integração. O grupo no nível psicológico também faz parte do nível sociológico, mas, cada um o constitui e o significa com leis que lhe são específicas. O primeiro, o grupo no nível psicológico de integração, não trata somente da aplicação reduzida de leis sociais, mas significa algo mais. Se relaciona com conceitos mais restritos, embora não mais simples, quais sejam: sujeito, vínculo, objeto, narcisismo, humanização, etc. diferentemente do social, que aborda conceitos de classe, massa, coletivo, cultura, civilização, hominização, etc. Assim, o interesse deste estudo recai sobre os grupos psicológicos, que segundo Caparrós (1993, p. 77) “entende de sujeitos concretos” diferente do social, que entende de sujeitos abstratos.

Nesta linha de raciocínio, a pessoa que está voltada para si própria (teoria do narcisismo em Freud, 1930), ao mesmo tempo, está sujeita também a uma cadeia social anterior à sua existência como indivíduo, por isto ela deve assegurar a continuidade

geracional, da vida institucional, do conjunto social e, assim, vai se “infiltrando” nos grupos da família, da comunidade, da sociedade. Vai se tornando parte, o que a levará à pertença, que dará sustento à si mesma e à sua existência.

Temos, então, que este sujeito “concreto”, vinculado ao ser humano, se desenvolve através da relação básica entre mãe-bebê, sendo que o caráter deste será moldado por diferentes formas de relação, em diferentes culturas, já que são as experiências comuns ao ser humano que levarão à estruturação psíquica.

Neste sentido, outro aspecto importante a se ressaltar é que as introjeções do mundo fantasmático, que vão se modificando com as vivências da realidade, se constituem numa “sociedade interna”, com um sistema de objetos internalizados (GRINBERG, LANGER, RODRIGUÊ, 1971). Portanto, a família é o ponto inicial da sociedade. Quando a pessoa passa a fazer parte “do fora” da família, como o grupo de amigos, por exemplo, sua adaptação vai depender da capacidade de adaptação adquirida nas experiências familiares e da acolhida do grupo de fora. Se a pessoa vem de uma família desestruturada e sem continência, sendo que esta relação familiar desestruturada se constitui na luta com os pais e na aliança com os irmãos, esta pessoa pode se desenvolver buscando se ligar a grupos não aceitos pela sociedade, mas apenas aceitos por eles mesmos, os membros do próprio grupo. Se o vínculo se constituir no isolamento, na enfermidade ou noutro sintoma, a pessoa reagirá, frente ao grupo externo e às suas exigências, adoecendo e/ou fracassando.

Se as falhas forem muito intensas e duradouras, sua adaptação será difícil, ou poderá se repetir em outros grupos, já que o indivíduo repetirá a forma que experienciou e com a qual resolveu seus primeiros conflitos. Tentará estabelecer dentro do grupo o mesmo tipo falho de vínculo que teve com a família. Se o grupo buscado fora oferecer um espaço para novos vínculos e diferentes relações, um espaço de criatividade que proporcione um ambiente facilitador e organizador, a pessoa se verá beneficiada com uma nova aprendizagem na sua forma de ser. Também, se as falhas nos primeiros vínculos não forem grandes e os grupos externos ou reais forem facilitadores, como na família, o grupo poderá auxiliar o indivíduo na construção de outras formas de vinculação.

Neste trabalho, especificamente, fazemos referências aos grupos no nível psicológico de integração – pequenos grupos (CAPARRÓS, 1993) - ao terapêutico de grupo (BION, 1974) e ao grupo social/grupo terapêutico (FOULKES, 1986), sempre considerando sua inclusão e os atravessamentos destes tipos de grupo, sob o ponto de vista de diferentes autores. Serão eles o pano de fundo da pesquisa. Estamos, assim, nos referindo a questões

importantes tanto para as pessoas do grupo, quanto para o grupo como um todo, pois cada pessoa escolhe o próprio grupo conforme seu interesse e seu momento histórico de vida.

Esta escolha, ou fazer parte de um grupo, requer uma participação que pode ser de maior ou menor intensidade e envolvimento. Barriga (1982) relaciona algumas razões para a necessidade de pertencer a um grupo: a satisfação de necessidades reais individuais; a gratificação de participação conjunta; o saber-se protegido por todo o grupo; a comodidade de encontrar respostas para resolver de forma mais fácil o que acontece ou o que é apresentado no cotidiano da pessoa; a segurança de se sentir protegido e presente na mente dos demais; a integração como possibilitadora de gratificação e condutora para atividade. Esta busca, esta necessidade de fazer parte de um grupo, pensamos, leva a constituir a pertença, que será definida logo adiante.

Leve-se em consideração que Moraes (1994) escreve, que um grupo só pode ser conhecido através do seu contexto, dos seus objetivos, da sua configuração e das suas interações. Podemos dizer, portanto, que o grupo é uma unidade que se manifesta como uma totalidade, de modo que, tão importante como o fato de ele se organizar a serviço de seus membros, uma atitude recíproca dos componentes é esperada. Desta forma, apesar de um grupo se configurar como uma nova entidade grupal genuína é indispensável que fiquem claramente preservadas as identidades específicas. É importante que os integrantes do grupo percebam suas verdades individuais sem se perder no contexto grupal, pois, só assim, o grupo conseguirá sua flexibilidade para o crescimento (MORAES, 1994). Considera-se, ainda, que as pessoas possuem elos de ligação importantes: compromisso, responsabilidade e respeito pelo outro, o que configura o grupo como um facilitador para que cada pessoa venha a ter espaço, para se fazer conhecer e se conhecer, através de sua relação com os demais, de suas ocupações e dos diferentes papéis que assume dentro dele. A respeito dos papéis exercidos pelos sujeitos no interior do grupo, haverá uma exposição detalhada no capítulo que trata dos Organizadores Grupais. Retornando às questões que elucidam as relações nos grupos, destaca-se que esta relação facilitadora entre os integrantes possibilitará a formação de vínculos positivos, levando a uma relação de afeto, que reforçará a existência do grupo, já que isto é o que possibilitará a pertença.

Então, pode-se dizer que participar de um grupo é estar na mente do outro, o que se relaciona ao estar vivo. A pertença, desde este prisma, é entendida como estar ligado aos objetos internos, à estrutura familiar, ao contexto social, que protege de angústias, tais como a sensação de vazio e de solidão. Assim, a necessidade de pertencer, de ser, leva as pessoas a suportarem situações, por vezes, extremas, de muita exigência, apenas para não se sentirem

sós, sem reconhecimento. O sentimento de pertença, então, se apóia nesta necessidade de as pessoas se sentirem incluídas em um vínculo que tem como função a sustentação, frente à vivência indefesa do ser humano. A pertença, pois, é um vínculo que parece ser inerente à condição do ser humano, como já salientamos, através de Foulkes (1986).

A pertença, poder-se-ia dizer, existe pela necessidade adaptativa à realidade, necessidade esta que é manifesta, e por uma outra, latente, que é a necessidade de se sentir contido, protegido em um ambiente que ampara ou em um “ambiente facilitador” (Winnicott, 1975), o que também é entendido como área que possibilita continuidade, continência e segurança. Entretanto, além disto, o sentimento presente na pertença é o de sustentação e também de sujeição, de permanência e de estabilidade, conceitos que serão abordados neste mesmo capítulo. Segundo Berenstein, Puget (1997), a pertença é inconsciente e só se faz consciente em situações de crise e para Kaës (1995), a crise é um intervalo entre a perda do seguro e a aquisição do incerto.

Pichon-Rivière (1986), ao estudar o grau de identificação secundária¹ de cada participante de um grupo, consigo mesmo, entre os elementos do grupo e a tarefa, classificou-o em afiliação e pertença. Para o autor, a afiliação é a identificação mais superficial, pois o indivíduo guarda uma distância do grupo. Já a pertença é um grau de identificação mais profundo, em que as pessoas se sentem fazendo parte do grupo, do “nós” do grupo. Brande (1997), citando uma conferência de Pichon-Rivière, em que ele refere sobre a afiliação da pessoa a um grupo, dizendo que a referida afiliação está ligada às suas identidades precoces, e a uma necessidade de estar filiado a um grupo. Pichon-Rivière (1986) ainda, acrescenta que a pessoa se realiza através da pertença. A pertença seria o resultado do sobrepujamento da necessidade, uma passagem da necessidade à liberdade.

Para Pichon-Rivière (1986), a pertença é o sentimento de integrar um grupo. Ela permite estabelecer a identidade do grupo e estabelecer a própria identidade como integrante daquele grupo. A pertença se busca, se obtém. A pessoa que consegue se ver como pertencente a um grupo, adquire uma referência e vai adquirir uma identidade particular em função desse grupo, que lhe permitirá conhecer-se, localizar-se e “elaborar estratégias para mudanças”.

¹ Identificação secundária é um processo pelo qual a pessoa assimila uma parte ou um aspecto de outra pessoa que passa a fazer parte de si. A pessoa se constitui e se diferencia através de várias identificações. Esta se sobrepõe à identificação primária (a forma originária do laço afetivo com o objeto). É, pois, secundária a uma relação previamente estabelecida (LAPLANCHE, PONTALIS, 1997).

Tajfel (1984, p. 264) discute a definição de grupo semelhante à definição de nação, dado por Emerson (1960): “É um conjunto de pessoas que sentem que são uma nação”. Sugere Tajfel (1984) que o grupo pode possuir três componentes para a pertença: o cognitivo, o avaliativo e o emocional.

- ➔ No componente cognitivo, a pessoa conhece que pertence a um grupo.
- ➔ -No componente avaliativo, a noção de grupo e a sua pertença a ele pode ter um significado positivo ou negativo.
- ➔ No componente emocional, os componentes anteriores e a própria pertença podem estar ligados pelas emoções, tanto em relação ao próprio grupo quanto a outros grupos que mantêm uma relação. Estas emoções podem ser de amor, ódio, agrado e desagrado.

Estes três aspectos da pertença a um grupo podem ser aplicados não só aos pequenos grupos mas também à grandes categorias sociais.

Tajfel (1984) salienta que os grupos possuem uma conduta intragrupal e intergrupala. A conduta intragrupal é a relação entre os membros do grupo e com os subgrupos. A conduta intergrupala é a relação com os grupos externos. O autor conceitua a conduta intergrupala como sendo aquela em que as pessoas que pertencem a um grupo interatuam por identificações com outros grupos ou com os membros do outro grupo. Esta interação pode ocorrer tanto com vários membros como com um só participante. A diferenciação intergrupala cognitiva, avaliativa e emocional está nas necessidades que os indivíduos têm de dar significado social à situação intergrupala, seja experimental ou de outro meio de criação de diferenças intergrupais, quando, tais diferenças não existem ou através de aumento e da atribuição de valor a qualquer diferença já existente. A identidade social é entendida como derivada, por via comparativa e relacional das pertenças aos grupos por parte de um indivíduo.

Ao escrever sobre a definição psicossocial da pertença a um grupo, Tajfel (1984) salienta que é necessário que haja um acordo de pertença e que seja “efetiva” como determinante de uniformidade social, na forma de agir socialmente, dentro do grupo e fora do grupo. Isto estabelece a oposição ao individual. Este acordo de quem é cada membro do grupo, será compartilhado com o endogrupo, dos grupos que o rodeiam, pois só assim, pode perceber as diferenças exogrupo. Então há critérios internos de pertinência que são utilizados pelos membros do grupo, mas na relação intergrupos os critérios externos serão aqueles que se julgar que existam. Segundo Tajfel (1984) em algumas pesquisas os critérios de pertença

foram semelhantes entre os membros do endo e do exogrupo. Em suas pesquisas, observa que as pessoas consideram relevantes para aumentar sua pertença: primeiro, a tomada de consciência de ser membro deste grupo; segundo, que as avaliações desta pertença sejam positivas; terceiro, o alto grau de compromisso emocional com a tomada de consciência de ser membro do grupo e também com as avaliações positivas desta pertença.

É interessante notar que, de forma diferente, Merton, apud Barriga (1982), classifica os grupos conforme o conteúdo da tarefa e da relação entre os membros, como grupo de pertença e grupo de referência. Assim, todo grupo possui seu código próprio de idéias, valores e normas, que estabelecem seus direitos e deveres. Quando estão todos de acordo com esses parâmetros, o grupo de pertença e de referência é o mesmo. No entanto, quando estão em crise no grupo ao qual pertencem, o que faz com que, eventualmente, prefiram estar em outro, o grupo de referência passa a ser este outro.

Já Pichon-Rivière (1986) refere que, na análise das relações entre o intragrupo e o extragrupo, se revela que nem sempre estas relações são de caráter antagônico. Quando um grupo muda sua atitude em relação a outros grupos – torna-se amistoso, por exemplo – este grupo pode tomar tais grupos como marco de referência para comparar suas próprias situações internas; o extragrupo atua, então, em relação ao primeiro, como grupo de referência. As semelhanças resultantes deste processo podem ser compreendidas como uma espécie de emulação e têm como base complicados processos de identificação. Entre outras coisas, isto se manifesta como expressões de desejos de ingressar no grupo de referência que foi tomado como modelo.

Pichon-Rivière (1986) ainda salienta que, graças a estes conflitos entre o grupo de pertença e o de referência, é que o grupo não se faz estático: tem a possibilidade de mudar e de se adaptar às necessidades de evolução de cada participante. O grupo de pertença, portanto, é aquele em que os sujeitos estão de acordo com suas normas, seus valores, suas metas; o grupo de referência é aquele em que gostariam de estar inseridos, aquele que é imaginado como sendo o ideal. Quando ambos se aproximam, há indicação de que o grupo está evoluindo.

Temos, então, que pertencer é sentir-se estando dentro, e isto remete a compartilhar normas, regras, leis, que representam o manifesto da pertença, (o *setting/enquadre*, como veremos no capítulo dos Organizadores Grupais) além da ilusão de estar contido e protegido, que representa o imaginário (PACHUK, FRIEDLER, 1997).

Nos grupos de pertença, Barriga (1982) refere que ser participante de um grupo, ser membro do grupo (La membrenca)² só se estabelece quando há uma interdependência com os outros, com a intenção de estar presente na vida de um grupo. A intenção de constituir um grupo pode se dar não só quando se é a origem da formação do grupo, mas também quando se ingressa em um grupo já formado. O participante, desta forma, passa a ter uma integração com os demais e passa a gerar laços de amizade e camaradagem. Pode-se participar dos grupos espontaneamente, como desejo interno, ou por sugestão ou por imposição de fora.

Na continuidade desta exposição, veremos como o autor explora diferentes idéias, quanto a ser membro de um grupo, em relação ao tipo de membros, de motivação, de vinculação e de classe dos participantes, quais sejam:

- ➔ diferencia os tipos de membros pela atração que sentem frente ao grupo ou frente aos demais membros;
- ➔ a atração aparece como motivação, que pode ser positiva (deseja pertencer), negativa (não deseja) ou neutra (quando é indiferente a pertencer ao grupo);
- ➔ refere que há duas formas de vinculação: a do indivíduo frente ao grupo e do grupo frente ao indivíduo. Em relação a isto, coloca classes de participantes (membrenca):
 - 1º) o indivíduo sente desejo de pertencer ao grupo, e o grupo de o aceitar: “membrenca” psicológica;
 - 2º) a atração e aceitação são neutras, não há interesse em ambos: membrenca apsiológica;
 - 3º) o indivíduo é neutro, e o grupo o aceita e o procura: membrenca marginal;
 - 4º) o grupo aceita o indivíduo e este o rechaça: membrenca rebelde.

Parece-nos necessário acrescentar outras duas membrencas, conforme explicitado a seguir:

- 5º) o indivíduo deseja e procura o grupo, e este o rechaça: membrenca de referência. Pode-se dizer que para o indivíduo, este grupo é o seu grupo de referência interna;

² Será utilizado o termo membrenca, conforme o autor, sem tradução, pois considerou-se o termo sem uma tradução complementar, fiel ao sentido, como no caso de pertencer - pertença, ser membro.

- 6º) o grupo é neutro e o indivíduo o aceita e o procura: membrença de busca. Neste caso, o grupo não percebe que possa haver “acrécimo” com a acolhida deste indivíduo.

As pessoas podem pertencer a mais de um grupo, ou ter mais de uma membrença, e neles participar de diferentes formas. A dificuldade maior é poder integrar harmonicamente as exigências das diferentes participações. Caso isto não ocorra, ao invés do enriquecimento, a pessoa só terá sofrimento. Neste sentido, há uma troca -renúncia do desejo narcísico pela busca da segurança, pois o grupo, tendo um caráter reparador, alivia a angústia, diminui a onipotência perdida e mantém os ideais, com a ilusão da infinitude.

São vários os elementos com os quais a pessoa define sua pertença, e Berenstein, Puget (1997 p. 39), mostram que um deles é a aquisição do familiar. Os mesmos autores referem que “as raízes da pertença são prévias à aquisição da palavra”. Para eles, a aquisição do nível de familiaridade ocorre a partir dos usos, costumes e ritos sociais. O familiar, entretanto, é ambíguo, pois tanto pode se referir à estrutura familiar, como ao sentimento de habitualidade. Esta representação advém do início de vida, quando há uma divisão entre o eu e o que é estranho, o de fora. O próprio é familiar. A condição para a constituição do espaço social é, pois, dar-se conta da heterogeneidade, que marca a diferença das múltiplas pertenças.

Na relação familiar, a consangüinidade mantém a continuidade do sentimento de pertença, com a ilusão de semelhança. No espaço social, relacionam-se semelhantes heterogêneos, unidos entre si, estabelecendo a continuidade.

Relacionado a este aspecto, Seminotti (2001) salienta que perceber e respeitar os aspectos distintos de cada membro do mesmo grupo é uma tarefa difícil. Talvez, por isso mesmo, as pessoas tendem a se agrupar e a se relacionar, primeiro, pelas semelhanças, e, só depois, quando seguros do apoio do grupo, é que se sintam com possibilidade de mostrar as diferenças. Desta forma, o novo, o diferente, pode surgir quando a pessoa do grupo, que representa este diferente, buscar pertencer a um subgrupo, como se, desta forma, pudesse ficar garantida sua aprovação e aceitação. Della Nina (1996) quando discute sua experiência com grupos interdisciplinares, mostra que os subgrupos, em parte, são necessários, já que o sentimento de identidade é sustentado pelo reconhecimento mútuo de seus pares, como no Vínculo R (visto após). Assim, as pessoas se sentem mais fortalecidas e realizam discussões que não fariam isoladas no grupo. Ainda, salienta Seminotti (2001), o se fazer conhecer (no seu jeito e sua forma de falar, pensar e ser) quando este é diferente da forma de falar, pensar e ser do grupo, pode ocasionar a mudança, mas também pode atrapalhar e incomodar o grupo,

de tal forma que as projeções agressivas passam a ser dirigidas ao que é estranho. Por isto, o que é “estranho” fica ainda mais difícil de surgir no grupo. Para o mesmo autor, este diferente, mesmo quando aceito, ainda permanece com o temor de vir a ser alijado do grupo. O diferente, assim, ao mesmo tempo em que é temido, também é admirado por ser diferente do grupo. E, ainda, este diferente, pode assumir, ou lhe serem igualmente adjudicados, diferentes papéis. Agora, se o estranho ao grupo é semelhante em seu subgrupo, institui-se um polo de poder que dá garantia à expressão e reconhecimento do diferente.

Puget (1997) acredita que a pertença representa a apropriação de um espaço (abstrato), de um lugar confirmado pelo outro ou por um grupo (BRANDE, 1997). Portanto, a pessoa se constitui a partir dos vínculos com o outro, sendo que o primeiro modelo de vínculo é com a mãe. Este aspecto é visto com maiores detalhes no capítulo sobre o Espaço Potencial, de Winnicott (1975) que reforça as questões da relação mãe/bebê, mãe suficientemente boa, em um ambiente facilitador, que oferece ao bebê, modelos para novos vínculos e para a constituição da identidade. Também veremos como ele reforça que o lugar da experiência cultural é o espaço potencial. A possibilidade de investir (no caso da mãe e depois do sujeito) é proporcional ao sentimento de pertença (WINNICOTT, 1975). Então, dando seqüência, neste espaço social com semelhantes heterogêneos (BERENSTEIN, PUGET, 1997), podemos dizer que uma das características de identidade social é ser integrante de conjunto heterogêneo. A noção de grupo heterogêneo é a condição para a constituição do espaço social e marca a diferença de outras pertenças. Na pertença a um grupo está incluída sua história anterior e futura. A pertença, portanto, se faz em diferentes níveis: o do próprio corpo, o do familiar e o do social. Neste sentido, podemos pensar a pertença como um sentimento que tem duas bordas: o intrapsíquico e sociocultural. Possui uma parte que é fixa, unida, com uma inalterabilidade aparente, por não poder ser questionado e outra, que está em permanente reconstrução, móvel e ativa.

Isto quer dizer que o sujeito se constrói na relação intrajubjetiva, intersubjetiva e transubjetiva que, segundo Berenstein, Puget (1997) não são interdependentes, mas estão sempre relacionadas e intercortadas umas pelas outras. Por isto, os autores referem que a pertença, no sentido restrito, se dá na comunidade reduzida. Mas também ela, a pertença, pode ser pensada de forma tão ampla, que se sobrepõe a toda sociedade, mesmo que, na realidade, fique diminuída à proporção micro, como, por exemplo, no cotidiano, na profissão, no clube, instituição, etc... (BERENSTEIN, PUGET, 1997).

Esta é uma das formas utilizadas na pertença, oriunda da necessidade de diminuir as diferenças que estabelecem um ilusório sentimento de comunidade de pertença concebido agora como um limite tão amplo e extenso como o é o limite geográfico, político e social – Pertença social. (BERENSTEIN, PUGET, 1997).

Cada comunidade ou país é possuidor de pertença através de signos positivos, tais como, por exemplo, a língua, os costumes, valores e significados, e, também, das pequenas diferenças. Entretanto, pelo diferente, podem se tornar inimigos. Não é pelas pequenas diferenças, como refere Berenstein, Puget (1997), mas pelas grandes diferenças que acontecem as separações, guerras, etc. Assim, o temor da diferença pode se dar por ser ela algo que representa a seguinte configuração: a diferença precisa ser eliminada antes que venha a ser algo pelo qual se possa ser eliminado.

Ainda os mesmos autores lembram que há um investimento recíproco entre a comunidade/grupo e cada um de seus membros. Isto se constitui num vínculo primitivo: é um investimento no conjunto.

Na relação que existe entre pertença e lugar, este último corresponde a uma representação de espaço e tempo (que, na fantasia, está superposta). O lugar ocupado pelo ego, assim como pelos outros, passa a ser revestido de uma qualidade: a de reconhedores do lugar. Entre ambos, ego e outros, surge a necessidade de permuta. Há um sentimento de propriedade. Entre os componentes do grupo há um espaço que não é concreto, no qual, ao mesmo tempo, os indivíduos estão ligados entre si e separados uns dos outros. Se ligam pelo que têm em comum, e também este espaço possibilita manter uma diferenciação entre si e entre o que é o grupo e o que não é. Neri (1995) refere que este espaço comum entre os membros do grupo está diretamente vinculado ao sentimento de pertença. Portanto, a pertença do eu é mais ampla do que o limite geográfico, lingüístico e religioso. O sentimento de pertença é mudo e só é evidente quando há unidade. Sendo assim, é imprescindível a pertença para sustentar a relação com a família, com o pequeno grupo, com a classe e com o social. Na pertença há uma maior integração ao grupo, como refere Pichon-Rivière (1986), quando diz que a pertença é o que torna possível a planificação, a cooperação e a contribuição para o grupo, mesmo sendo silenciosa, exercendo diferentes papéis.

Outro aspecto importante da pertença é que o amor e a amizade estejam presentes entre duas ou mais pessoas. Estabelece-se, assim, uma relação afetiva mais íntima e prolongada, embora, junto com esta, possa haver outra natureza de sentimento, qual seja, de hostilidade, o que nem sempre é percebido em função da repressão. (BERENSTEIN, PUGET, 1997). Lembrando que Freud (1930), em *Mal Estar da Civilização*, considera que, embora

haja uma inclinação agressiva, que, de alguma forma acaba perturbando os vínculos com as pessoas próximas, há também, na cultura, a possibilidade de diminuí-la, dispendendo este excesso de energia através do deslocamento para outras comunidades. Aqui pensamos ser imprescindível a pertença para manter os laços.

Em *Psicologia das Massas e Análise do Ego*, Freud (1921) usa a fábula dos porcos espinhos (de Schopenhauer)³ para exemplificar a necessidade que a pessoa tem de estar próximo do outro (Eros), ao mesmo tempo se manter separado (Tanato). Isto exige encontrar um ponto adequado de vinculação, sem perder sua identidade e sem se perder nos outros: isto se relaciona com a pertença aos grupos e a comunidade.

Então, podemos pensar em Foulkes e Anthony (1972, p. 17) que mostram de forma clara que um aspecto importante na vida da pessoa é a participação, “o sentimento de fazer parte de alguma coisa., isto é, ser membro respeitado e efetivo do grupo, ser aceito, ser capaz de compartilhar e participar. Nenhuma saúde é possível sem isto”. Este sentimento de pertença precisa ser constantemente reconhecido na atualidade do sujeito, pois que não é adquirido de uma vez para sempre. Este reconhecimento é confirmado por uma pessoa ou por pessoas privilegiadas (reconhecidas como privilegiadas), às quais se outorgam valores (BERENSTEIN, PUGET, 1997).

A pertença traz sempre um tanto de ilusão necessária à manutenção do grupo, mas, quando o grupo não responde à toda necessidade da pessoa, não oferece esse lugar idealizado, esperado, surge a ferida narcísica, e, só então, se reconhece que o grupo/instituição não é feito para um. (SELVATICI e col., 1996). Para Brande (1997) o pertencer a um grupo ou instituição sempre traz sofrimento. Não é o grupo ou instituição que sofre, mas, sim, o que em cada uma das pessoas é a instituição (KAËS, 1989). Muitas vezes, os sujeitos exigem mais do que o grupo pode oferecer, ou, ainda, desejam uma incondicionalidade na oferta, quando, então, o sofrimento se fará presente, para romper com a pertença, ou para que as pessoas percebam que a pertença exige certo grau de renúncia. A pertença impõe este certo grau de renúncia para que o vínculo se mantenha, o que pode criar a ilusão de segurança em um lugar compartilhado. Isto defende e organiza o vínculo. É claro que o excesso de renúncia de alguém, a identificação maciça, em função de sentir que sua pertença é essencial à vida de grupo, pode levar à negação de seu mal estar, o que implica em excesso da renúncia subjetiva. Portanto, a renúncia não pode ser excessiva, pois a pertença se tornaria indiscriminada,

³ Resumidamente a fábula mostra o seguinte: a necessidade de que os porcos espinhos tinham, quando estava frio, se aproximar, para aquecerem-se, porém, quando se sentiam feridos pelos espinhos dos outros, tinham a necessidade de se afastar. Se afastando em demasia, passavam frio. Precisaram, então, aprender a tomar uma certa distância suficiente para encontrar uma separação e uma proximidade adequada.

indiferenciada, chamada, por M. Bernard (1995), de “identidade por pertença.” Nesta, a pessoa não se sente e não é autônoma, assim como nem reconhece os outros como autônomos, características que definem a pertença isomórfica, de Kaës (1994).

Este autor refere, também, a pertença homomórfica, que é a pertença que estamos mostrando, aquela que discrimina, que diferencia, que tem crítica, a que Puget e Berenstein (1988) chama de “pertença madura”. Há uma diferença em “ser pensado”, que é a pertença madura, e “ser anulado” pelo outro na busca de ampla semelhança. Buscar as semelhanças, sem respeitar, só tolerar o que é conhecido e comum, e buscar a completude narcísica e não a suplementação e complementação nas diferenças, não é pertença madura. Neste paradoxo entre a obrigação de pertencer e a opção de escolha, a pessoa pode eleger a forma e o modo de pertença. Mas, também, ao contrário, pode haver um déficit de renúncia (quase nunca renunciar). Estes dois aspectos levam a uma vivência de constante continuidade e descontinuidade. Selvatici e Col. (1996, p. 171) salientam que uma pertença aberta e criativa apresenta algumas características: “um quantum de renúncia adequado, reconhecimento de necessidade de renúncia, o reconhecimento do que cada um recebe, um vínculo crítico que permita a dúvida, porém, também a ilusão, a busca e também o encontro.” Embora as pessoas saibam que os grupos, como as instituições, sigam se modificando, não oferecendo tantas garantias de estabilidade e de continuidade (psíquica e social), ainda assim, a pertença a estes conjuntos transubjetivos se mantém como fonte de subjetivação, de benefícios narcísicos, possibilitando melhor suportar os limites e a impotência. Esta dialética inclusão / exclusão gera subjetividade, mas, nem sempre de inclusão, pois, às vezes, gera discriminação e revolta (SAWAIA, 2002). Elas aparecem no dia-a-dia do sujeito através da sua forma de ser, sentir, reagir, ter consciência. A exclusão estabelece uma relação direta com a inclusão, se movimentando dialeticamente, num movimento em que uma não existe sem a outra, como também veremos no capítulo dos Organizadores Grupais, quando se referem às contribuições de Sandler (2001). Este paradoxo pode ser paralisante para quem pretende compreender. Se, por um lado, temos um discurso de inclusão, por outro, estamos tão arraigados a modelos anteriores que isso se traduz numa luta constante. Por inclusão social, entendemos o processo pelo qual a sociedade é capaz de aceitar as diferenças, de valorizar cada pessoa, possibilitando convivência e aprendizagem. Esta é uma sociedade em transformação.

Então, para um grupo se manter em movimento, é preciso que tenha “aspirações” (BARRIGA, 1982). A aspiração está relacionada com a coesão, a conformidade e a motivação. A aspiração implica meta. Quando a motivação tem uma meta precisa, essa motivação é a aspiração.

Segundo a designação deste autor, as “aspirações do grupo” são dinâmicas. Um grupo é uma realidade dinâmica e não estática e, segundo ele, o grupo é determinado por uma série de expectativas de cada um de seus membros, enquanto pertencentes ao grupo, e pelas expectativas do grupo como tal. Estas aspirações comuns movem o grupo e cada um de seus participantes, como integrantes do grupo. Um grupo estático é considerado sem aspirações. As aspirações é que provocam mudança, tornando-o móvel. O grupo não nega a riqueza do indivíduo, embora, às vezes, possa negá-la, assim como, também, potencializá-la. A aspiração do grupo é resultado da interação das aspirações de seus membros, podendo acontecer que alguns membros estejam no grupo porque coincidem as suas aspirações com as dos demais, embora alguns possam estar nele inseridos pela idéia de influir nas aspirações do grupo, a partir das próprias. Quanto mais as responsabilidades pelas aspirações do grupo são compartilhadas, mais se modera o grupo, o que auxilia em suas propostas. É o que contrapõe a utopia e a desilusão por não atingir o objetivo proposto. Assim, possibilita-se ficar mais próximo da realidade, sem estabelecerem-se metas inatingíveis ou, então, traçarem-se metas fáceis demais, a fim de evitar o fracasso. Trabalhar eficazmente pelas metas do grupo e trabalhar pelas próprias metas levam ao sentimento de pertença. As aspirações são complementárias. É por isso que o membro se sente pertencente ao grupo. As metas devem ser objetivas e claras, pois assim as pessoas trabalham com coesão, já que a confusão cria desajuste entre os membros. O contato com a realidade é o que ajuda os grupos a terem níveis de aspiração dentro do razoável e do possível.

Portanto, entendemos pertença como sendo o sentimento de fazer parte “do dentro” de um grupo, de identificar-se com os objetivos, acontecimentos e esperanças deste grupo. Saber-se incluído e saber da inclusão dos demais em seu mundo interno e externo, ter prazer e valorização de saber-se parte do nós do grupo, faz com que os membros se sintam como grupo.

Levando-se em consideração que a pertença é fundamental para a manutenção do grupo, pensamos que a organização grupal, que seja sustentada pela pertença, levará seus membros para além de sua manutenção, para o crescimento, coesão e subjetivação de cada elemento que o constitui. Tudo isto possibilitará novas pertenças, em novos grupos.

Expostas as diferentes idéias de vários autores sobre o tema e nossa conceituação sobre pertença, que é o objeto desta pesquisa, cabe retornar ao objetivo, que é compreender os processos que possibilitam a construção da pertença nos grupos psicológicos. Encontramos alguns processos vistos como conjunto dinâmico da situação, função da interação de seus membros (GARCIA DE LA HOZ, 1993), tais como os organizadores grupais, o vínculo da

amizade e o lugar (visto como espaço potencial). Muitos processos poderão ser encontrados ao examinarmos o material e na análise dos dados. Estes foram os que mais nos mobilizaram e tentaremos compreendê-los teoricamente a seguir.

1.1.1 Organizadores Grupais

Para existir e persistir, a pertença impõe inter-relações entre os componentes do grupo, assim como uma certa organização, que lhe vai conferir sentido. Entendemos que todos os grupos apresentam uma determinada organização grupal, que engloba todos os elementos que a compõem e que possibilitam atingir o objetivo fundamental, que é a existência do grupo. Assim, organização grupal é entendida como a constituição, propriamente dita, do grupo. É o estabelecimento da ordem de seus elementos necessária para sobrevivência e crescimento do grupo e de seus membros, definido-se como um conceito abstrato, que se faz presente em todos os autores, estudiosos que se dedicam à temática de grupos humanos.

Para nós, a organização grupal coincide com o conceito de cultura do grupo trazido por Bion (1974), qual seja, a cultura do grupo é a resultante do interjogo entre mentalidade grupal e o desejo de cada pessoa. Desta forma, a mentalidade grupal funciona como uma unidade. É a atividade mental coletiva das pessoas reunidas em determinado momento; é formada pela opinião e desejo de todos. Portanto, cada pessoa contribui, no grupo e para o grupo, de forma inconsciente e anônima. Ao mesmo tempo, os membros do grupo tentam assegurar que este grupo funcione de acordo com os supostos básicos que serão descritos posteriormente. Pode-se considerar a mentalidade grupal, então, como o recipiente, o continente dos conteúdos que são fornecidos pelo suposto básico ativo naquele momento (KORDON, 1995). Destaca-se que a mentalidade grupal pode estar em conflito com os desejos individuais, o que gera uma oposição entre a parte e o todo – indivíduo e grupo. O resultado deste conflito é a Cultura de Grupo. Bion (1974) diz que a referida cultura é o resultado ou estrutura que um grupo consegue produzir, em dado momento. Assim, a mentalidade seria o enfrentamento da parte – todo, do interpessoal – intragrupal, enquanto a cultura seria uma organização mais ampla (transpessoal).

Desta trama que compõe a organização é que vão surgindo os líderes. A estrutura dos papéis pode ser pensada como o subproduto da Cultura. Kordon (1995) sugere que o conceito de cultura de grupo leva em conta a estrutura que o grupo adquire em determinado momento, as tarefas a que se propõe, a disposição estabelecida para atingi-las e a maneira como aparecem os conflitos dos participantes em relação àquela estrutura, bem como à estrutura da mentalidade grupal (BION, 1974).

A partir destes conceitos, pensamos que a organização grupal é uma cultura de grupo, que implica “elementos” coletivos (mentalidade) e “elementos” individuais. Esta organização grupal tem uma estrutura, que são os dispositivos de um sistema e compreende elementos como: os participantes, o enquadre, os objetivos, a tarefa. A estrutura refere-se à rede de inter-relações das partes que formam o todo, num sistema e as suas funções para manutenção desta estrutura. Por outro lado, pensamos que, na rede, ela interliga as partes, os elementos (o enquadre, a tarefa, os objetivos, os participantes) que formam o sistema grupo, e essas mesmas partes que formam outros sistemas fora do grupo. Essa estrutura não é necessariamente rígida. A mudança na estrutura do grupo não implica desorganização absoluta, que leve à falência do grupo. Sua estrutura está sendo concebida como dispositivo de um sistema, ora estável, ora instável, isto é, dinâmico (lembrando organização/desorganização ou acomodação – acomodação, adaptação – movimento constante).

Ainda podemos dizer que, frente às necessidades do grupo, seus membros vão exercer determinadas funções nesta estrutura, ou o grupo, como unidade de sistemas, vai exercer também determinadas funções no ecossistema. Estas funções, exercidas pelos membros ou pelo grupo, levam a uma forma de funcionamento grupal, que se estabelece numa determinada estrutura. E é precisamente nesta estrutura que acontecerão fenômenos de grupo, que modificarão as necessidades e que, com isto, modificarão as funções e a estrutura, surgindo, assim, novos fenômenos seqüencialmente.

Portanto, o funcionamento do grupo depende da função que exerce (ou executa) cada membro, naquele momento, para satisfazer às necessidades emergentes do grupo e dos indivíduos e suas sobrevivências. Cada necessidade vai criar sua função para realizá-la, pois função é o resultado da adaptação ao exterior, isto é, a busca da sobrevivência do grupo e a realização da tarefa. Algumas funções auxiliam a adaptação – acomodação, desequilíbrio. Para este exercício, os membros do grupo assumem diferentes papéis (que veremos adiante), bem como o grupo assume papéis também diferenciados na sociedade.

Os fenômenos de grupo constituem-se, desta forma, naquilo que acontece com e no grupo, já que não os examinamos e os descrevemos apenas como exemplos de algo concreto, que vem do exterior, mas como fenômenos oriundos da reflexão de seu conteúdo, do conhecimento de seu significado, ainda que sem prescindir das condições externas que também os constituem. Alguns fenômenos de grupo podem ser considerados organizadores grupais, como veremos a seguir.

Estes fenômenos são acontecimentos ou situações (FOULKES, ANTHONY, 1972) que surgem no grupo frente às necessidades apresentadas por seus membros, e às necessidades do grupo frente à ansiedade e frente ao desejo de atingir a tarefa.

Para Foulkes (1986), o problema fundamental da vida do grupo relaciona-se aos meios e modos pelos quais as vantagens psicológicas da vida individual podem ser introduzidas na existência do grupo. O fundamental, aqui, é que essa vida individual não pode anular as vantagens do grupo. Não há dúvida de que, nos primeiros estágios de um grupo, atuarão as desvantagens para o grupo, até que ocorra a integração das vantagens individuais e grupais. Isto fica evidente no início dos grupos, mas também ocorre em outros momentos. Depois de um período de desvantagens psicológicas para o grupo em função da supremacia das vantagens psicológicas individuais, as vantagens grupais voltam a afirmar-se, superando-se a reação de pânico. Essas vantagens incluem sentimentos de companheirismo, pertencimento, apoio e proteção mútuos, alívio de culpa pessoal, intensificação das sublimações e a experiência da tolerância e da compreensão.

Em todo o grupo, acontecem fenômenos que auxiliam ou dificultam o elo de ligação entre as pessoas. Estas, embora desejem manter a tarefa e o elo de ligação, por maior força propulsora que tenham em direção à coesão, enfrentarão, também, forças contrárias. As forças dificultarão e até poderão impedir a realização do que está sendo proposto. Estes fenômenos podem ser organizadores para o grupo, como explica Zimmerman (1993, p.53), esta coesão está diretamente ligada ao sentimento de pertença, o que “[...] implica no fato de cada pessoa do grupo ser reconhecida pelos outros como um membro efetivo.”

Partindo desta compreensão se faz necessário saber o que consideramos organizadores grupais. Para nos introduzirmos neste conhecimento é de fundamental importância, no sentido de construção, de sustentáculo, que pensemos nos organizadores, conforme eles são apresentados por Spitz (1996). Então, para introduzirmos o assunto em questão, cabe lembrar que Spitz (1996) referiu o sorriso do bebê como o primeiro organizador (no desenvolvimento infantil). Vários autores, como por exemplo Kães (1997) tomam esta idéia para pensar os organizadores grupais. Assim, cabe ressaltar aqui o que entendemos por

estes organizadores. Iniciemos pelos achados de Spitz (1996), referindo que a boca é o órgão que forma o primeiro elo de contato entre o modo vegetativo de vida e o início de orientação sensorial, isto dito, para mostrar que, no recém-nascido, a boca é a única adaptada à função de relação com o mundo exterior. Neste período oral existe um componente libidinal/afetivo e um componente cognitivo. O autor reforça a idéia de que, para que aconteçam estas duas funções é necessário um sistema nervoso funcional, que é cinestésico e diacrítico (sensorial). Estes sistemas regem a maturação.

Estamos expondo estas idéias para chegarmos ao ponto que nos interessa: os Organizadores. O sorriso é visto por Spitz (1996) como o primeiro Organizador. É nele que nos centramos. O autor quer dizer que, para chegar ao sorriso, existe a necessidade de amadurecimento: da mobilidade facial (sistema cinestésico), da mielinização, do sistema sensorial e ainda, uma articulação entre a necessidade e a satisfação. Portanto, é este conjunto que possibilita o sorriso, que é uma resposta voluntária frente a um estímulo (sorriso do outro). O bebê aprende a interpretar este sistema de sinais, que é a mímica. Para chegar a este sorriso, pensamos ser necessário que se configure uma série de organizadores, em cada conjunto cinestésico, sensorial, relacional, perceptivo. Assim, pode surgir este organizador (o sorriso), que demonstra uma evolução, amadurecimento, isto é, que, aos poucos, pode chegar a um organizador mais elaborado. Se produz um fenômeno capital no âmbito da vida afetiva: a criança sorrir, frente ao rosto humano. Este é o sorriso motivado pelo mundo exterior, provocado (diferente do sorriso proprioceptivo). Além disto, o sorriso representa um bebê gracioso, que recebe mais atenção, mais afeto, o que favorece progressos ulteriores.

Baseados em Spitz (1996) entendemos por organizadores grupais o resultado da integração de diferentes fenômenos, funções, papéis e estruturas presentes no grupo formando uma nova organização com um nível de complexidade maior. Com isto se produz novos e diferentes comportamentos dos membros do grupo e dos fenômenos grupais. Um organizador serve de base para o próximo e assim ocorre sucessivamente. Esta nova organização formada pelo organizador possui características diferentes dos elementos que a constituíram.

Até aqui, procuramos oferecer uma idéia geral, expor alguns conceitos sobre grupo e sobre o que entendemos por organizadores grupais, que utilizamos em nosso trabalho. Na seqüência, faremos uma descrição do pensamento dos autores revisados nesta pesquisa, a fim de buscar uma compreensão maior do que consistem os organizadores grupais, em cada um deles. Iniciamos com Freud, depois com Bion, Foulkes, Pichon-Rivière, Decherf, Kaës e Seminotti para, finalmente, indicarmos pontos de conexão entre estes autores.

1.1.1.1 Freud

Iniciamos por Freud, por ter sido o primeiro a nos fazer pensar os fenômenos que acontecem nos grandes grupos, nas massas. Embora não tenha diretamente expressado conceitos sobre “organizadores grupais”, entendemos que alguns dos seus conceitos podem ser considerados neste sentido. Restringimo-nos a um assinalamento das principais idéias, nos principais textos em que Freud tenta entender a gênese dos grupos.

Em *Totem e Tabu*, Freud (1914), o autor assinala que a identificação no sentimento de culpa da fratria é que possibilita o agrupamento social civilizado. Nesta ótica, salienta que a instituição de sua função paterna está na origem da humanidade (dos sentimentos que nos tornam humanos), revelando a necessidade dos homens de uma lei externa transcendente, que se manifesta na organização social, nas restrições morais e na religião. Deste sentimento de culpa surgem as relações de aliança e solidariedade, de um Estado de natureza a um Estado de direito, onde a lei substitui o arbítrio total. Esta criação do social, oriunda do sentimento de culpa, é acompanhada pela expressão de sentimentos complexos, tais como: o amor, a veneração e a amizade.

Neste texto Freud (1914) revela, ainda, que a família e a aceitação da filiação organiza o social e possibilita a civilização, na medida em que proíbe o incesto. O Complexo de Édipo, portanto, constitui o eixo, através do qual se estrutura a cultura (pois ele é a manifestação da repressão dos desejos incestuosos).

A continuidade da vida social é assegurada pelos vínculos estabelecidos pelas pessoas, pelos grupos, pelas instituições e pelas sociedades; através da renúncia necessária, da impossibilidade da renúncia definitiva das pulsões agressivas e do desejo de incesto, do sentimento de culpa pelo assassinato do pai, responsável pelo surgimento da consciência moral.

Em *A Psicologia das Massas e Análise do Ego*, Freud (1921) fala de nossa fragilidade, de nosso desamparo infantil e da nossa necessidade de possuir um líder divino que nos garanta proteção e gratificação pelos nossos sacrifícios, nossas renúncias. Entendemos que este vínculo oferece um espaço para o asseguramento e isto constrói a pertença. Ainda neste texto, aparece a nossa inevitável inserção nos grupos, desde nosso nascimento. Na vida mental do indivíduo sempre existirá um outro, que poderá ser um modelo (ideal de ego, como pai bom, sadio, justo, com igualdade de amor com todos os filhos), um objeto (escolha libidinal), um auxiliar (um amigo) ou um oponente (um inimigo,

um rival). Neste texto, Freud (1921) aponta para três tipos de fenômenos psíquicos: os processos narcisistas, nos quais o outro é visto como objeto do meu desejo (psicologia individual); os fenômenos sociais, nos quais o outro é visto como separado, diferente e passível de convivência (um amigo, psicologia dos grupos); os fenômenos de massa, nos quais os sujeitos se confundem e se fundem nos seus inconscientes, de forma indiferenciada (psicologia das massas).

A manutenção destes grupos depende da dessexualização do vínculo, ou seja, da inibição da pulsão sexual na sua finalidade. Desta forma, o amor passa a funcionar como um fator civilizador, possibilitando a passagem do egoísmo ao altruísmo.

Em *O Futuro de uma Ilusão*, Freud (1927) aponta para a necessidade de os homens venerarem seus deuses, com a ilusão de que, com isto, afastarão seus medos dos perigos da implacável natureza. A ilusão dentro dos grupos nada mais é do que um conjunto de desejos inconscientes de todos os membros do grupo, fator que leva à identificação dos pares na aspiração de ser protegido e consolado, de obter a vida eterna e “ser feliz para sempre”.

Em *O Mal Estar na Civilização*, Freud (1930) apresenta uma nova forma de ver a coesão nos grupos. Constata que a união, dentro de um determinado grupo, depende da existência de um “estrangeiro” – depositário da agressão. Conforme esta configuração é possível cultivar o amor entre os membros do grupo e projetar todas as pulsões agressivas e destrutivas para fora de si e dentro do grupo, considerado adversário. Podemos ver que, para Freud, a felicidade pode também ser encontrada através do amor. É possível juntar um considerável número de pessoas no amor, desde que sobre outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade (*Narcisismo de pequenas diferenças*, 1930).

Afora este mecanismo, a civilização exige dos homens a renúncia de seus instintos naturais: o incesto, o desejo de matar e o canibalismo. A força que mantém a civilização resulta das vantagens que as renúncias (do incesto, do desejo de matar e do canibalismo) oferecem, isto é, os confortos que a própria civilização oferece: conforto físico, alimentação garantida, ajuda recíproca, segurança para a manutenção da família, confiança de que, no grupo social, haverá maior possibilidade de conquistas e de sobrevivência. A sublimação do instinto constitui aspecto relevante do desenvolvimento cultural, responsável pelas atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas, o desempenho de um papel tão importante na vida civilizada. A civilização permanece viva, na medida em que seus membros sentem-se reconfortados com o vínculo social. Quando este falhar, Freud (1930) prevê que os instintos naturais do homem recrudescerão, comprometendo a viabilidade da civilização (a civilização pode ser descrita como a luta da espécie humana pela vida).

1.1.1.2 Bion

Retomando Bion (1974, p. 53), a existência de uma “mentalidade grupal” ajuda a compreender e a diminuir as tensões. Mentalidade grupal, como vimos, “[...] é a expressão da vontade do grupo e da expressão da vontade a que cada indivíduo contribui anonimamente”. Este fenômeno da vida mental do grupo coloca os objetivos individuais num segundo plano. Aos conflitos entre a “mentalidade grupal” e os desejos do indivíduo, Bion (1974) chamou de cultura de grupo. Neste último, existe a consciência de que o grupo precisa ser preservado, bem como as pessoas e, para isso, os participantes se tornam solidários, cooperativos.

Assim, pode-se pensar nas contribuições de Bion (1974), quando o autor refere, nesta oposição, aquilo a que chamou de Grupo de Trabalho (consciente) e Grupo de Suposto Básico (inconsciente). O mesmo autor refere, ainda, que todo o grupo opera nestes dois níveis, que são simultâneos, opostos e interativos. Procuramos, por isto, expor conceitos sobre Grupo de Trabalho (GT) e Grupo de Suposto Básico (SB), tanto sob o ponto de vista de Bion, como de demais autores, seguidores de Bion.

No Grupo de Trabalho, o grupo se reúne para fazer algo, ligado à realidade. O Grupo de Trabalho, assim, atua para modificar a realidade. Existe uma organização e uma estrutura real, que se propõe à execução de uma tarefa com eficácia. O Grupo de Trabalho opera de acordo com as leis do processo secundário. Nele, não há regressão; há o reconhecimento dos limites e possibilidades; a frustração é tolerada; e são permitidas novas idéias (KORDON, 1995). Cada um coopera voluntariamente. Existe pertinência⁴ entre aquilo que se fala e a tarefa proposta. Assim entendido, o grupo de trabalho é racional e consciente. Cada participante se propõe a atingir a tarefa, de forma voluntária, e elege o líder, a pessoa que, em determinado momento é capaz de conduzir o grupo para atingir o objetivo ou a tarefa – o que pode ser visto como uma atividade egóica do grupo – ligada ao princípio da realidade. Esta atividade egóica do grupo depende da cooperação consciente de todos (CAPARRÓS, 1993).

Bion (1974) refere que há outro nível de funcionamento do grupo, dominado pelas emoções, que seriam os grupos de Supostos Básicos - SB. Estes não dependem da cooperação consciente entre os membros, como o anterior, mas das necessidades emocionais de cada um, que os levam a se agrupar frente à pessoa que melhor poderá representá-los. Nos grupos de Supostos Básicos, está presente a valência – “força que une” e que cumpre com a

⁴ Pertinência - Para Pichon-Rivière (1986) pertinência é a capacidade de se centrar na tarefa, romper, vencer a resistência, segundo Berstein (1986), é a elaboração.

mesma função da cooperação no Grupo de Trabalho. A valência (V) é a capacidade de as pessoas combinarem-se, instantânea e involuntariamente. Pode ser positiva (quando é alta) e negativa (quando baixa), segundo cada membro. Podemos exemplificar: cada pessoa pode se ligar mais rapidamente com a situação de Dependência (V+) e menos, com a de Luta e Fuga (V-). O grupo tem uma fantasia subjacente e unitária, como uma crença emocional da qual todos participam e de onde surgem os três Supostos Básicos: Dependência, Luta/Fuga e Pareamento. Nestes, elegem um determinado líder, conforme as necessidades e crenças emocionais das pessoas. As emoções, em cada um destes Supostos Básicos, são: de espera ideal pelo líder e de temor no sentido de que o líder não cumpra sua função de reprodução, no Suposto Básico de Dependência. No Suposto Básico de Pareamento, a emoção é a esperança, sentimento oposto ao ódio, ao temor. Nos SB de Luta e Fuga, as emoções básicas são a hostilidade, a força e o medo. Para Zimerman (1995), fica claro que as emoções básicas, como o amor, o ódio, o medo, as ansiedades, etc., estão presentes em qualquer situação. Porém, o que caracteriza particularmente cada um dos três Supostos Básicos é a forma como esses sentimentos vêm combinados e estruturados e, por isso, exigem um tipo de líder específico e apropriado para preencher os requisitos do suposto básico predominante e vigente no grupo.

O autor ainda refere que os Supostos Básicos (SB) funcionam nos moldes do processo primário do pensamento e, portanto, obedecem mais às leis do inconsciente dinâmico. Assim, os Supostos Básicos ignoram a noção de temporalidade, de relação causa-efeito, ou se opõem a todo processo de desenvolvimento e conservam as mesmas características que as reações defensivas, mobilizadas pelo ego primitivo, contra as ansiedades psicóticas. Zimerman (1995), ainda salienta que os SB estão apoiados em uma fantasia comum, coletiva.

O Suposto Básico de Dependência é o mais regressivo, pois necessita eleger um líder carismático para se sentir protegido, cuidado, alimentado material e espiritualmente. Os integrantes do grupo esperam do líder o asseguramento da sobrevivência. Os vínculos com o líder tendem a adquirir uma natureza parasitária, mais voltada para o mundo ilusório (ZIMERMAN, 1995).

O Suposto Básico de Acasalamento/Pareamento consiste no fato de que o grupo espera que, conforme a primeira descrição de Bion (1974), um casal do grupo gerará um filho “Messias”, que será o redentor de todos. Posteriormente, o conceito deste suposto básico deixou de levar em conta o sexo dos indivíduos envolvidos (daí a preferência pelo termo “Pareamento”). As esperanças messiânicas do grupo podem estar depositadas em uma pessoa,

uma idéia, um acontecimento, etc., que virá salvá-lo e fazer desaparecer todas as dificuldades. Nestes casos, o grupo costuma se organizar com defesas maníacas e o líder deste tipo de grupo deverá ter características messiânicas e de misticismo. Portanto, o sentimento é de esperança, não é de ódio, de destruição e de desespero, pois se espera que, de um casal do grupo, venha a nascer o “salvador”, que será o redentor de todos. Para este grupo é necessário que o líder não tenha nascido. Será uma pessoa ou idéia, que salvará o grupo. Segundo Bion (1974, p.123), “[...] a esperança só persiste enquanto permanecer esperança”.

No Suposto Básico de Luta e Fuga, o funcionamento do grupo está dominado por ansiedades paranóides (inconscientes). Por isto, parte ou a totalidade do grupo mostra-se defensiva e “luta contra” – tem uma rejeição contra qualquer situação nova, de dificuldade. Ou, então, seus integrantes “fogem” da situação, criando um inimigo externo a quem atribuirão todos os males. O grupo, assim, fica unido contra o inimigo “comum”. O líder que surgirá, segundo Bion (1974), deverá ter características paranóides e tirânicas.

Tanto Freud como Bion estudaram o fenômeno das lideranças; porém, eles partiram de perspectivas diferentes. Para Freud (1921), um grupo constitui-se como o emergente de seu líder (por exemplo: Jesus, introjetado pelos devotos, forma o grupo cristão da Igreja; um comandante militar encontra uma ressonância projetiva nos seus subordinados). Para Bion, de uma forma bem oposta, o líder é que se define como o emergente das necessidades do grupo.

Na fantasia inconsciente de seus membros, o líder do grupo dependente deve ser onipotente; o líder lutador tem de ser imbatível; o líder da fuga deve ser inaprisionável e o líder de acasalamento, embora perfeito, não é ainda nascido. Quando um amadurecido Grupo de Trabalho faz uso apropriado das suposições básicas, o líder do grupo dependente é apenas confiável; o líder do grupo de luta-fuga é meramente corajoso e o líder do grupo de acasalamento é simplesmente criativo (PY M. SILVA, 1986). Os grupos de Suposição Básica buscam satisfação instantânea dos desejos de seus membros e dos seus próprios desejos e estão orientados para dentro, no sentido das suas fantasias subjetivas e não para fora, em contato com a realidade objetiva. Há pouca ou nenhuma capacidade para tolerar frustração, pouco interesse em reflexão ou pensamento e uma ênfase muito grande nos sentimentos. Estão sempre funcionando numa tentativa de seduzir o líder, para que este abandone sua proposta de trabalho. Neste sentido, representam uma interferência para a proposta do grupo de funcionar como um Grupo de Trabalho (o atendimento de determinadas tarefas para as quais o grupo se organizou).

Bion (1974) diz que a estrutura psicológica do Grupo de Trabalho é muito forte e útil, pois, caso contrário, não teria vitalidade para sobreviver às emoções dos SB. Nos grupos

de Supostos Básicos, quando a cultura dos mesmos tem se estabelecido, os participantes começam a se sentir incomodados e, então, são capazes de modificar ou, ao contrário, se a “valência” é muito alta, permanecem no Suposto Básico. Não existe um conflito direto entre os três pressupostos e, sim, transições relativamente suaves entre um e outro, com a intervenção do Grupo de Trabalho. Quando os Supostos Básicos estão ausentes, não significa que são inexistentes, mas sim latentes, em certas ocasiões e por certo período. Então, os SB não ativos indicam que estão presentes, mas reclusos, já que eles não podem estar ativos simultaneamente.

Sandler (2001) propõe um quarto pressuposto, a que chama de Alucinação de Exclusão/Pertinência⁵ – que anota, simbolicamente, como grupo “A”, de pertinência, e “fora de A”, de exclusão. Segundo pesquisa do autor (ligada aos grupos de psicanalistas), a Alucinação de “A” e “fora de A”, dá lugar à inveja, à rivalidade, à mania e às lutas praticadas dentro dos grupos. Os “fora de A”, sentindo-se excluídos e bloqueados em suas aspirações, fazem o possível para se tornarem “A” e transformarem quem era “A” (os que alucinavam serem pertinentes), em “fora de A”. Em algum momento, isto pode acontecer. Este é um movimento inconsciente. O estabelecimento de regras, normas e códigos de conduta representa a esperança de que estes possam resolver os conflitos das inter-relações, no sentido de preservar seu lugar como “A”.

Sempre são eleitos líderes míticos; de preferência já mortos, pois assim não se tem como outorgar, ou não, o “status”. A verdade é desprezada e surge a injustiça e sofrimento entre as pessoas. Os incluídos (A) sentem-se vitoriosos, mas, ao mesmo tempo, isto implica sofrimento, pois esta é uma luta constante, no sentido de cuidar para que os “fora de A” permaneçam excluídos (fora de A), e assim, seja possível, preservar-se em “A”.

Sandler (2001) salienta alguns fatores do quarto pressuposto: subserviência ao desejo, desconsideração à vida e desconsideração à verdade (realidade). A subserviência do desejo define o princípio do prazer/desprazer contra o princípio da realidade; é a busca da evasão da dor e do prazer infundável. Já a desconsideração à vida é o desprezo ao que é vivo. Todo o investimento se dá no inanimado, no conforto material. O inanimado substitui, alucinatoriamente, o que é animado. – Quanto à desconsideração à verdade (realidade), esta se explica pelo fato de tornar os produtos alucinados da mente, fantasias de poder, superioridade, como substituto dos fatos. O autor exemplifica: “[...] as fantasias de poder expressam-se pela ação de manter a dignidade de uns à custa da indignidade de outros” (SANDLER, 2001, p. 913).

⁵ O autor utiliza o termo “pertinência”, no sentido que utilizamos neste trabalho a “pertença”.

E isto nos lembra o que Guareschi (2000) refere, embora em âmbito maior, quando diz que a construção de identidades sociais e culturais está em constante debate na Economia, Política, Cultura, principalmente, em função de grupos identitários não possuírem um reconhecimento social, por isso pensamos como sendo os “fora de A”.

Até aqui, vimos alguns organizadores grupais, sob o ponto de vista de Bion. Devemos considerar que Foulkes e Anthony (1972) assim como Bion, vêem o grupo como um todo, levando em conta que o todo compreende o conjunto das partes, com os respectivos opostos, contradições e diferenças. Estes autores Foulkes e Anthony (1972) não diferenciam Grupo de Trabalho e Grupo de Suposto Básico; percebem o grupo como um “todo social”, formado pela comunicação, pela relação entre os membros (que são uma parte deste todo de interação), e como um campo total a que chamam de Matriz Grupal.

Passamos, então, a introduzir as idéias de Foulkes e sua relação com os organizadores grupais.

1.1.1.3 Foulkes

Foulkes trabalhou e escreveu sobre diferentes tipos de grupo e centrou-se nos grupos analíticos, mas também seu olhar se estendeu para a compreensão dos grupos nascidos em uma sociedade.

Foulkes (1986) refere que, no grupo, a pessoa tem a ocasião de redescobrir-se e, para isto, vivencia com os demais membros do grupo um processo lento de mudança. Neste processo, diversas forças atuam, tanto de cada elemento do grupo, como do grupo, em sua totalidade. Essas forças são os agentes facilitadores de mudança. Este todo, para ele, é a situação - é um acontecimento total, já que o autor vê o grupo como uma miniatura do mundo (GARCIA DE LA HOZ, 1993). Então, todos os processos mentais interpessoais e transpessoais se influenciam mutuamente no grupo e na sociedade. Assim, o grupo forma sua própria rede, que é composta, ou o resultado de todas as redes individuais em que cada fio interliga cada nódulo (pessoas) com a rede (grupo). Qualquer elemento (nódulo) que se modifica acaba levando a uma mudança em toda rede. O “acontecer” nesta rede, Foulkes e Anthony (1972) chamaram de matriz. Portanto, nos grupos psicológicos, as pessoas vão estabelecer uma matriz grupal, um grupo que é uma matriz de relacionamentos e no qual os fatos que nele ocorrem representam os fenômenos interpessoais. A matriz social, então,

acontece na rede, sendo que esta é o local em que ocorrem fenômenos em todos os processos, os conflitos e seus significados, com sua própria intensidade e extensão. Este processo dentro da rede da matriz grupal é chamado de “localização”. A matriz é dinâmica, sempre em movimento e os participantes são os pontos nodais desta rede.

Este conceito de Foulkes (1986), a matriz grupal, consideramos um organizador grupal. Ribeiro (1995) a define como uma trama hipotética, de comunicação e de relação em um grupo. É tudo o que se passa no conjunto do grupo e é baseado, principalmente, nas comunicações verbais e não verbais. É como a mentalidade grupal, cuja matriz é dinâmica. Matriz é um conceito importante, pois remete à cultura, que determina profundamente a estrutura da pessoa, sendo que, na clínica, o autor a considera responsável remota pela psicopatologia. Desta forma, diz que o grupo adoce, o grupo cura. Levando isto em consideração (RIBEIRO, 1995), salienta que a matriz, nos grupos terapêuticos, é mais sensível, permissiva, flexível, não definida e livre, diferente da matriz cultural, que é menos flexível, livre e definida, embora o autor ressalte que a matriz cria uma nova cultura e recupera o sujeito autêntico.

Segundo Foulkes (1986), nessa matriz acontecem fenômenos de grupo, advindos dos processos de “comunicação” que se instalam. É através da “localização” que no grupo se percebe a matriz grupal. O autor diz que nesta matriz ocorre a reação de espelho. Destaca que esta situação de grupo, é como uma sala de espelhos, onde cada membro pode se conectar com suas diferentes imagens, psicológica e social, através do outro. Cabe lembrar, aqui, o que pensamos ser a concepção desta idéia. Winnicott (1975), quando fala sobre o papel do espelho do olhar da mãe, na constituição do sujeito, diz que, no momento em que o bebê olha para a mãe, ele se vê no olhar dela, porque a mãe o está vendo. Isto quer dizer que há uma harmonia entre seu interior e o que vê na mãe: se a mãe não é capaz de estar presente emocionalmente neste encontro, o bebê não se vê espelhado. Júlio de Melo Filho (1986) considera que estas observações referidas por Winnicott possam ser pensadas no grupo. Explica que cada membro vai refletir uma imagem real do outro e, também, o que vê com os seus olhos do inconsciente, do outro. Neste caso, Foulkes (1986) refere este fenômeno de espelho no grupo, em que cada participante entra de alguma forma, em confronto com sua imagem social, psicológica e corporal nesta “sala de espelho”. Ali, cada um percebe nos outros, aspectos seus, de seus comportamentos objetivos e subjetivos. A reação do espelho ainda ocorre, quando a pessoa, percebendo o comportamento dos outros, aprende a pensar-se e fazer uma imagem de si. Pode comparar sua imagem corporal, social e psíquica com as dos

demais e descobrir-se. Também pode olhar o outro e se ver no outro. Isto só acontecerá num setting adequado.

Pensamos que esta reação de espelho sempre acontece nos grupos, mas terá significado para cada membro se cada um descobrir partes escondidas de si e conseguir autoconsciência mais elevada de si e dos outros, podendo se diferenciar e distinguir-se dos demais.

Retomando matriz, ainda, encontramos outros fenômenos, como a ressonância, processo pelo qual os membros do grupo entendem a sua linguagem comum. Queremos dizer que um fato significativo de um membro (de forma inconsciente) vai ressoar em outro ou outros, como fatos igualmente significantes, os quais mobilizarão associações livres pluriexpressivos.

Juntamente com a localização, tradução e ressonância, outros fenômenos surgirão, como por exemplo, os diferentes papéis que nesta matriz circularão (que veremos em Pichon-Rivière).

Assim, existem situações, fenômenos, que são comuns aos grupos e que se reprisam sistematicamente, em forma de conflitos latentes e manifestos. Os conflitos têm origem individual – vivências singulares, de cada membro - e coletiva, como produto da matriz grupal. Consideramos estes conflitos básicos, referidos por Foulkes (1986), como organizadores grupais (embora o autor não enfoque este termo). Os processos conflitivos segundo o autor são: processo conflitivo de conformidade grupal; processo conflitivo de reação ante autoridade; processo conflitivo de dependência; processo conflitivo com relação à mudança.

Assim, o autor define os processos conflitivos de conformidade grupal: a pessoa, em sua vida inicial, passa por um processo de simbiose e de assimilação, de incorporação da realidade externa. Desde o início, então, se estabelece uma luta entre a preservação da individualidade e a necessidade de aceitar o externo, com as normas que o regulam. Pensamos que também ocorre assim o processo conflitivo do grupo.

Este processo, portanto, é justamente esta luta para manter sua individualidade e, ao mesmo tempo, a homeostase do grupo. Qualquer desequilíbrio no grupo gera medo de não saber se defender. “O medo de enfrentar o grupo e sua cultura os faz retroceder e optar externamente pelas normas estabelecidas” (RIBEIRO, 1995, p. 63). Este medo de se deparar com o todo do grupo e sua cultura leva a pessoa a optar pelas normas determinadas pelo próprio grupo do qual faz parte. “É a vitória da norma, do mundo externo, sobre o indivíduo” (RIBEIRO, 1995, p. 63). Nesta circunstância, a pessoa se sente dividida, dentro de si, entre

sua autonomia e individualidade e a exigência de ser grupo e se sentir pertencendo. À medida que se compromete com o processo, aprende a se libertar, se manifestando e diminuindo a culpa.

O processo conflitivo de reação ante a autoridade se instala pela introjeção dos ímago parentais, como figuras de autoridade, organiza e acompanha a vida da pessoa, influenciando na subjetivação e nos processos decisórios, em relação a si e em relação aos demais. Foulkes (1986) salienta que a pessoa quer se libertar da internalização da autoridade, pela ansiedade que ela provoca, estabelecendo o processo conflitivo. No ambiente facilitador, continente do grupo, a pessoa se permite por à prova este sentimento, atacando, criticando o líder, sem ser punido pela figura que exercerá este papel, o coordenador e/ou o líder. Ao mesmo tempo, a pessoa espera que se cumpra este papel conferido pela autoridade. Em função deste papel desejado não ser assumido pelo líder e de, também, não solucionar o conflito, se intensifica a ansiedade, surgindo, então, sentimentos ambivalentes. Os sentimentos hostis e de desconfiança ficam misturados com os sentimentos amorosos e de confiança. Este sentimento hostil dificilmente é total e intenso pelo medo interno, antes ligado à figura paterna, que era amado e odiado. E isto remete a um sentimento de culpa e necessidade de reparação (RIBEIRO, 1995).

No processo conflitivo de dependência, Foulkes (1986) lembra o desenvolvimento infantil, a dependência em relação aos cuidados e reforça a crença infantil do poder paterno. No grupo, a pessoa vai em busca deste onipotente, poderoso, que decide, indicando os caminhos. Entretanto, no grupo, não encontra esta situação idealizada, já que o líder ou terapeuta não assume este papel. Então, é preciso abrir mão desta dependência, caminhando por si mesmo, desenvolvendo a criatividade, sem tanto medo e culpa. Desta forma, os sujeitos descobrem-se capazes e fortes.

No processo conflitivo com relação à própria mudança, Foulkes (1986) salienta que no grupo, a pessoa deseja mudar, mas, ao mesmo tempo, surge o medo desta mudança. Pichon-Rivière (1986) define esse processo como resistência à mudança. Assim, o medo de não saber lidar com sua própria mudança, cria resistência.

O grupo respeita a evolução, as decisões, o caminho da pessoa, mas espera que se operem mudanças, pois não tolera que elas não ocorram. O grupo apoia seu lado mais saudável para obter forças de mudança. Muitas vezes, esta ambivalência grupal é tão intensa que chega a truncar a evolução do grupo.

Pensamos que os agentes facilitadores de mudança seriam as técnicas que este organizador grupal leva a pessoa a utilizar, como: a vontade de mudar, o querer, o falar, o se socializar, o “corrigir emocionalmente”, o libertar-se do sofrimento, o estímulo dos membros do grupo.

Tentamos explicar este “aqui e agora”, o momento, o lugar de encontro da horizontalidade dos grupos, a partir daquilo que Foulkes (1986) situa no conceito de Matriz e que Pichon-Rivière (1986) relaciona à assunção e adjudicação de papéis, conceitos que analisaremos a seguir.

1.1.1.4 Pichon-Rivière

Pichon-Rivière (1986) salienta que o grupo operativo é centrado na tarefa, cujo objetivo é aprender a aprender, capacitando cada membro para resolução das ansiedades e conflitos do campo grupal. No grupo, portanto, são fundamentais as noções de enquadramento, tarefa e papéis. Para o autor, tarefa é a elaboração e a resolução das ansiedades dos membros do grupo, relacionados às atividades e objetivos do mesmo, facilitando assim, a possibilidade de modificarem-se e, ao mesmo tempo, modificarem o meio e atingir sua finalidade. A tarefa é um agente de mudança. Na medida em que vão se centrando na tarefa há um rompimento de alguns estereótipos na assunção e adjudicação de papéis, produzindo-se, assim, modificações. Todos os membros, à medida que vão se centrando na tarefa, vão se diferenciando entre si progressivamente, isto é, caminham para a heterogeneidade de seus membros. Isto porque passam a não precisarem mais temer as diferenças e ao mesmo tempo encontram um objetivo comum. Assim acontece a homogeneidade da tarefa. A tarefa vai adquirindo prioridade no grupo. Cada pessoa leva ao grupo o seu esquema de referência, mas, através da interação, vai se estabelecer uma base comum.

Nesta organização grupal, surgirão fenômenos, que vão dar um significado ao que acontece e Pichon-Rivière (1986) salienta a importância da assunção e adjudicação de papéis, pelos participantes, como um organizador grupal. O grupo, de forma intensa, adjudicará diferentes papéis a cada um do grupo, desde o papel de Líder, no qual estão depositados os aspectos bons, ao de Bode Expiatório (em que estão depositados os aspectos atemorizantes do grupo), assim como de Porta Voz (explicita o conteúdo implícito) e de Radar (o que vai

detectar o implícito). Zimerman (1993) acrescenta a estes, outros papéis, tais como: Instigador (provoca perturbação, intriga), Atuador pelos demais (executa o que é proibido), Sabotador (obstaculariza o andamento da tarefa) e a Vestal (guardiã da moral e dos bons costumes).

Foulkes (1986), ao referir-se aos papéis assumidos pelos membros no grupo, também acrescenta outras denominações para caracterizá-los: além do papel de Bode Expiatório, acrescenta o de Estrangeiro (o de novo) e o de Historiador (RIBEIRO, 1995).

A assunção e adjudicação de papéis desempenham um “papel” fundamental, pois “[...] o grupo se estrutura sobre a base de um interjogo de papéis” (PICHON-RIVIÈRE, 1986, p.128). Este é um processo que se desenvolve em todos os grupos e sua importância está definida por exercer uma função de complementaridade dos papéis, que o torna funcional e operativo. Entretanto, na suplementaridade, o grupo empobrece, se esteriliza e reduz suas possibilidades de troca. Os papéis denunciam o acontecer do grupo. Consideramos a tarefa e a assunção e a adjudicação de papéis como Organizadores Grupais. Pichon-Rivière (1986) expõe conceitos sobre a verticalidade e a horizontalidade. Neste aspecto, a verticalidade é o que se refere à história da pessoa, enquanto a horizontalidade é o processo total que acontece no grupo, que leva à adjudicação de papéis e à assunção dos mesmos pelos membros do grupo. Em alguns casos, podem surgir subgrupos, que se comunicam dentro de uma estrutura vincular de via dupla. A existência de subgrupos é natural em toda situação grupal, mas, em certos casos, estes subgrupos adquirem características estáveis, rígidas, com tendência a estereotipia de papéis e uma única via de comunicação (PICHON-RIVIÈRE, 1986), o que impede ao grupo de chegar à tarefa. Para Catafesta (1996), os subgrupos, em parte, são necessários, já que o sentimento de identidade é sustentado pelo reconhecimento mútuo de seus pares. Assim, as pessoas se sentem mais fortalecidas e realizam discussões que não aconteceriam, se estivessem isoladas. Então, são como “participantes pertencentes”. Estes subgrupos sendo móveis não dissociam. (Veremos com mais detalhes adiante, em Seminotti (2000). Catafesta (1996), ainda ressalta que a ligação entre estes participantes está sustentada por uma teia de motivações e que, através dela e nela, interagem por meio de papéis que assumem. É nesta relação de troca, de diálogo e de aprendizagem mútua, que surge nos membros do grupo o reconhecimento de si mesmo e do outro.

O grupo adquire mobilidade através da tarefa, reforçando-se, possibilitando as decisões e intercambiando os papéis. Diante disto, a pessoa aprende, adquire e recupera seu pensamento discriminativo social, toma consciência de sua identidade e da dos demais.

Os papéis adjudicados podem ser prescritos. O papel é ditado pela necessidade do grupo e vai ser cumprido por aquele que o assume. Se coincide o papel prescrito com o assumido, há uma articulação. Alguns papéis são induzidos por fatores externos ao grupo, como os de sabotador ou conspirador. Estes assumem a missão de sabotar a tarefa e resistir à mudança. Os papéis são forças que fazem parte dos grupos e os organizam, assim como também o são as tarefas do grupo. Na tarefa, pode-se configurar uma nova situação, não mais a da estereotipia de papéis, mas a da rotação. Quando as pessoas adquirem maior confiança, se estabelece maior elasticidade, o que possibilita poderem assumir diferentes papéis, bem como, a autocondução do grupo. Desta forma, se obtém integração e diferenciação entre os membros do grupo, que adquire sua própria identidade e percebe seus limites. A alteridade aumenta e o grupo está na tarefa (há pertença, cooperação e pertinência).

A estrutura e função de um grupo estão no interjogo de mecanismos de assunção e adjudicação de papéis. Pichón-Rivière (1986, p. 123) esclarece: “Estes representam modelos de condutas correspondentes à posição dos indivíduos nessa rede de interação e estão ligados as próprias expectativas e às dos demais membros do grupo”. Assim, os papéis se ligam aos direitos, deveres, ideologia, aspectos que possibilitarão a coesão do grupo. Para o autor, o interjogo de papéis implica aprendizagem (veremos no capítulo sobre espaço potencial), que é o processo de apropriação instrumental da realidade, para modificá-la. Esta aprendizagem é de caráter social e de definição de papéis, já que o que é internalizado são as funções, descritas em forma de papéis.

Concluindo: um grupo operativo é um grupo com boa comunicação, com determinado enquadramento e centrado na tarefa. Cada pessoa exerce um papel; porém, isto ocorre com tal versatilidade que possibilita ao integrante assumir outros papéis, de acordo com a noção de complementaridade.

Explanamos as diferentes contribuições de Pichon-Rivière (1986) sobre o que consideramos Organizadores Grupais. Queremos acrescentar mais um subsídio deste autor que é o Enquadramento. Tomaremos o enquadre e *setting* como sinônimos (embora alguns não os considere desta forma) e exporemos alguns pontos de vista.

Os grupos (seus membros), ao se reunirem e se proporem a uma tarefa, se caracterizam pelo modo de funcionamento: é o enquadramento grupal. O enquadre se estabelece no grupo pelos seus membros e varia de acordo com os objetivos. O enquadre ou *setting* representa todos os procedimentos para a realização e organização do grupo, o que possibilita a existência do mesmo. É o conjunto de regras, normas e combinações do grupo e a constância em sua configuração. O enquadre é um facilitador para a pertença ao grupo. O

setting/enquadre deve possibilitar aos membros do grupo a liberdade e, ao mesmo tempo, a segurança. Portanto, o enquadre/*setting* é um conjunto de prescrições e proibições que marcam um espaço e um tempo em que será possível executar e cumprir uma tarefa. Berenstein e Puget (1997) reforçam que em qualquer atividade esta necessidade de enquadre é encontrada. E para estes autores, o enquadre constitui um recurso de profundo respeito ao tempo e ao espaço de cada um. O enquadre possibilita estabelecer princípios éticos, baseados na solidariedade, companheirismo, com o mínimo de privilégio dos desejos individuais.

O conteúdo não tem sentido sem forma, como disse Winnicott (1975). É importante ter ambiente controlado para que seja possível a criatividade e a espontaneidade. Também, no espaço potencial, está presente este espaço limite, que será visto posteriormente. O *setting* poderá ser um espaço potencial, sendo um ambiente facilitador. Este termo *setting* significa o espaço e o lugar onde possa estar contida toda a necessidade de experienciar (ABRAM, 2000). O *setting* grupal, mesmo compartilhado, permite a privacidade, a intimidade e o limite. E isto possibilita o ambiente de holding necessário. Então, o enquadre/*setting*, também é a função continente do grupo. Este ambiente com regras claras se torna facilitador para cada membro frente às angústias que surgem no grupo. Zimerman (1993, p.93) atribui ao *setting* um lugar importante no grupo, e diz que ele é “as regras do jogo, mas não o jogo”. Ainda acrescenta que o enquadre grupal não é passivo. O mesmo autor destaca, ainda, que o *setting* vai além das necessárias combinações práticas, ele possibilita a criação de um novo espaço em que serão reencenados velhos conflitos.

Na dinâmica grupal o enquadre está constantemente sendo questionado e ameaçado de ser rompido pelos membros do grupo. Por isto pensamos que a atenção na preservação e constância do enquadre facilitará a resolução das ansiedades, conflitos e o cumprimento da tarefa.

Até o momento discutimos, sob o ponto de vista de vários autores, os conceitos que consideramos organizadores de grupo, como mentalidade grupal, Grupo de Trabalho e de Supostos Básicos de Bion; matriz grupal e processos conflituos de Foulkes; noção de tarefa, de assunção e adjudicação de papéis e o enquadre de Pichon-Rivière. Embora os autores não utilizem claramente a denominação “organizador”, suas descrições encaminham para pensarmos como Organizadores Grupais. Agora analisaremos os conceitos de Decherf e Kaës, que utilizam o termo organizadores, para acrescentar sobre o assunto.

1.1.1.5 Decherf

Para introduzirmos a compreensão dos Organizadores de Grupo, como este conceito é pensado por Decherf (1986), iniciamos pela sua compreensão de grupo. Para o autor, o grupo induz a fantasmas arcaicos, principalmente de espedaçamento, de perda de identidade ou de simbiose. Frente a estes fantasmas, os participantes, então, utilizarão mecanismos para reagir frente à angústia provocada por eles. Assim, os fantasmas que surgem no decorrer do grupo, que mobilizam os participantes, exigem o uso de determinados mecanismos para suportar e levar o grupo à diminuição da angústia. Decherf (1986) chama estes mecanismos de “Organizadores” do grupo. Para o autor, são quatro organizadores: a sideração grupal/a busca da família ideal, a violência coletiva, a busca de um chefe e a busca de um bode expiatório.

1º A sideração grupal – fundir-se no grupo - é o fenômeno encontrado em todos os inícios de grupos terapêuticos, principalmente no primeiro grupo a ser realizado, embora isto se dê, também, no início de outras sessões. Aparece quando as pessoas não apresentam movimento e se observam discretamente, como se pressentissem “[...] que a situação de grupo irá fazê-los regredir para estágios pré-genitais e, em particular, fazê-los reviver angústias arcaicas ligadas à oralidade e ao espedaçamento.” (DECHERF, 1986, p. 78). O que é evitado pelos participantes é esta situação de vivenciar o grupo como um todo. Esta reação é um mecanismo de defesa coletivo, como mostra Decherf (1986). Os sujeitos se defendem da ansiedade provocada pela liberdade oferecida e pelos seus fantasmas, ficando petrificados com medo do novo, que já é velho.

Decherf (1986) salienta, ainda, que, após este movimento, aparece outro mecanismo, que é evidenciado pela busca da família ideal. Este é um mecanismo mais desenvolvido, do qual o grupo jamais prescindirá. Neste momento, o grupo passa a ser idealizado, aquele é o grupo melhor, cheio de compreensão, afeto, isento de sentimentos agressivos.

2º Violência Coletiva - Este é um mecanismo oposto ao anterior, pois que os participantes procuram saber até onde podem ir, buscam limites, ajuda e proteção para si e para os outros. Se, neste momento, ingressar um novo elemento, amplia-se esta atmosfera de violência, para mostrar ao novo o poder do grupo. Ao mesmo tempo, por identificação, os integrantes tentam anular as tensões e angústias, vivenciadas por cada um em sua chegada. Também esta é uma forma de demonstrar que a liberdade no grupo é excessiva. Surge o temor, pois evidencia-se o risco de que seus componentes se “matem uns aos outros”. Na

violência coletiva, as pessoas do grupo confrontam as regras, o horror de serem subjugados pela onipotência de suas pulsões, como um apelo à autoridade do terapeuta/líder, para controlar a situação. Lutam pela liderança, buscam um bode expiatório.

3º Busca de um chefe - Os mecanismos anteriores foram tentativas de realizações, mas a primeira, efetivamente realizada é a busca de um chefe, trabalho este de caráter coletivo, já que uma pessoa do grupo busca se afirmar, enquanto as demais buscam a submissão (mesmo que reclamando desse subjugo). Esta é uma atitude de defesa, frente à liberdade dada ao grupo. Possibilita a diminuição da ansiedade, pois o chefe exerce seu papel, transformando o grupo numa situação dirigida por ele, o que organiza o grupo. Os demais, em situação de cumplicidade (embora de forma inconsciente), favorecem esta ascensão e designação de papéis, como forma de buscar segurança e um objeto concreto. Trata-se da construção de condições que servem de alívio para a loucura e o medo.

Estes mecanismos têm as mesmas funções que os mecanismos de defesa do ego - reduzir a pulsão, “suprimir as representações” e buscar satisfação. No grupo, não é uma pessoa, mas são todos que se organizam para diminuir a ansiedade, ligada a este tipo de funcionamento. Neste caso, do grupo, a ansiedade é mais intensa, devido ao fenômeno de contágio, porque cada um reconhece e projeta no outro estas pulsões recalçadas.

Desta forma, o líder cria uma rivalidade edípica com os coordenadores, pois, assim, pensa eliminá-los temporariamente. O funcionamento pré-genital, que a situação de grupo favorece, com fantasmas arcaicos de natureza oral, transforma o mais arcaico em certa realidade. Portanto, por pior que seja o chefe, ele possibilita a transformação dos temores imaginários, como, por exemplo, a ansiedade, em medo, tornando-se mais fácil defender-se junto com os demais participantes. A isto, Decherf (1986) chama de busca de ideal. Se o chefe é bem aceito pelo grupo, será mais fácil tornar-se suporte para este ideal. Este mecanismo de defesa, a busca de um chefe, pode estar acompanhado de outro: a busca da tarefa - mais encontrada em grupos de adultos e adolescentes. Assim, os participantes canalizam a energia e agressividade para um ideal comum a todos, com o intento de diminuir a ansiedade e de impedir a associação livre.

Decherf (1986), assim como Pichon-Rivière (1986), salienta a importância da assunção de papéis pelos participantes, para a organização grupal. O grupo, de forma intensa, adjudicará diferentes papéis a cada integrante, como vimos anteriormente. Decherf centraliza estes papéis nos líderes, chamando-os de chefe. Ele apresenta três tipos de líderes, que surgirão no grupo: chefe megalomaniaco, o edípico e o herói.

4º Busca do Bode-expiatório - Para Decherf (1986), este papel é depositado na pessoa que tem um certo grau de evolução, pois os outros são deixados de lado. Em contrapartida, as pessoas bem adaptadas à realidade não assumirão este papel por muito tempo. No papel de bode expiatório, está a projeção e o deslocamento dos “maus” sentimentos, da culpa, da agressividade.

O mesmo autor refere que: “O grupo é o lugar de projeção ideal para os fantasmas” (DECHERF, 1986, p. 91). Cada pessoa do grupo busca projetar nos outros atributos que são seus ou que desejariam que fossem seus, ou ainda que os condenaria em si. Assim, cada um, no grupo, representa, para o outro, seus personagens reais ou fantasmáticos. Os indivíduos encontram, em qualquer grupo, os personagens que podem desempenhar, na realidade, o papel desejado por eles, a fim de corroborar com o desejo ou com os temores contidos em seus fantasmas. Decherf (1986) refere que são estes mecanismos que organizam o grupo, na construção do aparelho psíquico grupal: a sideração grupal/a busca da família ideal, a violência coletiva, a busca de um chefe e a busca de um bode expiatório.

O primeiro organizador é mais ligado à relação materna, em que aparecem mecanismos passivos, como a sideração grupal e mecanismos ativos, que é a percepção do grupo como família ideal. Os fantasmas são bipolares, isto é, de uma imago materna má (sideração) e uma boa (ilusão). Neste primeiro organizador, o grupo tem a tendência à isomorfia. Nega as diferenças entre os participantes e no grupo. O segundo organizador representa a função paterna, em que os integrantes do grupo buscam uma imago paterna substitutiva, no próprio interior do grupo. Buscam um líder e, correlativamente, um bode expiatório. Há um confronto com as regras, com o proibido, buscando a lei, os limites. Com o enquadre sólido, podem introjetar o grupo com suas normas, combinações e se constituem, então, o ego grupal. Decherf (1986) refere o terceiro organizador, afirmando que este surge de forma não tão rápida, como os dois primeiros. A imago paterna foi desempenhando um papel de organizador e os fantasmas aparecem relacionados com a transferência, a partir da liberação da cadeia associativa. O despreendimento, a liberação dos objetos, torna o grupo mais fluido, possibilitando que cada um encontre autonomia, podendo expressar seus fantasmas individuais. Revelam a necessidade de amor, de trocas objetivas e de um sentimento fraterno de solidariedade.

O funcionamento do grupo não é estanque, seguindo estes passos rigidamente. Aqui estão colocados desta forma, para fins didáticos. As pessoas, os grupos e seus fenômenos estão sempre em movimento, que pode ou não levar ao conhecimento de si, à resolução dos conflitos e à mudança.

1.1.1.6 Kaës

Kaës (1995) define organizador como sendo o resultado da integração dos processos inconscientes, das fantasias, das imagos, dos sentimentos, das crenças e tem como resultado a formação de uma estrutura nova em um nível mais complexo. Os organizadores psíquicos grupais além de inconscientes são complexos e mostram o desenvolvimento dos vínculos de agrupamento de forma integrada. Estão formados pelos principais processos e formas ligadas à realidade psíquica inconsciente.

Kaës (1995) distingue os organizadores intrapsíquicos do agrupamento (que pertencem ao aparato psíquico singular), dos organizadores inter-transpsíquicos grupais (que pertencem ao aparato psíquico do agrupamento). Os primeiros são impessoais, mas singulares – próprios do sujeito, e são atualizações das estruturas psíquicas já existentes, como a fantasia originária. Já, os organizadores inter-transpsíquicos grupais são produtos do vínculo grupal. É a realidade psíquica dos sujeitos do grupo. São impessoais, mas não individualizados, e contribuem para o sujeito singular, na formação e transformação da psiquê. Kaës relaciona estes organizadores com os Supostos Básicos de Bion, vistos anteriormente.

Os organizadores psíquicos da representação do grupo são constituídos pelos organizadores psíquicos grupais e organizadores sócio culturais. Kaës (1997, p.178) define os organizadores psíquicos grupais como “[...] relações de objetos organizados e articulados entre si de uma maneira coerente por uma meta de satisfação pulsional” São quatro organizadores psíquicos: do corpo, o fantasma originário, os complexos familiares e inagógicos, a imagem do aparato psíquico subjetivo. Quanto aos organizadores sócio culturais: a cultura e o social transformam os núcleos inconscientes da representação do grupo e têm a função de decodificar a realidade psíquica grupal. As representações ideológicas, utópicas científicas (sociais e culturais) produzem determinados modelos de grupalidade. Podemos lembrar Freud, (1921), quando refere a igreja e o exército e Bion (1974), quando introduz um terceiro: a aristocracia. Na organização, representam formas sociais idealizadas que funcionam em diferentes ordens: hierárquica, igualitária, democrática e com diferentes funções, religiosa, laboral, militar, heróica.

No grupo, podem aparecer tensões entre estes organizadores psíquicos grupais e os organizadores socioculturais, assim como existem conflitos entre organizadores intrapsíquicos e organizadores grupais.

O grupo interno são organizadores do aparato psíquico grupal. O grupo é que os coloca em cena e a construção deste aparato psíquico grupal se dá em função de que o individual foi construído com a interiorização de alguma organização grupal: “instância, fantasmática, identificações.” A fantasmática dos componentes do grupo é projetada, é trazida em cena, na situação grupal. Além disto, as fantasias originárias se organizam numa estrutura grupal, da mesma forma que o grupo está organizado, por vezes definitivamente, pelas fantasias entre si. A fantasia tem um papel estruturante no psiquismo individual. Assim também ocorre no processo grupal. Ela constitui um dos organizadores dos aspectos imaginários do grupo.

No espaço do grupo, ou, podemos dizer como Foulkes (1986), na matriz grupal, há um cenário onde estão representadas as problemáticas dos espaços intrasubjetivo, intersubjetivo e transubjetivo. Nesta situação de grupo estão presentes tanto as fantasias primitivas (fusionais), originárias e secundárias. Assim, as fantasias são dramatizadas neste cenário pelos membros do grupo e, então, passam a assumir sua função organizadora do processo grupal (KODAN, EDELMAN, 1995).

Nesta situação, podemos dizer que o grupo apresenta dois aspectos: por um lado, possibilita aos membros e ao grupo crescer, amadurecer, atingir o que estes se propõem (FOULKES, 1986, PICHON-RIVIÈRE, 1986). Ao mesmo tempo, o grupo favorece a aparição de fenômenos regressivos (desejos, angústias). Kodan e Edelman (1995), exemplificam que, nos primeiros momentos de um grupo, os membros vivem uma angústia primitiva, de não encontrar um lugar de reconhecimento em seu vínculo com os outros, vivem o temor de não estar e, simultaneamente, a necessidade de estar no desejo do outro. A isto, Kaës (1995) chama de angústia de não atribuição.

A dramatização das fantasias constitui uma pertença coletiva, mesmo que vivida pelos integrantes do grupo, individualmente, de acordo com sua singularidade (KODAN, EDELMAN, 1995). Na dramatização das fantasias quem assume cada lugar (papel) no grupo, o faz em parte por ter determinado caráter individual, como vimos em Pichon-Rivière (1986), a assunção e adjudicação de papéis. Cada membro do grupo tem determinadas fantasias, desejos e assume determinados papéis em várias posições. Também tenta que os outros assumam papéis que possam facilitar, colocar em cena suas fantasias. Como o conteúdo, estas suas fantasias podem ressoar e ativar as fantasias dos outros, o que os levará a assumir ou não papéis complementares no sentido de tentar pôr em cena as suas próprias fantasias. Entendemos isto, por ressonância. Como já foi destacado a partir de Foulkes (1986) uma fantasia, sentimento inconsciente de um membro, pode vibrar, ressoar em outro ou outros uma

fantasia semelhante, antagônica, complementar, etc... Este fenômeno de grupo e esta forma de cada um agir, funcionar, levará cada um a assumir papéis complementares, construindo uma estrutura de papéis que vai possibilitar, pela ressonância, uma cena vincular, que corresponde às fantasias secundárias de cada um.

Nesta relação, Kodan e Edelman (1995) fazem uma correlação com os Supostos Básicos descritos por Bion (1974), presentes nos grupos pela intensa regressão que o grupo provoca em seus participantes. O Suposto Básico de dependência e o de pareamento podem ser dramatizações de fantasias de fusão, da cena primária. No primeiro, há a fusão silenciosa com o coordenador e, no segundo, a fusão ou pareamento com outro do grupo. Já o SB de Luta e Fuga pode ser determinado por fantasias de castração.

Para que tudo isto seja estruturante para a pessoa ou o grupo, uma cena deve ter determinado significado. Então, podemos pensar que, assim como a fantasia é estruturante para a pessoa, no grupo pode constituir um dos organizadores do grupo. Para Kaës (1997), a fantasia com uma estrutura é um dos organizadores da representação psíquica do grupo e, ao mesmo tempo, algo que organiza o processo grupal. Como a fantasia é uma estrutura de relação, o autor também reforça que o vínculo é estruturante da vida psíquica. Este papel organizador da fantasia nos processos grupais se apóia em um cenário de dramatização e de sua organização grupal.

Os organizadores grupais vão se produzindo no transcurso do grupo. Aqui, já tomamos como exemplo os Supostos Básicos de Bion (1974) (mentalidade grupal), a matriz grupal e os processos conflitivos de Foulkes (1986), a tarefa, o enquadramento e a assunção/adjudicação de papéis de Pichon-Rivière (1986), sideração grupal/busca da família ideal, violência coletiva, a busca de um chefe e busca do bode expiatório, de Decherf (1986). Agora veremos os organizadores psíquicos referidos por Kaës. (1997).

O iniciador do processo de agrupamento, para Kaës (1995), é uma fantasia inconsciente individual que, neste espaço, tem a esperança ou desejo de encontro com o objeto. Aqui, são utilizadas diferentes identificações - adesiva, introjetiva ou projetiva - que correspondem aos limites do ego. Estas identificações estão acompanhadas de angústias, defesas, que provocam desorganizações. Isto leva o grupo a buscar um organizador. Kaës (1995) estabelece três organizadores que passamos a comentar.

O primeiro deles forma o conjunto, cujo princípio é a organização hiper-redutora (efeito de indiferenciação). Este princípio mantém cada um dos membros do grupo ligados entre si pelo objeto comum e, também, faz com que cada indivíduo tenha o seu encontro com o objeto. Neste primeiro organizador, observamos mais a função do que a estrutura. Sua

função é a de possibilitar uma coesão grupal entre os membros do grupo. Isto é, promover uma primeira identificação imaginária. Este processo é uma forma de continente. Após uma tentativa de estabelecer um organizador estável, que atenda às expectativas ou exigências psíquicas do grupo e as dos membros do grupo, o primeiro organizador produz uma desorganização na isomorfia psíquico-grupal. Para retomar sua organização, surge um segundo organizador, que é um novo seguimento para unificação e integração.

No segundo organizador, os membros do grupo buscam uma relação com os semelhantes, excluindo os diferentes. Lembramos o que vimos anteriormente na questão da pertença, em que os grupos, primeiramente, se aproximam pela semelhança e só depois pela diferença. Fazemos, a seguir, algumas considerações para entender a instalação deste segundo organizador. Em primeiro lugar, é estabelecido um contato narcisista. Aqui, podemos evocar Freud (1930) (Narcisismo das pequenas diferenças), quando este autor explica que, para que o grupo tenha coesão, muitas vezes é necessário que o amor seja dedicado à comunidade e o ódio aos estranhos a ela. Outro dado, é o estabelecimento da exclusão. Mais uma vez, podemos retomar Bion (1974), visto anteriormente, com o Suposto Básico de luta e fuga, no sentido de que o inimigo está fora do grupo. Além disto, é possível lembrar Sandler (2001) que propôs um quarto suposto – os “A” e os “fora de A”. No momento em que a exclusão se estabelece, os grupos internos de cada um também são mobilizados como organizadores intrapsíquicos. No segundo organizador é que se instauram as diferenças, se tornando possível o estabelecimento de uma área de ilusão. Esta área é a congregação dos elementos do grupo, excluindo o que é “de fora”, os diferentes.

Então, também se mantém a ilusão grupal⁶ para dentro do grupo, diferente do primeiro organizador que se evidencia no grupo em que não há diferenciação. Podemos entender isto, pensando no invólucro grupal de Anzieu. Cao e L’Hoste (1995) explicam que o grupo apresenta uma membrana. Sem ela, é um agregado humano que, por um lado, é como um filtro frente à realidade externa (organizado por regras, costumes, ritos, atos), contém pensamentos, palavras, ações. Isto tudo permite que o grupo estabeleça um espaço (interno), uma temporalidade própria, que vai estruturar o imaginário. Por outro, o grupo está voltado para a realidade interna dos componentes, formada pelo movimento de interiorização e exteriorização do inconsciente (grupos internos, vida fantasmática) (CAO, L’HOSTE, 1995). Este processo é o que mantém os indivíduos juntos. Ainda referem que toda situação de grupo possui uma representação imaginária, comum a muitos participantes do grupo – que é o todo

⁶ Ilusão grupal – é um estado em que o fundante é a realidade imaginária dos grupos. É como o ego ideal nos grupos.

comum, a unidade. Esta unidade pode paralisar o grupo para atingir seu objetivo, mas, também, quando o grupo funciona com uma representação imaginária que permite diferenciação, solidariedade e eficácia, é capaz de fazer crescer. É por isto que Cao e L'Hoste (1995, p.41), reafirmam que “sem imaginário não há grupo”. Então, Kaës (1995) refere que, neste estágio, se completa a instalação do invólucro grupal, mais como limite do que continente, como no primeiro organizador. Assim, surgem as primeiras regras, normas, leis comunitárias, como vimos, por exemplo, no *setting/enquadre*.

Levando em consideração Winnicott (1983), este conceito será, posteriormente, mais detalhado. Podemos pensar a ilusão grupal como um espaço de ilusão que permite a constituição do grupo. Ela denuncia o desejo de segurança e unidade. A fantasia de ideal de ego gera coesão na passagem do narcisismo individual para o grupal. Podemos relacionar com os SB de pareamento, onde a esperança é, aqui, a ilusão. Selvatici (1996) diz que a ilusão grupal é inevitável e necessária, pois forma uma estrutura de contenção, uma matriz fantasiada, que oferece segurança para discriminação e separação.

Após estes momentos de ilusão grupal, começam a ressurgir os desejos individuais e reaparecem as alternativas fantasmáticas. Estes são os elementos desorganizadores. É o caso do ressurgimento da rivalidade fraterna, com toda sua implicação (que é o contrato narcisista), e o questionamento das figuras originárias. O Complexo de Édipo surge na ocasião da desorganização grupal e é um desorganizador, em sua emergência. Segundo Kaës (1995), nos grupos estabelecidos, reaparece a fantasia do assassinato original. Desta desorganização surge no grupo a inevitável necessidade de um novo agrupamento e de um novo organizador.

O terceiro organizador - neste momento, todas as relações grupais precedentes são reavaliadas. A tomada de consciência de sua história, com decepções, dor, renúncia, a partir das separações e afiliações. Isto põe em jogo outras relações grupais e singulares com o grupo. Agora o organizador edípico dá movimento à fantasia do desejo e sua correspondente proibição. “O acesso a posição mitopoética assinala esse momento organizador.” (KAËS, 1997, p.188). Neste momento o grupo passa a funcionar como uma organização simbólica de diferenças entre seus membros. Esta organização na diferenciação cresce em detrimento da ilusão comum. Este momento é semelhante ao que Bion (1991) considera Grupo de Trabalho.

Kaës (1997) tem referido o grupo como um organizador de seus próprios processos. Estes são apoiados nas representações coletivas dos membros, onde há a solidariedade e nos organizadores do grupo, que advém de seus membros do grupo.

1.1.1.7 Seminotti

A investigação realizada por Seminotti (2000) sobre os pequenos grupos contribuiu, também, para pensar a organização grupal. Considera que a fragmentação do grupo em subgrupos é uma maneira de os membros organizarem seus processos. Segundo este autor, os organizadores, desde o ponto de vista do observador, são as manifestações de seus processos, que podem ser observados, descritos, analisados (enquadre do grupo, coordenação, a tarefa, os papéis, as lideranças, o projeto, os subgrupos, os padrões de relações, as comunicações, etc...). Desde a ótica dos participantes, porém, são apoios que viabilizam a vida coletiva (SEMINOTTI, CRUZ, BORGES, 2004).

Para esta pesquisa o ponto que gostaríamos de ressaltar é a compreensão que o autor oferece sobre a multiplicidade e diversidade das micro organizações do grupo, bem como da sua dinâmica que facilita à pessoa expressar seus próprios processos. Neste estudo sobre os processos que constroem a pertença, pensamos que na pesquisa oferecida por Seminotti (2000), é indispensável que cada pessoa encontre uma identificação e pertença, apoio e solidariedade em alguns membros de seu grupo, pois assim, receberá a ajuda e apoio para mostrar-se, inclusive em suas diferenças. Abordaremos os subgrupos sob o ponto de vista deste autor.

Cada membro do grupo, para se constituir como sujeito, se constituiu em um grupo e também através dele. E, no grupo a que a pessoa irá pertencer, naquele momento, proporá papéis, funções e vinculações de forma a que se torne sujeito produtivo. Com isto, o grupo se torna produtivo. Então, para Seminotti (2000), os participantes é que possibilitarão ao grupo crescer ou terminar. Também é de se considerar que no grupo poderão existir outras forças que auxiliarão positivamente ou negativamente para a organização do grupo.

No capítulo sobre a pertença, referimos que este autor salienta que as pessoas buscam um grupo em que encontrem semelhanças – identidade e se sintam pertencendo. Esperam que este grupo ofereça valores para poder apoiar-se, para encontrar soluções e assim poder definir-se sobre os rumos de sua vida e de suas relações. Mas, também, ele reforça a idéia de que as pessoas não mudar sua afiliação à medida em que elas modificam seus valores e/ou diferem seus objetivos, dos objetivos do grupo pertencente, e poderem, assim, buscar outros espaços (outros grupos). Cada grupo tem seus valores, posições e formas de funcionar, diferente de outros. Por isso a pessoa pode migrar de um grupo a outro, conforme identificações.

Os membros de um grupo buscam pertença em subgrupos, dentro do grupo de que são membros. Quando as pessoas pertencem a um subgrupo se sentem mais fortes para defender seus novos valores e objetivos, aliançados a seus pares, do que se estivessem sozinhas. Então, nos pequenos grupos “[...] dentro de sua organização ou representação coletiva, existe uma multiplicidade e diversidade de micro organizações” (SEMINOTTI, 2000, p. 555).

Podemos dizer, conforme este autor, que o grupo é formado por diversos subgrupos, os quais são constituídos de pessoas que possuem formas semelhantes de pensar, sentir, agir e são diferentes de outros subgrupos, em que cada um deles vai representar imagos, fantasias, representações, ideologias distintas umas das outras. Como cada indivíduo vai trilhando seu caminho e se modificando, passa a modificar seu subgrupo ou, então, procura outro, na busca de um constituído que se assemelhe a si. “Ali busca identidade e pertença, proteção e apoio” (SEMINOTTI, 2000, p. 555).

Os membros portadores de uma determinada organização psíquica particular, com determinada fantasia, imago, ou desejos e medos, agrupam-se por identificação. Cada sujeito se sente atraído frente ao representante deste material psíquico (fantasias, imagos, desejos, medos), e os membros se agrupam em torno destas pessoas representantes que, em determinado momento, compartilhem atitudes comuns. Assim, se constroem os subgrupos que possuem natureza diferente e são excludentes. Estes subgrupos estabelecem uma organização e um funcionamento dinâmico, com equilíbrio de forças, que permite conviver com o diferente, com o oposto e até com o que não toleram. Com isto é possível compreender porque um grupo, em sua dinâmica, consegue conviver com as semelhanças e diferenças, com o bom e o mau, funcionando como um grupo de trabalho (BION, 1991) – mais organizado, consciente e podemos dizer, centrado na tarefa (PICHON-RIVIÈRE, 1986). As diferenças são possibilitadas em função da solidariedade dos companheiros do subgrupo. Os subgrupos podem ser facilitadores para o estabelecimento da identidade entre os companheiros. As pessoas do subgrupo acabam por aceitar que um membro invada sua privacidade, mudando sua relação. Também porque ali no subgrupo se permite mostrar-se discriminado, distinto dos outros.

Outro ponto de vista que Seminotti (2000) alude é a questão da troca das pessoas dentre os subgrupos. Pensamos, também, que estas mudanças de subgrupo acontecem conforme o momento do grupo e conforme o interesse da pessoa. Baseados nisto, podemos dizer que os subgrupos vão reunindo em seu entorno pessoas que possuem as mesmas características. A pessoa se sente forte e capaz de mostrar suas diferenças com a garantia de

respaldo de seu subgrupo: como se sente e pensa independente dos outros, pois se sente segura, de que vai permanecer no grupo. As pessoas sabem que podem ter mais influência no subgrupo do que no grupo como um todo. Então, estão prontas para estar em algum subgrupo.

Os subgrupos impõem as diferenças ao grupo. Se a pessoa vai de um subgrupo a outro é porque está construída a certeza de que, mesmo se mostrando diferente, pode permanecer no grupo. Sempre existirá um subgrupo de acolhimento. Mas, também, que diante da possibilidade de que a pessoa seja expulsa de um subgrupo, haverá outros. Assim, as pessoas sabem que construíram um grupo, em que podem ser diferentes, criativas, que são capazes de oferecerem um *holding* seguro ao diferente que se aloja entre elas nos subgrupos.

As estruturas em que há uma diversidade de subgrupos podem aceitar e abrigar pessoas com distintas formas de ser e agir. Estas se sentem seguras de se exporem “[...] porque fica garantida tolerância e a continência a ela em seu subgrupo de pertença e não no grupo como totalidade” (SEMINOTTI, 2000, p. 558).

Outro aspecto é que os subgrupos podem discordar entre si, e o fazem, pois ali existe um equilíbrio de forças desenvolvidas por eles e adquirido pela solidariedade grupal. Pensamos que esta solidariedade grupal é aquela que o grupo, como um todo, oferece, suportando, usando e aproveitando os subgrupos para a sua sobrevivência como um todo.

Poderá ser desvantajoso para o grupo como um todo, quando os objetivos de um subgrupo diferirem intensamente do objetivo maior do grupo, ou se os subgrupos se tornarem rigidamente estabelecidos, ou se o grupo como um todo não puder ser móvel como desejam os subgrupos. Portanto, como afirma Seminotti (2000):

[...] a hipótese que temos colocado em consideração sustenta a idéia que uma dinâmica, uma ordem de inclusão e exclusão, do individual e do grupal, do mesmo e do diverso, do eu e do outro, do caótico e organizado, do idêntico e do diferente, do razoável e do imaginário podem estar dentro do mesmo âmbito da autorepresentação do grupo (p. 560).

Pensamos que, como parte de cada polo está presente em cada um dos membros, os subgrupos representam, também, parte de cada polo que está presente em cada grupo. Enquanto estas ordens, os subgrupos, não estão em harmonia e não são complementares, mas ao contrário, com desavenças, conflitos e lutas, é possível que fiquem parcial e temporariamente desordenados e desde esta condição são menos sujeitos à ordem e têm mais poder de influir sobre este processo grupal.

No que se expôs sobre os subgrupos, vistos por Seminotti (2000), como organizadores grupais, podemos pensar que este organizador está incluso na maior parte dos organizadores referidos anteriormente. Pensamos que este organizador, os subgrupos, acompanham os demais pela forma visível com que se apresentam. Mas esta é uma idéia a ser investigada.

1.1.2 Vínculo da Amizade

Como discutimos anteriormente sobre grupos, vários autores citados afirmam que a gênese do sujeito é grupal, pois a pessoa é resultado de sua história nos grupos. Tornar-se humano só foi possível pela existência dos outros: sendo indivíduo nos outros e não indivíduo e outro. (CAPARRÓS, 1993). A partir do momento em que o sujeito vence a posição aglutinada, que estabelece uma ponte entre o biológico e o psíquico e entre o eu e o outro, nasce a possibilidade de estabelecer vínculos. É isto que forma a essência grupal do ser humano. Pensamos que o estabelecimento dos vínculos seja um fenômeno inerente, necessário e desejado pelo ser humano e que os grupos se mantêm pelos diferentes vínculos que estabelecem. Então, neste capítulo, serão estudados os vínculos, sob o ponto de vista de diferentes autores. Após, nos centraremos no Vínculo da Amizade.

Lembramos o que foi destacado por Lisboa e Koller (2003), no sentido de que Sullivan (1953) foi um dos primeiros a estudar a importância das interações sociais no desenvolvimento humano e afirmar que, ao longo do processo de crescimento, a pessoa é influenciada, modificada e reforçada pelos relacionamentos que mantém no transcurso da vida. Desta forma, as habilidades sociais e pessoais surgem e se desenvolvem no contexto da inter-relação e nos vínculos intersubjetivos.

Os pensamentos são dissociados das emoções, sendo que o vínculo dá sentido e significado a elas. O vínculo, portanto, é definido como uma experiência emocional entre duas pessoas ou entre partes de uma mesma pessoa, que estão relacionadas uma com a outra (BION, 1991). Pichon-Rivière (1986) define o vínculo como uma estrutura dinâmica, complexa, que inclui um sujeito, um objeto e sua mútua inter-relação com os processos de comunicação e aprendizagem. Para Zimerman (1999), o vínculo pressupõe algumas características, tais como: elos de ligação de natureza emocional e imanente; estrutura de combinações variáveis, polissêmica (com vários significados), com dimensões inter, intra e

transpessoal. Outra característica do vínculo é a estabilidade, que ocorre quando a pessoa, na ausência do outro, pode pensar suas experiências emocionais. Estas são transformáveis e fazem parte de um modelo de interação continente - conteúdo⁷.

Bion (1991, p. 14), quando avança em seus estudos sobre os elementos em Psicanálise, passa a pensar os vínculos no momento em que esses se estabelecem, afirmando que representam as relações de objeto, que se influenciam mutuamente. O vínculo, então, é uma estrutura dinâmica, complexa, de interação, não linear, que se desenvolve em forma de espiral contínua. Se esta estrutura se estancar, a comunicação e a aprendizagem são interrompidas, impedindo a adaptação e ativando a realidade.

No estabelecimento do vínculo há a internalização do outro, um outro que não é abstrato e isolado, mas inclui os objetos inanimados e o habitat em sua totalidade. Pichon-Rivière (1986) chama este processo de internalização ecológica.

Portanto, o vínculo se constitui na experiência conjunta, na relação consigo e com os outros, na qual as pessoas podem se dar a conhecer e a subjetivar-se, através do outro. Isto significa conhecer o outro como autônomo, diferente, com capacidade de complementaridade (reciprocidade). Desta forma, o vínculo se configura como uma estrutura dinâmica complexa, que dá sentido e significado às emoções no espaço intrasubjetivo (mundo interior), intersubjetivo (presença do outro) e transubjetivo (representações sócio-culturais), que são simultâneos e interligados. Segundo Berenstein e Puget (1997), os caminhos destas áreas mentais inconscientes e o de suas representações não são homogêneos.

Um dos mundos a que nos referimos é o interno. Neste mundo está a pessoa com suas imagens, sonhos, fantasias e representações. Há as representações de seu corpo e de sua mente. O outro espaço referido é o intersubjetivo, no qual se estabelece a relação consigo e com o outro, marcada pelas trocas de amor, de ódio, de agressão, de raiva, enfim, por todos os sentimentos ambivalentes que este intercâmbio costuma instalar, deixando suas marcas específicas. Este modelo - casais, famílias, irmãos - se estende aos grupos de amizade, em que também se criam estados emocionais primários, segundo Berenstein e Puget. (1997, p. 22). O terceiro espaço, mundo-espaço transubjetivo, é o circundante, em que se estabelecem diferentes relações com diferentes representantes da sociedade (valores, crenças, história, ideologia). Segundo Berenstein e Puget (1997, p. 22), “Cada um destes espaços têm vida própria e todos constituem os pilares do sentimento de pertença”.

⁷ Continente – é aquele que contém como a mãe que contém as agressões do bebê e o acolhe. Conteúdo – designa aquilo que é contido, o sentimento, as imagens, etc (BION, 1973).

Destacam-se no vínculo algumas emoções básicas, como a angústia, o amor, o medo, o ódio. Estas, embora não possam ser tocadas, ouvidas ou visualizadas através dos órgãos do sentido, são percebidas por meio de suas manifestações. Refere Bion (1973) que existem algumas emoções básicas, sempre presentes em todo o vínculo, que são: o vínculo do amor: A (L-Love)⁸; o vínculo do ódio : O (H-Hate); e o vínculo do conhecimento : C (K-Knowledge). Estas emoções podem ser positivas ou negativas (-A, -O, -C). O vínculo A (positivo) é a relação de afeto que leva ao crescimento da pessoa como sujeito. E o A- (negativo) é o amor da subjugação, da simbiose. O vínculo O (positivo) é a relação que transforma a agressividade em energia e o O- (negativo) é a agressão que é destrutiva. O vínculo C (positivo) é o que possibilita conhecer-se, conhecer as suas verdades e o C- (negativo) é o fugir desta possibilidade (BION, 1991). Zimerman (1999) acrescenta um quarto vínculo: o do Reconhecimento (R). O Reconhecimento dá conta da necessidade vital de ter a comprovação, de ser reconhecido pelos outros, valorizado, amado, respeitado e de existir com uma identidade própria. Estes vínculos estão sempre presentes nas inter-relações pessoais e conectados com os demais vínculos. O vínculo do Reconhecimento (R) pressupõe quatro conceituações: Reconhecimento de si, Reconhecimento do outro, ser Reconhecido aos outros e ser Reconhecido pelos outros. Estes reconhecimentos também podem ser positivos R ou negativos -R. Se a pessoa é capaz de reconhecer seus valores e suas capacidades, também é capaz de reconhecer os valores e as capacidades dos outros. Assim, os demais poderão valorizá-lo e reconhecê-lo como alguém capaz, diferente, autônomo, com individualidade própria. É o que ocorre, por exemplo, quando alguém sente que tem valor para o amigo, que é considerado pelo amigo e que sua presença (física ou não) é importante para o outro. Isto o torna mais importante para si mesmo. O reconhecimento do outro leva também ao reconhecimento de si e, vale lembrar, o caminho inverso é verdadeiro. Assim, o sujeito é capaz de reconhecer o amigo e ser grato a ele.

Pensamos, então, que os vínculos entre duas pessoas ou mais, são como um elo de ligação afetiva, ora estável, ora instável. Neste elo estão inseridos sujeitos de relativa independência e capazes de se comunicar, de se sentir na mente e no afeto do outro, saber-se pensados pelo outro, mesmo na ausência deste. Este vínculo entre duas pessoas pressupõe a existência do vínculo intrasubjetivo, isto é, do sujeito consigo mesmo e de um vínculo transubjetivo do sujeito, seu eu com os outros na relação com os mitos, normas, regras e com a sociedade. Queremos dizer que os vínculos intra, inter e transubjetivo se conectam de modo

⁸ Bion estabeleceu signos para identificar cada sentimento, que são a primeira letra da palavra. Aqui usamos em português A, O e C e Bion na origem é L, H e K.

intra, inter e trans. Da mesma forma influenciam-se, complementam-se e, às vezes, suplementam-se (um adquire maior importância que outro).

Podemos dizer que há diferentes sentimentos registrados nos vínculos e que existem várias formas de as pessoas se vincularem entre si. Uma delas é a amizade. Bion (1974) considera que a amizade tem um valor fundamental nos grupos. A partir do conhecimento centramos nossa pesquisa no vínculo da amizade, dando-lhe ênfase como um vínculo intersubjetivo.

Nesta última década, a questão da amizade passou a despertar o interesse de alguns estudiosos, principalmente no que tange à relação da amizade na infância. Os estudos centraram-se em descrições de como se define a amizade, como ela se comporta e como se desenvolve, em diferentes faixas etárias e, ainda, qual a importância de um amigo e qual sua influência. A amizade é um fenômeno intrigante, importante e fundamental para esta pesquisa, o que justifica a razão do presente estudo.

Na busca de referências teóricas que nos possibilitem conhecer, compreender e discutir o que é o vínculo da amizade, utilizamos autores de diferentes áreas, para formar uma idéia abrangente sobre o assunto.

Assim, Giner (1995) também considera a pobreza de dados - principalmente na Antropologia - sobre a amizade, um fato incompreensível, levando em conta sua importância social. Segundo a autora, o processo de urbanização e de industrialização, e isolamento social urbano, passou a se constituir como o modo de existência contemporâneo. Este modo é marcado por uma carência de vínculos sociais significativos, estabelecendo-se a idéia das relações impessoais, superficiais, transitórias e segmentadas do espaço urbano. Nas últimas três décadas, no entanto, foi aprofundado o conhecimento de que, neste espaço, pessoas também estão envolvidas em uma rede de relações pessoais, com amigos, parentes e vizinhos. Isto levou a novas investigações sobre a temática amizade, ampliando conceitos, fatos, definições, funções, critérios e explicações sobre o assunto. Nesta pesquisa, especificamente, o vínculo da amizade foi um achado importante e necessário, para o desenvolvimento do sentimento de pertença.

No vínculo de amizade, os amigos, de alguma forma, sabem dos benefícios dela advindos. Reconhecem que estão juntos numa relação de interesse afetivo, de esperanças, de medos, de tristezas, de alegrias, de luta e de confiança e, assim, se sentem mutuamente valorizados. Esta valorização leva a uma auto-estima melhorada, por se sentirem importantes um para outro, por terem alguém com quem contar, por estarem no pensamento e no afeto do

outro, desfrutando da certeza de que a recíproca é verdadeira. A amizade, assim, não é uma relação paralela e sim intercruzada.

Na amizade, desenvolvem-se sentimentos marcantes, como a confiança (que leva a um sentimento de fidelidade), a liberdade e o estímulo para expressar preocupações. São acionados sentimentos de diferentes “teores”, objetivos e vivências de cada momento. Assim, os amigos se sentem com maiores possibilidades para enfrentar situações e crises de vida. O processo de amizade, então, é fundamental para experimentar e desenvolver a cooperação no indivíduo, assim como oferece a possibilidade deste resolver conflitos e auxiliar os demais em suas necessidades (BUKWSKI, 2001). Neste tipo de vínculo estão presentes sentimentos de fidelidade, de possibilidade de autenticidade, de alteridade, de liberdade para se expressar, características estas oriundas do estabelecimento de uma aliança de confiança, como vimos anteriormente, nos vínculos de A. O. C. R.

Desta forma, a amizade é uma ligação, uma interação entre duas ou mais pessoas, recíproca, de livre escolha, voluntária, de preferências mútuas, com forte componente afetivo e sem tempo pré-estabelecido de duração. (LISBOA e KOELLER, 2003).

Villapalos (2000, p. 136) salienta que Kant, em sua filosofia sobre o homem, a natureza e a razão, oferece algumas idéias importantes sobre a amizade. Explica que o autor a define como “[...] a união de duas pessoas através do amor recíproco e do respeito”. O mesmo autor lembra que Hegel entende a amizade como o compartilhar de uma tarefa comum, trilhar um caminho que tem como regra a não exigência do outro. Então, para Kant, a amizade consiste em ver o outro como a si mesmo, como um prolongamento, como um apêndice do próprio corpo. Ao desaparecer um dos objetos da amizade, sua existência perdura, porque ela segue vivendo no amigo.

Portanto, o amor e a amizade são impensáveis, sem o desejo de favorecer o outro. Estes sentimentos são características essencialmente humanas e não estão separados da espiritualidade, já que são necessidades naturais, para se poder viver em sociedade.

Assim, tanto o amor como a amizade são idealistas, uma vez que significam a união. Se existir necessidade e espera de recompensa, ou castigo, entre os amigos ou par, nenhum deles é amigo e nenhum ama: estão apenas associados (BLOOM, 1996).

Montaigne (1987), já no século XVI, ao escrever sobre a amizade, o faz com paixão e com uma visão de amizade voltada para a relação entre os homens. O autor tenta mostrar a amizade como uma relação diferente da relação familiar, do casamento e entre pais / filhos. Ao falar da família, da relação pai e filho, o autor estabelece outro vínculo, que não o da amizade. Para ele, em função das diferenças entre os sujeitos nos seus papéis, não pode existir

o intercâmbio de idéias e emoções, que poderiam “[...] chocar os deveres recíprocos que a natureza lhes impôs” (MONTAIGNE, 1987, p. 92), uma vez que os pensamentos íntimos dos pais não são apresentados ao filho, etc... Assim, as relações com os irmãos também ocorrem da mesma forma, pois os gostos, o modo de vida, podem ser diferentes. Da mesma maneira, isso se dá em relação à amizade dos homens com mulheres, pois, o casamento, embora seja uma relação de própria escolha, acaba representando uma espécie de negócio, que restringe a liberdade e impõe uma duração indeterminada, independente dos vários acontecimentos que perturbam seu curso. Seguindo a explanação desta idéia, o autor diz que é uma chama temerária e volúvel, agitada e versátil, que só prende parte da pessoa. Já o calor da amizade é diferente, pois que se estende por todo o ser, “[...] é geral e igual, temperada e serena, suave e delicada, nada tendo de áspero e excessivo” (MONTAIGNE, 1987, p. 92). Assim, a essência é espiritual e sua prática apura a alma. Nestas amizades que a lei impõe, como no casamento, nos negócios, o autor diz que nossa vontade não se exerce livremente, não temos escolha, não depende da pessoa.

Para Montaigne (1987, p. 94), a amizade atinge seu apogeu na maturidade da idade do espírito. Nesta amizade que o autor refere, há um entrosamento das almas. Elas se tornam tão unidas que se confundem, tão ligadas que não há linha demarcatória. O autor comenta ainda, que “[...] o amor é o desejo de alcançar a amizade de uma pessoa, pela beleza que nos atrai”. Neste caso, quando ele fala na beleza, está se referindo a toda a beleza, tanto do corpo como da alma. O autor aborda outro tipo de amizade, o de amizades comuns, diferentes das expressas até agora. Ele considera que estas também podem ser perfeitas, mas ressalta que é preciso ser prudente, já que a ligação não é tão sólida. Neste sentido, segundo ele, deve-se ficar atento e portanto, em certa medida, dela desconfiar. É uma forma de amizade mais superficial.

Levando este aspecto em consideração, lembramos que Villapalos (2000) distingue três tipos de amizade:

1 - amizade de necessidade – amizade que se rege pela conveniência, que se complementa materialmente e que supõe um nível de satisfação parecido. É estabelecida por interesse.

2 – amizade de gosto – baseia-se no gozo, pois o prazer é um adjetivo de amizade, não é a satisfação corporal, mas a satisfação social. A satisfação concreta passa a ser apenas o vínculo, já que o prazer é um elemento da amizade, algo como “comer em boa companhia”, por exemplo.

3 – amizade moral – é a do homem virtuoso, como visto em Cícero (s.d., p. 137). O autor não quer dizer que este tipo de amizade é sempre cheio de felicidade e que se prolongue por toda a vida, mas que dá ao homem “a dignidade de ser feliz”. Esta amizade moral, quando cultivada, faz com que a pessoa passe a se sentir feliz. Para ele esta seria a amizade sincera.

Pensamos que, no Vínculo da Amizade afetiva, os três tipos estão presentes, simultaneamente. Explicando melhor: no vínculo da amizade, existe o interesse, há uma conveniência recíproca, que até se complementa materialmente. Juntos, os sujeitos buscam um nível de satisfação semelhante. A Amizade também está relacionada ao prazer, o prazer da ligação, de estar junto, o prazer de um acompanhar o outro e buscar o outro. E ainda é a amizade que vai possibilitar felicidade, dignidade.

Em outra linha de pensamento, podemos afirmar que a amizade pode ser formal, institucionalizada e informal. É interessante como Villapalos (2000) entende cada uma delas. Segundo ele, a formal está estabelecida com regras e normas de relação, contando, portanto, o que um espera do outro, como ocorre por exemplo, em trocas recíprocas. A institucionalizada ocorre enquanto existir a amizade e esta é reconhecida pelos outros. Já a amizade informal é aquela em que o preestabelecido pode ser rompido, sem o rompimento da amizade. Neste caso, não há tempo e duração fixos. Existe liberdade de buscar apoio e dividir as alegrias, tristezas, indignações, ilusões e desilusões.

Giner (1995) estabelece a amizade como um sistema de grupo, vendo, também, que os laços podem ser formais, institucionais ou informais. A amizade a que estamos nos referindo é a de laços informais. Segundo Giner (1995), os antropólogos evidenciam três fatos importantes, sobre os laços informais:

- a amizade influencia a forma de ser e agir das pessoas;
- os vínculos são utilizados com a finalidade importante de poder dividir e suportar os problemas do dia-a-dia;
- as pessoas, através destas relações, podem suportar e manejar os constrangimentos das instituições, das organizações e dos grupos formais.

Para Giner (1995, p. 24), a amizade constitui-se a partir de algumas premissas. Trata-se de uma construção social e culturalmente modelada sendo, portanto, uma relação dinâmica e sem conteúdo e formas fixas. Suas formas são variáveis no tempo em que acontecem e no espaço histórico de vida da sociedade. Podem mudar conforme o contexto estrutural, cultural,

histórico. Entenda-se: o estrutural, é o modelo de vinculação permanente; o cultural representa crenças, valores e símbolos compartilhados; e o histórico, em que a estrutura e a cultura variam ao longo da história. Com isto, queremos dizer que a forma de relação na amizade é móvel, pois todos estes contextos a influenciarão. Os padrões de amizade, em cada sociedade, são moldados conforme o vínculo de parentesco, gênero, ciclo de vida e estratificação social. Estes fatores são importantes, pois eles estabelecerão as regras, isto é, os limites e a liberdade do vínculo.

Os mesmos fatores também vão configurar o espaço social das pessoas (a área de movimento com autonomia) e as relações entre elas. Este espaço vai sendo construído com relativo controle dos sujeitos, pois há um conjunto de limitações externas que os impede de exercer um controle total.

Como se observa, para compreender a amizade, é preciso que nos remetamos aos primeiros vínculos estabelecidos inicialmente, com a mãe (ou sua representante) pai e família em geral. No próximo capítulo, que tratará sobre o espaço potencial, vamos nos deter nesta relação primeira, com mais detalhes. Neste momento, consideramos importante lembrar o que vimos no início da abordagem dos vínculos: a pessoa necessita do olhar do outro para sua construção como sujeito.

Assim como a mãe, as demais pessoas serão o espelho que refletirá sua imagem. Só assim, a pessoa vai se construindo como sujeito constituído e construindo seu self. Tal condição é altamente sofisticada, pois só na relação com o outro, a criança é capaz de voltar a uma relação consigo mesma (WINNICOTT, 1995) São estas relações construídas preliminarmente na família que vão possibilitar à pessoa a busca e o estabelecimento de novas relações.

Segundo a pesquisa de Lisboa e Koller (2003), a qualidade das relações familiares, parentais ou fraternas, de alguma forma, vai influenciar nas escolhas e relações de amizade, tanto na capacidade de aproximação como na confiança. As crianças que mantêm uma boa ligação com a mãe e uma intimidade com os irmãos, com maior facilidade serão capazes de ter relações mais íntimas, próximas e de confiança, com os amigos. A amizade, portanto, é um evento propício ao desenvolvimento do indivíduo em sua adaptação à realidade externa.

Os vínculos familiares com pais e irmãos também promovem estas relações, embora sejam de uma natureza diferente, já que não são de livre escolha e não são tão poderosas como aquelas encontradas nas relações livres com os companheiros (LISBOA, KOLLER, 2003). De certa forma, Montaigne (1987) também estabelece esta distinção.

Algumas práticas familiares, como punição e autoritarismo, influem na escolha negativa dos amigos. Portanto, “A qualidade das relações familiares está fortemente refletida no número e na qualidade das amizades de cada um dos seus membros” (LISBOA, KOLLER, 2003, p. 73).

Já em 44 a.C., Cícero (s.d.) foi enfático, ao dizer que a amizade vale mais que os vínculos familiares, pois possibilita maior autonomia e escolha, bem como viabiliza a espontaneidade, a reciprocidade simétrica, a não fixação num contexto determinado, a igualdade, o controle interativo. Isto ocorre porque as pessoas não são ligadas pelo nascimento, não levam em consideração raça, religião, nacionalidade, classe social. Ele salienta: “Assim, a amizade vale mais que o parentesco, em razão de que o parentesco pode se esvaziar de toda a afeição, a amizade não: retire-se a afeição, não haverá mais amizade digna desse nome, mas o parentesco subsiste” (CÍCERO, s.d. p. 85).

Desta forma, a criação do espaço da amizade, que substitui a família em nosso imaginário (sem negá-la, nem a seu valor, mas saindo do seu monopólio), faz pensar a amizade, não como uma repetição de tais laços familiares, mas como uma forma de reinventá-los. A amizade representa, hoje, uma possibilidade de utilizar este espaço, aberto pela perda dos vínculos orgânicos (familiares), uma vez que, assim, o indivíduo experimenta uma multiplícidade de formas de vida possíveis (ORTEGA, 1999).

As relações de parentesco, familiares e de fraternidade podem suprir este espaço entre os homens. Estamos enfatizando o vínculo da amizade como uma relação aberta, de liberdade, de diferenças, embora, ao mesmo tempo, sempre estejamos tentados a traduzir nossas relações de amizade, como sendo fraternas: “Fulano (que é um amigo) é como um irmão”. Isto possivelmente se deva a nossa inclinação em querer transformar o que está mais distante e desconhecido, naquilo que nos é próximo e familiar. Quanto mais significativa é uma relação, mais temos a tendência a compará-la às relações familiares, como vimos no capítulo sobre a pertença. O amigo passa a ser, então, o irmão. Na verdade, trata-se do medo da diferença, do aberto, da ausência da relação de poder (ORTEGA, 2000). Pode-se dizer, então, que não utilizamos o outro somente para fortalecer nossa identidade, nossas crenças, mas que uma relação de amizade deve ser concebida como um processo no qual os indivíduos envolvidos trabalham na sua “invenção” e na sua transformação.

Vistos estes aspectos, pode-se citar algumas funções e características da amizade, a partir do que já foi analisado:

- a- a amizade tem uma função compensatória, pois age entrelaçando, integrando, estabilizando e igualando. Tem a função alternativa das formas prescritas de relação;
- b- a amizade também tem a função de crítica social, de cumplicidade, de fidelidade, de juiz, de questionadora (ERIBON,1996);
- c- a amizade tem as seguintes características: espontaneidade, reciprocidade simétrica, não fixação num contexto determinado, igualdade, controle interativo;
- d- as amizades são diferentes para cada conjunto de pessoas, podendo ser mais harmônicas ou mais conflitivas;
- e- um vínculo de amizade pode trazer benefícios importantes para os envolvidos, independentemente de suas características;
- f- os amigos são capazes de perceber, são empáticos aos sentimentos e necessidades uns dos outros e buscam a satisfação mútua;
- g- os amigos se conhecem e sabem que compartilham dos mesmos interesses, dúvidas, medos, esperanças, alegrias, e, assim, se sentem valorizados;
- h- as manifestações de afeto, confiança e valor de um amigo são muito poderosas, especialmente por serem demonstrados espontaneamente por ele.;
- i- na amizade, uma das satisfações é a admiração mútua e o amor-próprio confirmado por ela (BLOOM, 1996);
- j- para ser amigo, não é exigido nenhum contrato, pois a amizade vai além da justiça. Bloom (1996) diz que nenhum amigo leva outro ao tribunal para exigir algo;
- k- a amizade é uma forma de vida e sua importância reside nas inúmeras formas que ela pode encarnar;
- l- a amizade não é entendida como maior, ou melhor, pelo tempo de duração ou pelas trocas sociais.

Segundo Cícero (s.d.), as vantagens de uma amizade entre os “homens de bem”, são: ter uma “vida visível”, que encontra um descanso na afeição partilhada de um amigo; ter alguém para contar tudo de si mesmo como se a si fosse; ter alguém para se alegrar com

nossos sucessos, tanto quanto os dos próprios; poder suportar nossos reveses com uma pessoa para quem estes são tão penosos como para si

A função da amizade é a de possibilitar as relações de amor, afeto, intimidade e confiança, ainda acrescentando a consideração, a igualdade e o cuidado que uns dedicam aos outros. A função da amizade, como vimos, parte da necessidade de relações interpessoais, sociais e, em cada estágio da vida, estas podem ser de diferentes estilos e qualidades.

A amizade na sociedade ocidental, por exemplo, é uma relação pessoal, que pode estar sujeita à regras sociais ou se estabelecer sem nada prescrito (informal), tal como anunciava Foucault, ou a amizade, como ideal moral ou como virtude, segundo Cícero (s.d.). Ela pode até ser diferente nas variadas sociedades, mas a relação voluntária e pessoal permanece.

Todos sabemos, e muitos autores referem, que, para a existência da amizade, há necessidade de alguns critérios. Começamos por Cícero (s.d, p. 86), quando afirmava que a amizade só podia existir nos homens de bem, não somente entre sábios. Segundo ele, a amizade podia surgir entre todas as pessoas que, em suas vidas, em sua conduta, fossem leais, íntegras, generosas, tivessem equidade, que não tivessem consigo a estupidez, nem a paixão, nem a inconstância e que eram dotados de grande força de alma. Portanto, a virtude e o soberano bem é que fazem nascer a amizade e a conservam. Cícero (s.d.) diz que sem virtude não haverá amizade. Ainda, o autor reporta que “A amizade nos foi dada pela natureza como auxiliar de nossas virtudes, não como cúmplice de nossos vícios, a fim que a virtude, não podendo alcançar sozinha o soberano bem, o alcançasse ligada e apoiada à virtude de outrem.” (CÍCERO, s.d. p. 131). É difícil conservar a amizade, se faltar a virtude, pois muito fácil se torna romper a amizade, quando ela é atravessada pela injustiça e pela rivalidade.

Sobre as questões menos virtuosas da amizade, Cícero (s.d.) refere que a lei da amizade é nada pedir de vergonhoso e não ceder à nenhuma súplica, não pedir aos amigos senão coisas honestas e esperar que os amigos façam o mesmo. É estar sempre confiante e não hesitar com os amigos. É ter a liberdade de dar conselhos e, segundo o autor, até mesmo ousar fazer uso de autoridade, quando a situação assim o exigir. Entretanto, entre amigos, é comum que algumas concessões sejam feitas, em nome da amizade, sem que se precise abrir mão da própria reputação.

Temos, então, que a amizade precede qualquer julgamento. Não coloca à prova a pessoa, pois a amizade pressupõe virtude, embora possa haver julgamento de determinados atos deste amigo. Este é o papel de juiz, no sentido de ajudar o amigo a ter consciência dos seus atos. Portanto, um amigo não pode ser alguém que tenha prazer em lançar acusações nem tampouco acreditar nas acusações, que outros fazem contra seu amigo.

Então, para Cícero (s.d.), com freqüência, o amigo se sente levado a fazer advertências, repreensões aos amigos e é importante que estes as aceitem, quando forem feitas com boa intenção. Assim, há uma forma de corrigir erros para conservar a utilidade e confiabilidade da amizade. É importante considerar, ainda, que o ódio é o veneno da amizade; porém, o excesso de complacência é mais funesto. Na amizade, não há uma condescendência total, aberta a abusos: isto é um engano. A complacência repousa sobre a cortesia, rejeitando a adulação, “[...] que não é digna de um amigo como tão pouco de um homem livre” (CÍCERO, s.d., p. 136). O maior flagelo da amizade é a bajulação, através da qual as pessoas, de forma hipócrita, só buscam agrados e jamais têm a intenção de exprimir a verdade. “Tudo o que se exige de um amigo quanto o que admite dever-lhe conceder” (CÍCERO, s.d., p. 126).

Vimos até aqui uma gama de critérios para haver amizade, quais sejam: ter confiança; ter honestidade; saber ser conselheiro; saber receber conselhos; ter respeito; buscar a preservação da reputação; saber julgar com afeto; oferecer complacência adequada; ser capaz de fazer e receber advertências (o que será válido se for feito sem maldade e de modo que o amigo aceite). Portanto, a amizade é troca constante, repleta de afeto e compromisso, livre da exigência ou cobrança, mas também livre para dela fazer uso, quando o amigo se mostrar desonesto, indigno da amizade ou de seu papel social.

Salientamos que no vínculo da amizade perpassam sentimentos muitas vezes difíceis de lidar. É o caso, por exemplo, da obtenção de sucesso, de superioridade de um amigo na relação de amizade, pois a idéia de se colocar no mesmo plano dos que não o obtiveram, pode fazer com que estes últimos se tornem queixosos de terem sido superados em genialidade, fortuna ou dignidade pelo outro. São sentimentos e situações que se tornam problemáticas lidar, pois remetem à história dos vínculos anteriores da pessoa, como, por exemplo, os vínculos fraternos. Ao escrevermos sobre amizade, consideramos importante poder introduzir estas questões sobre a função fraterna, bem como, sobre a rivalidade. Como já mencionamos, facilmente, o amigo se transforma no irmão ou exerce a função fraterna e, como estamos examinando esta parte “menos virtuosa” da amizade, se faz necessário referir a rivalidade. Salgado e Pinto (2000) explicam que a rivalidade entre irmãos mostra a dependência das figuras parentais, associada à frustração, infringida pela mãe, por ter mais um filho, com o qual será dividido o afeto.

A função fraterna opera na constituição do sujeito, não substitui a função paterna. Cada irmão se apropria do nome herdado do pai, conforme sua maneira. Assim, ao mesmo tempo em que define a semelhança dos membros da fratria, também designa as diferenças de

cada um. As experiências compartilhadas entre os irmãos é que possibilitarão estabelecer suas diferenças.

Então, as identificações horizontais entre os semelhantes foram produzidas pela quebra da ilusão identitária, a partir das experiências compartilhadas com os irmãos no dia-a-dia. Estas são identificações secundárias, diferentes das identificações com o ideal representado pelo pai (as identificações verticais). Referimo-nos a irmãos biológicos, embora as identificações horizontais se dêem, também, entre os membros de um grupo. Isto não exclui a identificação vertical, fundadora, mas esta identificação entre os membros do grupo é também de suma importância.

Portanto, a formação de fratria acontece não só nos laços biológicos, mas também nas relações de amizade. Talvez o período da adolescência seja o das “grandes formações fraternas” (KEHL, 2000). O grupo vai representar estes traços identitários, pois oferece um lugar para novas identificações. Neste lugar, os acontecimentos possuem cumplicidade, em que se sentem fortes para realizar o proibido. Desta forma, “[...] estas são noções de liberdade” (KEHL, 2000, p. 41) apoiadas e facilitadas pelo grupo e, que podem, através destas experiências, diminuir o poder paterno da infância, o detentor da verdade absoluta. Desta forma, os grupos de amigos podem se autorizar mudanças, neste pacto com o pai da infância, e também com a sociedade. Temos, assim, a possibilidade de mudanças na pessoa, no grupo e na sociedade. Esta experiência compartilhada facilita as trocas de percepção, de reflexão sobre o experienciado e, como vimos, altera o campo simbólico, pois questiona as verdades absolutas da sociedade.

A rivalidade fraterna existe tanto no irmão biológico como no amigo. Se a rivalidade entre irmãos for intensa e perdurar até a idade adulta, provavelmente, os sujeitos tiveram pais não facilitadores para a resolução deste conflito, que utilizavam, inclusive, esta “divisão” entre os irmãos para manter seu próprio poder. A rivalidade que liga os irmãos, em que um projeta no outro o papel de uma imagem de si, mais ou menos idealizada e associada à idéia do rival (SALGADO, PINTO, 2000), pode fazer com que o outro represente não apenas uma ameaça, mas também a possibilidade para reativação do pensamento. Esta pode levar à aquisição da independência intelectual, ou de uma segurança de pensamento, ou à manutenção de um enigma: quem é o outro semelhante? Aciona-se aqui o prazer, no prazer de pensar com o outro – semelhante.

Freud (1939) relaciona a rivalidade na relação entre irmãos, mas diz que esta rivalidade pode ser sublimada e possibilitar os sentimentos sociais. Kehl (2000), contudo, refere que as relações fraternas não estão setenciadas à rivalidade. A fratria é como uma

matriz dos laços de amizade, que se estabelecerão a partir de escolhas particulares. As experiências de liberdade, no amparo do grupo, oferecem uma pertença extra familiar.

Segundo Kehl (2000, p. 45), as fraternias, os grupos de amigos, se desfazem ao longo da vida, muito mais no período adolescente. A fixidez delas pode transformá-las de um “campo de experimentação em campo de produção de certezas”. Conseqüentemente, isto pode levar à segregação, à intolerância em nome do narcisismo das pequenas diferenças. Porém, pensamos que existem amizades que perduram quase ao longo de toda a vida, com mudanças importantes das pessoas e das relações, sendo uma delas a inclusão do novo (pessoas, idéias, formas de ser).

A experiência fraterna marca intensamente a pessoa, sua personalidade, estimulando o desenvolvimento da maturidade, da tolerância e da cooperação. A possibilidade de cada participante de um grupo e, acrescentamos, de um grupo de amigos, poder vivenciar diferentes posições da fratria (lugar do mais novo ao do mais velho, por exemplo) apresenta-se como experiência enriquecedora pelas diferentes funções e papéis que irá exercer. (PUGET, BERNARD, CHAVES, ROMANO, 1991).

As amizades podem não permanecer estáveis, podem se desfazer, por mudança das pessoas, dos interesses, de temperamento e dos gostos. Algumas amizades podem se desfazer onde se manifesta a desonra, para que ela não se transforme em ódio. E, nestes casos, tal cuidado existe em função da antiga amizade.

Na amizade, cada pessoa desempenha, ao mesmo tempo, vários papéis: de amigo fiel e sempre disponível, de cúmplice dos bons e maus dias, de confidente das mágoas do coração, de “diretor” de consciência nos problemas da vida, de alguém que está sempre ligado ao outro, por uma real cumplicidade. A amizade não tem forma de unanimidade consensual, já que é livre e aponta para o desafio, não para a submissão do outro. A ética da amizade é algo vazio, não é constituída, pois a amizade pode influenciar de forma importante nas diferentes aprendizagens do indivíduo (FOULCAUT, citado por ERIBON, 1996). A habilidade de resolver conflitos, entre os amigos e os outros, proporciona aprendizagem de cada membro e o fortalecimento do grupo como um todo. A amizade estável e forte é o resultado da capacidade de resolver conflitos (LISBOA, KOLLER, 2003). Desta forma, a pessoa ter valor para o amigo, ser considerado e saber que sua presença (física ou não) é importante para o amigo, a torna mais importante para si mesma, pois há o Reconhecimento (vínculo R). A possibilidade de amar e a de ser amigo é que indicam a beleza e nobreza do ser humano. Estas capacidades nos atraem e nos provocam orgulho, pois nos fazem melhores, virtuosos (CÍCERO, s.d.).

Na análise sociológica, a amizade tem uma função de crítica social, pois atravessa a ordem institucional. A amizade é uma forma de se esquivar das convenções sociais, pois toda amizade verdadeira é uma espécie de rebelião, sendo, portanto, um ponto de resistência potencial, porque cada conjunto de amigos fortifica seus membros contra a opinião pública da comunidade. Assim, Foucault pensa a amizade e localiza nela um elemento transgressor (ERIBON, 1996). Nesta mesma ótica, Bloom (1996), considera a amizade uma ousadia mas diz que ambos, amor e amizade, exigem confiança. Segundo ele, isto é uma virtude, já que, sem ela, não existe amor, nem amizade, pois ambos perdem a intensidade e veracidade. Diz o autor, ainda, que “[...] pessoas dominadas por estímulos inferiores duvidam da existência de estímulos elevados [...]” (BLOOM, 1996, p. 483). Ele salienta, contudo, que, apesar da existência de todas essas crenças nos estímulos elevados do amor e da amizade, isto não quer dizer que eles não sejam problemáticos. “São combinações estranhas de liberdade e necessidade”. Assim, esta combinação na relação de amizade, que exige uma proximidade pela necessidade, também exige uma liberdade, convertendo o vínculo em uma espiral dialética em constante movimento.

Foucault, apud Ortega (1999), refere que é preciso haver um distanciamento entre as pessoas, para haver civilidade, caso contrário, haverá incivilidade. Estes movimentos, aparentemente contraditórios, de ser autêntico e de se aproximar, e, ao mesmo tempo, de manter certa distância, usar máscara, ter relativo falso *self*, integram, no entendimento do autor, uma sociabilidade sadia e criativa.

Ortega (2000), lembrando Foucault, afirma que é necessária uma distância entre os indivíduos para poder haver sociabilidade. Proteger-se do outro e usufruir de sua companhia são movimentos aparentemente contraditórios, mas necessários para a sociabilidade. Uma forma de tratar os outros como estranhos, ou com certa distância, usando uma máscara e cultivando a aparência, constitui a essência da civilidade. Portanto, a eventual utilização de uma “máscara”, ou, como diria Winnicott (1983), de um falso *self*, é necessário para o convívio. O comportamento civilizado, polido, exige um grande controle, além de trocas. Esta capacidade é uma sociabilidade sadia e criativa, que pode se perder, quando se busca uma sociabilidade íntima, mais voltada para si, o que passa a se subverter em incivilidade.

Foucault, Arendt, Sennett e Derrida (ORTEGA, 2000) mostram que o contato íntimo e a sociabilidade são inversamente proporcionais. Quando aumenta excessivamente a intimidade, diminui a sociabilidade. Estes autores mencionam como esta diminuição de sociabilidade acontece. Explicam que, no excesso de intimidade, a pessoa procura no seu refúgio a própria subjetividade, se encapsulando e se voltando para si mesma. Por isso, é

preciso certa impessoalidade, é necessário ter “[...] uma vida no de fora, que é uma vida disposta a admitir a diferença, aceitar o novo do outro, aquilo que é aberto, que é estranho, isto é, diferente de si.” O ato de fugir para dentro de si mesmo, para a interioridade, tendo o outro apenas para sua continuidade e satisfação, buscando “duração, precisão, segurança”, é um caminho sem saída, que conduz à auto destruição ou, ainda, é uma forma de ser e uma atitude narcísica.

Giner (1995) aborda a questão da igualdade, no vínculo da amizade. Esta é enfatizada na sociedade industrial, com a idéia de que a desigualdade em poder e riqueza pode corromper a relação, que define o seu valor por si só. Para alguns autores, a igualdade se inclui na definição da amizade; para outros, não. Pensamos que uma relação de amizade pode ser igualitária, recíproca nas trocas entre os amigos, embora esta possa ser desigual em poder e riquezas, desde que não haja submissão. Podemos pensar em situações de desemprego, em que amigos auxiliam, instrumentalmente, no que for preciso. “É uma relação plurifuncional”, como diz Giner (1995). Então, entendemos a idéia de igualdade na amizade como uma relação sem hierarquia, nem autoridade (poder). Ela supõe reciprocidade.

Eribon (1996), referindo Foucault quanto à ética da amizade, diz que esta deve ser algo vazio, não preestabelecido. Deve ser capaz de oferecer ferramentas para a criação de relações variáveis. Não tem um programa constituído. A amizade não tem forma de unanimidade consensual. É livre e aponta para o desafio, não para a submissão do outro. Como já foi dito, a amizade é um “programa vazio”, uma relação sempre por ser construída. Isto também pressupõe compromisso, embora a amizade tenha exigências mais suaves. Bloom (1993) salienta que os prazeres que o vínculo amistoso oferece são espirituais e não carnis. Isto justifica, por exemplo, que a aparência da pessoa do amigo seja irrelevante, fato que já não se confirma no caso da pessoa amada. Destaca ainda, que nem o amor nem a amizade são ligados pelos laços de origem ou nascimento, pois não levam em consideração raça, religião, nacionalidade, classe social, já que estão em todo o lugar.

Giner (1995) descreve alguns modelos de amizade, a partir de pesquisas antropológicas. Ressalta que uma delas é a amizade institucionalizada, que pode, também, ser chamada de amizade ritual. Outra é aquela que dá conta do compadre, do amigo do coração, do melhor amigo, do irmão de sangue, etc. São diferentes as formas em que é operacionalizada a amizade ritual. A autora cita alguns elementos constantes: compromisso voluntário entre pessoas isoladas de grupos, vínculo de larga duração, algum tipo de ritual, determinadas obrigações, direitos e deveres e o fato de abarcar aquilo que o grau de parentesco não envolve.

A amizade ritual, mais conhecida em nossa sociedade é, talvez, a do compadre: são os padrinhos de batismo do filho, que, atualmente, já não representam tanto a relação espiritual ou religiosa. Aí se estabelecem dois laços: o do padrinho com o afilhado e do padrinho com os pais. É uma relação voluntária, de igualdade (mesmo com diferenças sociais) e flexível. Pode servir para formalizar uma amizade íntima já existente ou para formalizar a amizade ritual diante de uma distância social.

Giner (1995), ainda cita Choen, que diferencia quatro modelos de amizade em nossa sociedade:

1 – Amizade inalienável - que é ritual e aparece nas comunidades de solidariedade máxima.

2 – Amizade íntima – é a amizade não ritualizada e pode ser interrompida a qualquer momento. Ela está presente nas sociedades cindidas, nas quais a solidariedade se divide entre o grupo de parentesco e a comunidade.

3 – Amizade casual - é a mais superficial e está presente nas sociedades não nucleares, em que as famílias solidárias estão isoladas e têm uma fraca conexão.

4 – Amizade interessada - está presente nas sociedades individualistas, para as quais a maior importância está na riqueza de cada um.

Giner (1995) refere dois modelos de amizade: a expressiva ou emocional - aquela que é ligada às sociedades solidárias; e a instrumental - aquela que interliga sociedades individualistas. Segundo a autora, os dois modelos estão presentes em todas as sociedades, mas em algumas pode se destacar mais um ou outro modelo. Nadel (1957) citado por Giner (1995), descreve que os papéis na amizade são “quase papéis”, porque nestas relações eles não são socialmente definidos, pois que as expectativas são definidas pelos amigos, e não pela sociedade formal.

O conjunto de relações em um grupo de amigos pode ser considerado como um processo que se dá em forma de rede, no qual os pontos são as pessoas e os fios as relações. Assim, podemos evocar Foulkes (1986), quando este fala do grupo como uma rede – em que se localiza a matriz dinâmica. A rede é social (o grupo com os demais grupos) e é pessoal (o participante com o grupo de amigos). A amizade, assim, é integrada pelos vínculos que unem os amigos na vida diária e na troca mútua entre o que necessitam.

A amizade tem um papel importante na rede social e na vida das pessoas, pois os amigos acompanham suas vidas, oferecem suporte e camaradagem e contribuem para a construção da identidade pessoal e social. Além do mais, eles se auxiliam na resolução de problemas da vida diária. Este papel é recíproco e de confiança. A amizade é um vínculo pessoal e supõe uma relação íntima e profunda entre as pessoas. É uma ligação responsável e, com o valor cultural conferido à amizade, acaba por exercer um papel ainda mais importante na identificação, representando um papel ideológico importante. (GINER, 1995).

Vários pensadores, principalmente os gregos, descreviam a amizade como uma relação entre duas pessoas, que, freqüentemente, eram do mesmo sexo. Mas hoje, cada vez mais, o que percebemos são grupos de amigos, sendo que os estudos atuais também passaram a se centrar neste tema: grupos de amigos ou amizade grupal, tal como, por exemplo, um “bando”, ou turma de jovens, grupo de mulheres leitoras de contos, grupo de homens jogadores de bocha, grupo dos orquidófilos, grupo do Clube da Amizade, etc. Nestes grupos, a relação se assemelha à amizade ritual, podendo-se, até, confundir-las (GINER, 1995).

Embora existam variáveis diferentes, os grupos têm muitos aspectos em comum, alguns dos quais:

- a pertença ao grupo é voluntária (embora possa haver limitações como idade, sexo, etc.);
- os participantes se reconhecem como amigos iguais, com vínculo de lealdade, confiança e ajuda;
- o sentimento de pertença, embora com diferentes dimensões, está sempre presente;
- os grupos de amigos possuem, de alguma forma, um tipo de reconhecimento social, principalmente porque as atividades acontecem muito mais em espaço público do que em espaço privado;
- as atividades possibilitam o convívio social informal desfrutado no tempo livre;
- os grupos de amigos estão em constante transformação, não sendo estáveis e inertes, mas dinâmicos.

Em cada comunidade existem vários grupos de amigos, do mesmo gênero ou de gêneros diferentes, nos quais o número de participantes é variado e a idade quase sempre apresenta pouca diferença.

Giner (1995) lembra a pesquisa de Jociles, sobre as “quadrilhas”. Enfatiza que o sentimento de amizade é o que explica pertencer a um grupo. Ainda neste trabalho, o autor salienta que a “quadrilha” tem muita importância na juventude e que pode seguir durante toda a vida, mesmo com mudanças. Pensamos que os grupos que se estabelecem na infância e adolescência podem perdurar por toda a vida, tanto persistindo no contato concreto, como no seu grupo internalizado. Estes grupos, mesmo informais, começam a fazer parte da vida diária de cada participante. Sua presença é sempre evidente como, por exemplo quando, diante de um acontecimento, vem à mente a lembrança de um amigo, pelo que ele disse, pelo que ele poderia pensar, por ter alguém para contar, questionar e etc.. Assim como as turmas, os grupos de amigos exercem marcada influência na vida e na constituição da subjetividade do amigo, assim como também na da comunidade, pela organização de atividades, de lazer, de esportes, de ensino, de reivindicações, de desenvolvimento de opiniões. Os grupos de amigos são o refúgio para sair das obrigações de parentesco e de trabalho.

Giner (1995), ao escrever sobre amizade, volta a destacar que ela é um fenômeno muito sensível e difícil de analisar, pois é uma relação em que os limites não estão claros, já que é difícil prever quando inicia e quando termina. A amizade tem, ainda, um caráter social ambíguo, pois tem muito a ver com as crenças e valores da cultura na qual está inserida. Assim, por exemplo, quando ela se estabelece nas organizações ou nas instituições, passa a ser considerada “o amiguismo”, suspeito de corrupção. Também, quando é uma amizade entre diferentes gêneros, logo se dá a ela uma conotação sexual, enquanto, da mesma forma, se são do mesmo gênero, há uma conotação homossexual. Portanto, os estudos sobre amizade são de suma importância para discriminar este fenômeno à luz de cada cultura. Concluímos, então, a partir de Giner (1995), que é imenso o potencial da amizade, tanto nos campos de parentesco, nos aspectos de desenvolvimento - isto é, a sua influência na estruturação psíquica - quanto no campo social. Montaigne (1987, p. 92) diz que a “amizade assinala o mais alto ponto de perfeição na sociedade”,

Bloom (1996, p. 483) afirma que a interpretação moderna do amor e da amizade pode reduzi-los a fontes de ligação humana biológica, econômica e neurótica, em busca de poder, riqueza, encanto, sem acreditar na existência de fenômenos superiores. O amor é necessário, é um anseio, é a consciência de que não somos completos. Quem ama reconhece que não pode viver só e que não é auto-suficiente. O autor, Montaigne (1987, p. 481) diz que “a pessoa que ama é a expressão mais clara da imperfeição natural do homem e de sua busca de perfeição” e que, em relação ao amigo, tal consciência é semelhante, pois também como o amor (amante), o amigo é incompleto porque precisa de um vínculo com outra pessoa para

obter satisfação. Desta forma ambos, o amor e a amizade, são necessidades, são esplêndidos, são atributos humanos, são, quem sabe, a finalidade suprema do homem para sua sobrevivência.

1.1.3 Espaço Potencial

O referencial teórico, ora explicitado, nos possibilitará refletir sobre os dados da pesquisa que, neste sub-capítulo, trata da categoria “lugar”. Desta forma, os participantes sublinharam a importância deste lugar, como um local de encontro, de convivência, de convívio social, de distração/diversão, um espaço que diminui a angústia, um fórum para aprender, para realizar a reinserção social, um lugar, enfim, que se oferece como alternativa de tratamento. Neste sentido, ele representa mais do que um espaço concreto, que também é fundamental, definindo-se muito mais pela ordem do subjetivo.

Partimos, então, em busca da compreensão deste lugar, entendido como o espaço potencial, referido por Winnicott (1975), presente na vida da pessoa, bem como referido por Julio de Mello Filho (1986), que o transpõe para a vida dos grupos. A esta área ou a este espaço, entre realidade interna e realidade externa, também chamou de fenômenos transicionais, definidos como área intermediária, local de repouso e espaço potencial (nomenclatura que utilizaremos).

Winnicott (1975) oferece contribuições importantes para se pensar o desenvolvimento do indivíduo – construção de seu verdadeiro *self*⁹ - e a importância do ambiente para seus processos de maturação. Uma delas diz respeito ao Espaço Potencial que descrevemos, analisamos e relacionamos para além do indivíduo, ou seja, buscamos a importância do significado do lugar, como um “lugar potencial” (onde tudo acontece).

Winnicott (2000, p. 318) introduziu as expressões espaço transicional e fenômeno transicional justamente para designar a área entre o eu e o não eu, que é a área intermediária da experiência do bebê. Acrescenta, ainda, que “existe um estado intermediário entre a capacidade de reconhecer e de aceitar a realidade e sua crescente capacidade de fazê-la”. Esta é a área de ilusão que está presente tanto na criança quanto no adulto.

⁹ *Self* – considerado por Winnicott como uma descrição psicológica de como a pessoa se sente subjetivamente, sendo o “sentir-se real” interiormente, constitui o eu. Muitas vezes ele não diferencia o ego de *self* e em outros momentos refere o ego como um aspecto do *self* que possui a função de organizar, integrar experiências.

Inicialmente, existe uma unidade formada pela dupla mãe/bebê (originalmente, mãe/embrião, depois, mãe/feto), na qual a percepção dá conta da constituição de um ser único/indivisível, tanto para a mãe como para a criança. Após esta etapa, o filho passa a não ser mais visto como parte da mãe. Neste momento, apenas a mãe já tem consciência do mínimo de independência de seu bebê. Então, pode-se falar da díade – duas pessoas que formam uma só. A separação é uma mudança assustadora na medida em que crescer e aprender podem se constituir em algo muito ameaçador. Ressalte-se, aqui, que é a paciência da mãe que possibilita esse crescer e aprender, ou seja, a ter a percepção de que há duas pessoas. Refere Polity (2002) que, neste momento de fusão mãe/bebê, há “uma dependência absoluta”, embora o bebê nada saiba sobre os cuidados da mãe, tendendo a imaginar/ alucinar que é ele próprio quem cria este cuidado, que é ele próprio quem atende ao que deseja, uma vez que não tem, ainda, percepção de sua dependência absoluta. Nesta fusão, o bebê está voltado completamente para si, para a díade (mãe/bebê, únicos), numa relação de “dependência absoluta”. A mãe percebe a dependência, mas, percebe também o filho como diferenciado de si.

Podemos relacionar este momento de dependência absoluta, do bebê que se percebe como único e os demais como sendo parte dele, com o Eu sujeito egocêntrico, descrito por Morin (2003) – ser o centro do seu mundo. Noutras palavras, o Eu sujeito egocêntrico poderia ser a base para a formação da própria identidade, necessária inicialmente, a partir da possibilidade de distinção e de diferenciação entre o Eu (auto referência) e o mundo exterior (exoreferência), o que, para Morin (2003), configuraria a reunificação. De forma muito próxima, para Winnicott (2000), a separação do eu e do não eu, depois, do eu em relação aos outros, o que possibilitaria a construção do *self* (subjetividade), designou como “rumo à independência”.

Assim, Winnicott (1983) refere que há uma passagem desta dependência absoluta para uma dependência relativa: quando percebe que há alguém envolvido, que há separação do eu e do não eu (o outro). Depois, é possível o rumo à independência, pois que adquiriu a possibilidade de cuidar-se, através das experiências desses cuidados (*holding*) e do desenvolvimento da confiança no ambiente. O período de dependência absoluta, assim entendida, caracteriza a fase de *holding*, quando mais o bebê precisa da mãe. Desta forma, para diferenciar-se, é preciso o momento do EU SOU. É o momento em que o bebê se sente exposto e tendo um ambiente de *holding*, a partir do qual os pais, exercendo esta função, inauguram a relação da mãe/bebê na família, expandindo-se para outros grupos sociais. Portanto, *holding* é o suporte necessário ao ego, é a sustentação, é alguém colocar seu braço

em volta do bebê, promovendo cuidados físicos e emocionais como uma mãe suficientemente boa. Estes cuidados são desencadeadores do processo de desenvolvimento, que é o rumo à independência. Faz-se necessário, ainda, explicar que a mãe suficientemente boa, para Winnicott (1975), é aquela que oferece um *holding*, o que não quer dizer que seja uma mãe sem falhas, mas aquela que sustenta a ilusão onipotente e, também, a desilusão (a presença e a ausência), que pode tolerar diferentes graus de agressão do bebê, mas, também, sabe estabelecer limites. É a que dá satisfação e é a que frustra. Neste sentido, estas funções são absolutamente necessárias ao desenvolvimento do ser humano. Com isto, há uma distinção entre eu e não eu e uma diferenciação entre eu e o outro, um caminho rumo à “independência” e podemos dizer uma reunificação (pensando na reunificação de Morin, 2003).

O espaço potencial, assim, se origina em um espaço físico e mental “entre”, inicialmente o bebê e a mãe e, depois, “entre” o bebê e outras pessoas. Segundo E. Polity (2002), este espaço não é transcendental nem instintivo, mas é onde nós, seres humanos, nos inserimos para compreender o mundo, o que definiria a pertença. Podemos dizer, então, que o espaço potencial vai existir no momento em que o bebê deixa o seu eu sujeito egocêntrico ou, podemos referir, o momento em que sai da dependência absoluta. Esta inserção é realizada de forma gradual e não automatizada, já que ela acontece a partir das experiências e das aprendizagens construídas/vividas nas relações intersubjetivas. Abadi (2002) refere que, somente a partir da criação de um espaço entre o dentro e o fora e um investimento ilusório do mundo, será possível e suportável o reconhecimento da realidade objetiva. Este espaço entre, que é o espaço potencial, pode ser uma zona de criatividade pois, segundo Winnicott (1975), somente sendo criativa é que a pessoa descobre o próprio eu (*self*). Podemos dizer, então, que o espaço potencial é esta área de ilusão em que é possível viver criativamente, em que a vida adquire sentido, em que o mundo interno e externo ficam unidos e, ao mesmo tempo, separados e, finalmente, no qual estão inseridos os fenômenos transicionais.

Desta forma, mundo interno, que é a realidade interior da pessoa, seus sentimentos, fantasias, e mundo externo, que é o que se encontra fora da pessoa, o real, o concreto, ficam separados e o indivíduo passa a se constituir como um ser autônomo. Podemos, assim, entender a autonomia como rumo à independência, nas palavras de Winnicott (1983), como já vimos, e que pensamos ser semelhante ao conceito de autonomia descrito na teoria de Morin (2003), qual seja, não como absoluta, não como liberdade total, mas, sim, como uma certa dependência do meio biológico, social e cultural. Esta dependência do meio se justifica na medida em que este meio reabastece o sujeito de energia. Desta forma, à medida que há um

amadurecimento deste processo de separação, aquilo que na dependência absoluta ficava fusionado, agora se vê em situação de distinção/diferenciação.

A partir disto, o bebê vai se constituindo (seu *self*) e passa a se ligar às pessoas e ao seu ambiente, o que é importante para o sentimento de pertença, uma vez que o sujeito vai oferecer sua contribuição, inscrevendo-a com a marca de sua diferença e de seu investimento.

Segundo Mello Filho (1989), o grupo pode ser compreendido como o Espaço potencial, tal como vimos em Winnicott (1975), no sentido de que este espaço é hipotético entre o “eu” interno e o “eu” externo, já que, naquele *setting* do grupo, se encontra um espaço entre o eu e o outro, que intermedia a relação com este outro e se transforma em uma rica zona de criatividade, zona esta em que tudo acontece. É, portanto, por meio de um ambiente receptivo, constante e previsível do grupo, que se constroem limites seguros, a partir dos quais cada um desenvolve o sentimento de pertencer ao grupo. Salienta o autor, que a vivência do *holding* é que vai levar à coesão grupal, que aumenta à medida em que cresce a integração. O grupo, entendido nesta perspectiva, se define como esta zona de possibilidades de criatividade entre o desejo e a realidade. O grupo, portanto, sendo e representando este espaço potencial, possibilitará aos seus membros que constituam o sentimento de pertença.

Winnicott (1975) se perguntava o que estamos fazendo ou onde estamos, quando escutamos uma música ou quando a criança brinca sob o olhar da mãe. Ele mesmo responde que não estamos nem no mundo da fantasia e dos sonhos, nem no mundo externo, real, compartilhado. Estamos em um outro lugar que não é nem um, nem outro, mas ambos, ao mesmo tempo – o espaço potencial. Este espaço potencial é precisamente onde está localizado o significado do significado, e é a partir dele que emergem os símbolos por nós utilizados (o espaço potencial é o espaço do símbolo). O símbolo¹⁰, por sua vez, pressupõe tanto a capacidade de evocar o outro na sua ausência, através da representação, quanto a capacidade de estar só, na presença do outro. Então, desde as primeiras experiências do bebê com a mãe, até as demais experiências que a pessoa terá como adulto, junto aos outros, vivências tanto de satisfação como de frustração, tanto de união como de separação, geram um espaço “entre”, que vai ser preenchido pelos fenômenos transicionais – espaço potencial.

A capacidade de bem viver as experiências na relação com o outro vai depender da habilidade do sujeito e das condições do ambiente facilitador, para que se crie o espaço potencial, que é o campo de ilusão (área transicional) já mencionado anteriormente (ABADI, 2002). Sem a ilusão, a pessoa tem como alternativa viver escondida em seu mundo interno,

¹⁰ Símbolo – é a ligação que dá sentido, isto é, a representação do que está ausente, como por exemplo “o paninho” do bebê que representa a mãe ausente. Portanto, ele simboliza a mãe.

em um estado de alienação e isolamento. Tem poucas condições de amar os outros e, muito menos, de participar da ilusão compartilhada, o que é uma condição para o amor, para a arte, para a relação com o mundo – e para o estabelecimento da amizade (ABADI, 1996).

Nesta relação “entre” é que se cria uma zona livre, o espaço potencial, que leva os membros do grupo à pertença, porque a possibilidade de uma relação compartilhada entre os membros do grupo é o que se pode considerar como um dos processos que constrói a pertença (pertença vista anteriormente). Nela, há uma relação construída entre os membros do grupo. Este espaço “entre”, de ilusão, de aceitação, de identificação, de ajuda, de aprendizagem, etc. é o que vai possibilitá-la, enquanto sua ausência pode impedir a existência da pertença ao grupo. Assim como a criança, os membros do grupo desenvolvem sua própria capacidade de gerar o espaço potencial (WINNICOTT, 1975).

Neste espaço de construção do próprio *self* e o do outro, há dois aspectos a serem destacados, segundo Winnicott (1975): o registro do singular e o registro do coletivo. Na ausência de um dos dois haverá sofrimento e uma experiência de não realização do *self*, construído na relação com o coletivo e que representa o espaço potencial (Polity, 2002). De acordo com a autora, na brincadeira de esconde – esconde, o esconder-se se vê ligado ao registro singular que dá conta da valorização das competências individuais, da autonomia, da independência. De outra parte, o ser encontrado, liga-se ao outro, ao registro coletivo, ao registro do grupo, que dá conta deste sentimento de pertencimento e de compartilhamento. É neste equilíbrio que acontecem o prazer e os processos de maturação.

Destaque-se que a capacidade de viver bem as experiências com o outro vai depender da habilidade do sujeito e do ambiente facilitador, para que se crie o espaço potencial, o campo de ilusão (área transicional), já mencionado, que é o lugar de dependência e autonomia, constituído através da confiança - preenchido pelo espaço potencial, em que há o brincar criativo, os símbolos, enfim, tudo o que representa a vida cultural. Então, o fato de o bebê aceitar que ele existe separado da mãe constitui uma derrota da onipotência, isto é, a vivência de desilusão e de não encontrar aquela mãe com todo investimento que satisfaça a todas as suas necessidades (NEWMAN, 2003). Isto remete à percepção de sua necessidade de complementaridade. As relações de complementaridade, segundo Puget, Bernard, Chaves, Romano (1991), são: o outro é o que não sou e desejaria ser; o outro é o que necessito ser; o outro é o que não sou, não desejo ser, mas necessito ser. Então, para Winnicott (1983), perceber que precisa do outro, denota a derrota desta onipotência inicial necessária. É passar do estado de natureza para o de cultura, entendendo-se como estado de natureza esta primeira relação de dependência absoluta, na qual a mãe/ambiente e o bebê são um só. Ao perceber a

mãe/ambiente como separado, com direito próprio, surge este espaço “entre” – espaço potencial- área entendida como a da experiência cultural. Polity (2002) entende por cultura, as experiências culturais da pessoa, que começam no jogo/brinquedo e levam a tudo aquilo que vai compor a herança da humanidade: a arte, os mitos, as lendas, o pensamento filosófico, os mistérios da matemática, as instituições sociais e a religião.

O jogar e a experiência cultural tem a função de vincular o passado, o presente e o futuro; ocupam tempo, espaço e energia. Sem dúvida, se caracterizam pela falta de exigência e de obrigatoriedade. Quando se deixam em suspenso as defesas, se fomenta o exercício da liberdade e a ilusão. Espaço potencial que permite imaginar o impossível (ABADI, 1996).

Assim, aceitar a mãe, com seu direito próprio, leva, depois, à aceitação dos demais, como pessoas. O espaço potencial preenchido com o lúdico e com a capacidade de fazer amigos, tal como analisamos no capítulo sobre a amizade, conduz à relação de grupo e à experiência cultural. Por tudo isto, pode-se conceber o grupo como sendo este lugar, o espaço potencial, no qual a criatividade, o lazer, a religião, a arte e a política se manifestam, cada vez mais, para expressar a totalidade da experiência humana.

Para Mello Filho (1989), o viver criativo é tudo o que fazemos para configurar nossa existência. É o que ampara o sentimento de que estamos vivos, é o que permite sermos nós mesmos: na convivência com o outro e “na capacidade de estar só na presença do outro”. Segundo Winnicott (1975), a criatividade, portanto, nunca pode ser totalmente destruída, mesmo em se tratando de pessoas com doenças psíquicas mais graves, nas quais este viver criativo pode seguir existindo, talvez até mais intensamente do que numa pessoa “firmemente ancorada na realidade”, que acaba perdendo o contato com o mundo subjetivo (WINNICOTT, 1975). Como refere Wallbridge e Davis (1982), qualquer atividade da vida diária, tal como: olhar um quadro, jogar e assistir futebol, escutar uma anedota, ouvir uma música, organizar um teatro, se vestir para uma ocasião especial, conversar, trocar idéias, fazer atividades manuais, se divertir, dar opiniões, contar sua história, reviver coisas boas, pode pertencer à área intermediária (o espaço potencial), desde que haja, por parte do sujeito, criatividade e sentimento de estar pessoalmente presente. É neste espaço que ocorre a comunicação significativa, tanto a verbal como a não verbal. O grupo é um espaço sem limites para a criatividade de seus respectivos membros, pois é um local em que as potencialidades podem ser realizadas, em que há tempo para a brincadeira, para a criação, para o relacionamento

inter-pessoal, para o despertar para a vida, para a convivência e para a aprendizagem. Neste momento se torna fundamental introduzir o conceito sobre aprendizagem, pois é no espaço potencial, neste lugar, que se pode estabelecer a autêntica aprendizagem.

O grupo tem por objetivo aprender a pensar, segundo Pichon-Rivière (1970), e, a respeito da aprendizagem, cabe ressaltar alguns aspectos trazidos pelo autor: a pessoa sã, no sentido de ser um sujeito constituído, livre e autônomo (definido anteriormente), quando apreende o objeto – um mundo interno e externo e consegue transformá-los, se modifica. Então, para o autor, saúde mental é um processo em que acontece uma “aprendizagem da realidade”, em função da possibilidade de enfrentar, manejar e solucionar os conflitos com o outro. O ato de ensinar e aprender é identificado com o ato de inquirir, indagar, investigar e caracterizar o aprender-ensinar. “É uma contínua e dialética experiência de aprendizagem em espiral” (PICHON-RIVIÈRE, 1986, p.96). Pensamos que esta aprendizagem da realidade, que leva à mudança, acontece em um ambiente de holding, neste lugar a que chamamos de espaço potencial.

A consciência de sua própria identidade e dos outros é adquirida ou recuperada no pensamento discriminativo social, através da aprendizagem. Este amplo processo leva a obter uma adaptação ativa à realidade, podendo assumir novos papéis, responsabilidades, abandonando os papéis estereotipados até então assumidos. Segundo o autor, isto se dá na tarefa, na qual os sentimentos de pertença, de cooperação e de pertinência, que operam em todo o grupo humano, passam a se entrelaçar de forma harmônica, conseguindo alcançar objetivos saudáveis – de bem estar.

Pensamos que o espírito epistemofílico está presente onde há pessoas reunidas, pois há um impulso para o aprender, desde que as ansiedades não sejam em demasia, a ponto de obstruírem o processo. O grupo possibilita a redução das ansiedades, pois realiza a continência neste espaço, das experiências emocionais. Se acreditamos que o grupo é um lugar de criatividade, que oferece um ambiente de holding, podemos entender a redução da ansiedade pela aceitação de ser, de cada um, pelos demais membros do grupo.

O grupo pode influenciar de forma importante as diferentes aprendizagens do indivíduo, fato que, talvez, se explique por se sentirem protegidos pelos membros do grupo, por se perceberem fiéis, dignos de consideração, o que diminui a ansiedade frente às explorações do ambiente e facilita à aquisição de novos conhecimentos. O discutir em grupo, trocar experiências, olhar o outro, produz avanços no conhecimento de si, dos outros e desenvolve habilidades sociais e de aprendizagem. Por exemplo: a habilidade de resolver conflitos proporciona aprendizagem a cada membro e o fortalecimento do grupo como um

todo, como também a amizade estável e forte é o resultado da capacidade de resolver conflitos. (LISBOA, KOLLER, 2003) Nas discussões, nas discórdias, na expressão de suas próprias opiniões, o criticar e ser criticado por um amigo é muito mais aceito e menos destruidor.

No grupo, a amizade, como foi referida no capítulo anterior, é de suma importância para o desenvolvimento da cooperação, do respeito e da imitação. Também, da capacidade de responder e atender às necessidades dos outros e de resolver conflitos, pois, entre si, os amigos são capazes de criticar idéias, clarear, confrontar, compartilhar, elaborar suas opiniões, defendê-las, contrapô-las. Tudo isto leva à aprendizagem.

A formação de grupos é uma tendência natural das pessoas, cuja raiz está centrada nestas “experiências ilusórias” semelhantes, compartilhadas. Segundo Winnicott (2000, p. 318), “Esta é uma das raízes naturais para a tendência humana de formar grupos.” Estas experiências ilusórias surgem em um ambiente receptivo, constante, previsível, acolhedor, e os grupos podem representar este ambiente, assim desenvolvendo em seus participantes o sentimento de pertencer ao grupo. Os vínculos e trocas que se estabelecem no grupo possibilitam um ambiente facilitador, o qual, da mesma forma, possibilitará o estabelecimento destes vínculos. Principalmente, levando em consideração que todos esperam e buscam este acolhimento, também o oferecem pela possibilidade de empatia e reciprocidade. Viver neste espaço ilusório leva a formar grupos e a pertencer a eles. Logo, a existência desta área de ilusão, e, ao mesmo tempo, da realidade, que é o espaço potencial, contribuem com o grupo no sentido de seus membros desenvolverem a criatividade. Esta pode se projetar, como vimos anteriormente, nas coisas simples do dia a dia, tais como a criação de um jardim, de uma iguaria, de um bordado, de uma maneira de se expressar, de se vestir, etc... tanto individualmente como coletivamente. A criatividade, também, pode acontecer em situações mais complexas, como produzir uma peça teatral, um jornal, etc. Aspectos que contribuem para o desenvolvimento de uma cultura de grupo, influenciando a forma “de ser” do grupo e sendo influenciado por ele, já que, ali, se socializam as informações, a ajuda, o incentivo, as identificações e as experiências emocionais. Tais atividades lúdicas têm, dentre outras, a função de facilitar a comunicação consigo mesmo e com os outros, o que leva cada sujeito a se sentir percebido, se sentir percebendo o outro, compartilhando aquele espaço comum, criativo e marcado pela espontaneidade.

Nesta perspectiva, os adultos se relacionam uns com os outros através da superposição de seus espaços transicionais. Este espaço, segundo Mello Filho (1989), permite aos participantes o encontro num clima de liberdade, de inclusão. Diminui assim as inibições,

a rigidez, a concretude, favorecendo aspectos que preparam para viver fora, para a relação com o outro, para a relação com a sociedade. Constroem novas relações, possibilitando a participação em diferentes lugares. Desta forma, a competição pode se transformar em uma relação fraterna e, o apoio, em solidariedade.

Uma das questões levadas em consideração nesta análise é que este lugar, este espaço potencial se caracteriza por ser um lugar de inclusão, no sentido da reinserção social, de se “sentir dentro”. Convém destacar que a inclusão e a exclusão estão sempre presentes no cotidiano do sujeito, como já nos referimos anteriormente e, embora esta dialética entre inclusão/exclusão gere subjetividades, nem sempre ela se define como um movimento de inclusão, pois, às vezes, gera discriminação e revolta (SAWAIA, 2002), fatores estes que aparecem no dia a dia do sujeito através da sua forma de ser, sentir, reagir, ter consciência. Portanto, a exclusão estabelece uma relação direta com a inclusão, se movimentando dialeticamente e se estabelecendo como uma abordagem em que uma não existe sem a outra. Este paradoxo pode ser impactante para quem pretende compreendê-lo, pois, se, por um lado, temos elaborado um discurso de inclusão, por outro, estamos tão arraigados a modelos anteriores que nossas ações se vêem dissociadas de nossas reflexões, contradição esta que se traduz numa luta constante. Assim que, por inclusão social, entendemos o processo pelo qual a sociedade é capaz de aceitar as diferenças, valorizar cada pessoa e reconhecer as idiosincrasias como forma de enriquecimento pessoal e coletivo, valores estes que possibilitam a convivência e a construção de novas aprendizagens.

O desejo de integração social é justamente essa tentativa de, cada vez mais, anular a prática da exclusão, pois que a busca de um lugar inclusivo é permanente. Neste sentido, o grupo que possibilita este lugar é o mesmo que pode estabelecer um processo de amadurecimento e de configuração deste espaço potencial, entre o interno e o externo, o próprio grupo e os demais grupos e a sociedade. Este espaço, que é criativo, possibilitará a “subjetivação inclusiva” (eu, sendo eu, dentro do nós, do grupo, e sendo parte do nós). Em síntese, isto é o que facilitará a inserção em outros lugares, buscando sempre novos espaços potenciais. Segundo Polity (2002, p. 22) “[...] esses processos são a base para confiança, para o desenvolvimento do amor próprio, da autonomia”[...], o que corrobora a idéia de que este lugar é entendido como aquele espaço constituído entre o interno e o externo, entre a dependência e a autonomia, entre a fusão empática, com a mãe, e a separação.

Conforme Winnicott (1975), é através da confiança neste espaço potencial, a confiança que a mãe oferece ao bebê, e que ele passa a depositar nela, e depois nas outras pessoas e coisas, é que torna possível a diferenciação. Por isto, a pessoa que não conseguiu

experimentar este sentimento de segurança, vivenciar um ambiente facilitador (*holding*), não se sente livre e autônoma, tornando-se, por conseguinte, insegura e nutrindo um sentimento de incapacidade. Em contrapartida, Wallbridge e Davis (1982) salientam que, se tiver esperança, o sujeito irá em busca de ajuda fora da família. Noutras palavras, pensamos que procurará uma situação emocional estável, num grupo a que possa pertencer e em que possa exercitar suas emoções, recriando, dentro de si, um ser livre, tranqüilo e em paz, como, por exemplo, em lugares como o Clube da Amizade.

O espaço potencial do grupo, portanto, vai além do seu *setting*, pois o viver compartilhado ultrapassa a presença concreta do outro. É no Espaço Potencial daquele *setting*, que ocorrerão as novas experimentações e mudanças e, a partir delas, o *setting* do grupo deixa de ser geográfico, para ser um *setting* mental. O *setting* passa, nesta ótica, a ser um organizador do grupo, influenciando-o e sendo influenciado por ele, fato que descrevemos no capítulo dos organizadores de grupo. Para o estabelecimento deste espaço potencial, há necessidade de haver um *holding*. Esta função só se estabelece dentro de um enquadre (de um *setting*). O *holding* é o principal atributo do *setting*. *Holding* é a contenção, é o colo oferecido pela mãe suficientemente boa. Nós devemos levar em consideração o que Jovchelovich (2000, p.73) salienta: “[...] levando em consideração que quem cuida da criança, o outro, é um sujeito concreto, inserido num mundo concreto, já constituído e estruturado por relações sociais e representações sociais”. Para Mello Filho (1986) aponta que o grupo é um lugar de *holding*, semelhante ao que Bion (1974) chama de continente, que considera a capacidade da mãe de conter as angústias e necessidades do bebê (ZIMERMAN, 1995). Por isto, os membros do grupo deverão proporcionar a seus participantes um ambiente compatível com as suas necessidades, um continente às suas angústias. Entretanto, quando este ambiente falha, haverá prejuízos no desenvolvimento do grupo e de seus integrantes. Poderão ocorrer falhas na coesão do grupo e na pertença. Esta é uma função terapêutica que o grupo exerce, oferecendo um *holding*, dentro de um *setting* compartilhado, o que permite, também, privacidade, intimidade e profundidade. Esta privacidade, intimidade e profundidade ocorrem em todos os grupos em que há pertença, pois se estabelece uma proximidade importante entre seus membros, seja pelas semelhanças, seja pelas diferenças.

Retomando o conceito de espaço potencial, percebe-se o quanto Winnicott (1975) escreveu sobre a potencialidade criadora do ser humano e sobre o sentimento de existir, assim como a mãe suficientemente boa, que deve haver no ser criativo de uma pessoa. Denota-se, então, que a criatividade é o que advém do existir, do ser. Trata-se do desejo de ser e de saber-se aceito e reconhecido. Desta “capacidade de ser“, surge a “capacidade de fazer“, ou seja: ao

conseguir “ser”, os indivíduos seguem, de geração em geração, preservando o passado e cuidando do futuro, enquanto, no “fazer”, criam e recriam o ambiente cultural no qual se inserem (WINNICOTT, 1975).

2 QUESTÕES NORTEADORAS:

- a) Que processos grupais possibilitam a construção da pertença ao grupo do Clube da Amizade?
- b) Como os organizadores grupais contribuem na construção da pertença ao grupo do Clube da Amizade?
- c) Como o vínculo da amizade contribui na construção da pertença ao grupo do Clube da Amizade?
- d) Como o espaço potencial - lugar contribui na construção da pertença ao grupo do Clube da Amizade?

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL:

Compreender os processos grupais que possibilitam a construção da pertença nos grupos psicológicos.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- ➔ compreender como os Organizadores grupais contribuem para a construção da pertença ao grupo do Clube da Amizade;
- ➔ compreender como o Vínculo da Amizade contribui na construção da pertença ao grupo do Clube da Amizade;
- ➔ compreender como o lugar - espaço potencial contribui na construção da pertença ao grupo do Clube da Amizade.

4 CONTEXTO DA PESQUISA

Para compreender o significado e importância da presente pesquisa, cabe salientar o contexto em que a mesma foi realizada.

O panorama histórico em que surgiu o Clube da Amizade se vê relacionado aos primórdios destas mudanças - foi fundado por técnicos e pessoas em atendimento no "Serviço Aberto", assim denominado anteriormente, o atual, Serviço de Saúde Mental Melanie Klein – S.S.M.M.K. O ambulatório do Hospital Psiquiátrico São Pedro – HPSP- participou de avanços e retrocessos para cumprir este objetivo, qual seja, dar atendimento à pessoas que necessitam de tratamento psiquiátrico. O serviço chegou a se chamar Centro Psiquiátrico Melanie Klein.

Este serviço (S.S.M.M.K.) é referência em Saúde Mental nas sub-regiões sanitárias de Porto Alegre e objetiva receber e atender pessoas com sofrimento psíquico, encaminhadas pela rede de saúde pública. Tanto o acolhimento quanto o atendimento são realizados, preferencialmente, em grupo. O serviço se mantém no atendimento grupoterápico há mais de quatro décadas e esta “tradição” se mantém, pela eficácia demonstrada, através do tempo e da observação. Além das diversas abordagens de atendimento, este serviço sempre foi, também, local de ensino, através de cursos de formação, estágios de graduação e de pós-graduação. Paralelamente a estes programas, funciona o Clube da Amizade, fundado em 1975, sendo ele uma das iniciativas pioneiras como intervenção terapêutica.

Ao ser fundado, o clube funcionava na própria comunidade, para que as pessoas pudessem seguir mais vinculadas ao contexto em que se inseriam e com menos dependência do serviço que lhes era prestado. Mas o descompasso ou ambivalência dos referidos serviços ficavam claros, pois no clube eram realizados atendimentos psiquiátricos, psico-lógicos, sociais, etc.

O clube chegou a contar com, aproximadamente, (100) cem sócios, e dele participavam pessoas portadoras de sofrimento psíquico, cujos diagnósticos (utilizando a classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID 10) variavam entre os diferentes tipos de esquizofrenia, os transtornos esquizóides, transtornos delirantes, transtornos psicóticos agudos e transitórios, transtornos esquizo-afetivos e transtornos do humor. Diagnósticos estes que implicam diferentes causas e efeitos (biológicos, psicológicos e sociais), com tratamento se dando tanto em nível biológico e psicológico quanto social, o

que caracterizava transtornos mentais crônicos, sujeitos a acompanhamento e tratamentos constantes.

Atualmente, o Clube conta com a média de 55 sócios, pessoas que tiveram ou não internações psiquiátricas e que apresentam algum tipo de sofrimento psíquico. A maior parte dos sócios realiza seus tratamentos no SSMMK. Com isto, o clube passou a ter como objetivo possibilitar a reinserção social de seus membros associados, em sua comunidade, e a conseqüente diminuição dos índices de internação psiquiátrica.

No momento, está situado em um espaço cedido pelo SSMMK, e conta com duas técnicas (Psicóloga e Assistente Social), que participam do clube.

A coordenação do Clube é exercida por uma diretoria composta de um Presidente, um Vice-presidente, um Secretário e um Tesoureiro, eleitos anualmente pelos associados. Esta eleição é precedida de campanha eleitoral em que várias chapas são constituídas, obedecendo ao regimento interno previsto pelo Clube.

Vários associados o freqüentam desde a sua fundação. São sócios do Clube com diferentes tempos e intensidade de participação. Fazem parte de pequenos e grandes grupos. Desta forma, observa-se o quanto o clube tem alcançado seu objetivo de diminuir os índices de internação psiquiátrica e o quanto cada membro auxilia o outro em suas necessidades e seu sofrimento. Os sócios estão atentos uns aos outros, e a Diretoria, atenta a todos.

O Clube funciona às terças-feiras e quintas-feiras, à tarde, oferecendo como atividades: assembléias; reuniões extraordinárias (sobre assuntos polêmicos da semana ou relacionados ao grupo ou à saúde mental); atividades de costura, colagem, floricultura, leitura, confecção de jornal, organização e cuidado da loja de roupas usadas; biblioteca; chá/café da tarde compartilhado; exercícios físicos/ginástica; jogos de mesa; passeios; participação em atividades científicas; participação em comitês de Saúde Mental, participação nas reuniões dos pequenos grupos.

5 MÉTODO

A pesquisa qualitativa trabalha com interpretações e significados das realidades sociais (BAUER, GASKELL e ALLUM 2002), o que possibilita a análise e compreensão dos fenômenos investigados e, posteriormente, analisados. Considera-se esta a abordagem indicada para compreender os fenômenos de relação humana, investigando de forma abrangente os dados descritivos, as comunicações verbais e as não verbais, utilizando, para a análise dos dados coletados, a método de Análise Textual Qualitativa de Moraes (2003).

5.1 PARTICIPANTES

Os participantes da pesquisa totalizaram vinte e quatro pessoas voluntárias, pertencentes ao grupo do Clube da Amizade. O critério observado para a escolha dos participantes foi o da ordem de inscrição dos sócios voluntários. Dos inscritos, quatro não estiveram presentes, mas os sócios, espontaneamente, compareceram ao grupo com substitutos escolhidos por eles e/ou convidados aleatoriamente pela estagiária.

5.2 PROCEDIMENTO PARA A COLETA DE DADOS

Ao iniciarmos a pesquisa do porquê de as pessoas permanecerem nos grupos, buscamos oito sócios voluntários do Clube da Amizade a fim de formar o Grupo “piloto”, para quem a pergunta feita foi: - **O que os levava a permanecer no grupo do Clube da Amizade?**

Os temas relevantes trazidos em resposta foram: vínculo da amizade, normas e regras do clube, lugar de encontro e lugar de atividade, que formaram as categorias *a priori* da pesquisa.

Para a realização da pesquisa consultamos o grupo e asseguramos seu anonimato. Foi lido, discutido no grupo e assinado, pelos participantes, sócios do Clube, o consentimento livre e informado (modelo em anexo), documento também assinado pela comissão de Ética do

Hospital Psiquiátrico São Pedro. Foi, ainda, solicitado o consentimento do Serviço de Saúde Mental Melaine Klein e da direção do HPSP.

A seqüência de processos para a realização da pesquisa, foi a que segue: solicitamos o consentimento da direção geral do HPSP, da direção de ensino e do S.S.M.M.K., que consideraram a pesquisa relevante e, por isso, o referido consentimento foi encaminhado para o Comitê de ética do HPSP. Após a aprovação deste comitê, chegamos aos participantes do Clube da Amizade. Na assembléia dos sócios do CA foram explicados diversos aspectos referentes à pesquisa, quais sejam: o que era a pesquisa, os passos previstos, os objetivos, o asseguramento do anonimato e a assinatura do consentimento informado. Alguns sócios aceitaram o convite, dizendo-se satisfeitos de poderem colaborar "com os estudos", e expressaram a vontade de receber o resultado do trabalho. Assim, foi firmado o compromisso por ambas as partes.

Na seqüência do trabalho, foram organizadas três listas, para inscrição dos voluntários aos grupos focais, solicitando a participação de homens e mulheres, que se inscreveram nos grupos conforme lhes convinha em termos de disponibilidade (em função do dia e horário a ser realizado).

Os grupos focais foram organizados em três encontros, com oito participantes em cada um deles e com a duração de uma hora, para discutir o tema proposto: O que os leva a pertencer ao Clube da Amizade. A escolha do grupo com este número específico se deve ao fato de ser este, considerado pela literatura, o número suficiente para que todos possam falar neste espaço de tempo (1:00h), possam manter um diálogo e sentarem-se em círculo, podendo olhar todos e serem vistos por todos. O círculo de cadeiras expressa concretamente a distância na qual os membros agirão entre si, sem se tornar demasiado distantes ou demasiado próximos (FOULKES, 1972). Constituíram-se, assim, grupos fechados, com apenas um encontro. Observamos, também, o critério de heterogeneidade de gênero, além da idade, podendo esta variar de 18 aos 70 anos.

A construção do *corpus* e o processo de coleta de material dos grupos focais foi sistemático, observando a relevância, homogeneidade, sincronicidade e saturação, conforme sugere Bauer e Aarts (2002).

Os grupos focais foram realizados nos dias em que os sócios vinham rotineiramente ao clube, nas dependências do ambulatório. Fizeram parte dos grupos focais, os sócios, duas estagiárias do serviço, cuja função foi o registro das informações, e a coordenadora. Os grupos focais foram filmados, registrados.

5.2.1 Instrumentos

Os instrumentos para a coleta de dados foram o diário de campo e os próprios grupos focais. O grupo focal, segundo Romero (2000, p.60), é uma técnica de pesquisa qualitativa e acontece na interação focalizada de um grupo que possibilita um debate de maior alcance e profundidade entre os participantes, sobre o assunto em questão. Desta forma, foi focalizado o tema, ou seja, o que os leva a pertencerem ao Clube da Amizade, através de questões abertas, o que possibilitou a todos o debate e a análise de material. Os grupos focais seguiram, de forma geral, o seguinte roteiro:

No primeiro momento, antes do registro, foi realizada a apresentação dos participantes, esclarecimento do objetivo do encontro, esclarecimento dos passos da pesquisa, e a leitura e assinatura do consentimento livre e informado.

No segundo momento, com o registro (relato e filmagem), iniciamos o trabalho com o grupo, colocando a êles alguns questionamentos, tais como: o que achavam do clube, por que vinham ao clube, o que gostavam e o que não gostavam no clube.

5.3 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

Para o procedimento de análise dos dados nos valem da Análise Textual Qualitativa (MORAES, 2003) Os recursos utilizados, para tal, foram a desconstrução do texto do “*corpus*”, a unitarização e a categorização (MORAES, 2003, b).

Nesta acepção, foi realizada a exploração das camadas de sentido cada vez mais profundas no exercício de construção de compreensão, de forma vertical, isto é, analisando em profundidade os dados. Pensamos que a análise textual não é um movimento linear e continuado, mas é, antes, um movimento em espiral, que, a cada avanço, exige retornos reflexivos e corretivos, movimento reiterativo capaz de atingir, a cada vez, maior clareza e validade do material analisado (MORAES, 2003, a). Desde a desconstrução, o envolvimento e a impregnação com os dados coletados foram intensos, já que o objetivo era, justamente, se deixar envolver pelo texto, possibilitando, assim, o aparecimento de novas compreensões daquilo que estava sendo investigado.

Assim, não só as intenções da pesquisadora, mas também o referencial teórico e a análise semântica possibilitaram múltiplas leituras dos textos. A leitura do conjunto de textos (dos três grupos focais) é produto resultante de uma determinada interpretação, da pesquisadora, o que não significa ser a única e absoluta, já que um texto sempre pode levar à múltiplas significações.

A análise textual qualitativa seguiu os passos recomendados por Moraes (2003), para a análise dos textos, como já foi dito, iniciamos com a desconstrução, etapa em que se percebem os diferentes sentidos expressos pelo discurso dos sujeitos pesquisados. As unidades de análise ou unidades de significado ou sentido, foram codificados, conforme o texto e conforme a noção de unidade, (MORAES, 2003, b). A partir daí, foram definidas unidades, desde algumas categorias *a priori*, mas, também, advindas da construção de outras, emergentes, que formaram as categorias *a posteriori*.

O processo seguinte foi o de categorização das unidades construídas anteriormente. A partir do processo de comparação, foram agrupados os elementos semelhantes para formar o conjunto de elementos de significação – a categorização (MORAES, 2003, c). As categorias foram produzidas pelo modelo misto do método dedutivo e indutivo, intuitivo. O método dedutivo partiu da leitura geral do Grupo Focal piloto, dos objetivos da pesquisa e dos fundamentos da teoria, portanto, *a priori*. Os métodos indutivo, intuitivo, em que foram construídas as categorias, inspiraram o agrupamento dos elementos semelhantes, denominado categoria emergente, que deu origem às categorias gerais. Podemos observar que algumas unidades estão presentes em mais de uma categoria, embora o sentido expresso pelos participantes seja diferente e serão melhor entendidos nos meta textos.

5.3.1 Categorias Gerais dos Grupos Focais

Categoria A – Alternativa de tratamento – Os participantes salientam que o clube auxilia na melhora, cuidados, atenção à medicação de cada um, o não retorno à internação, consideram que o clube possibilita a recuperação, a continuidade do tratamento realizado em outro local.

Categoria B¹¹ – Vínculo de Amizade - Para os participantes, no clube se estabelecem uma amizade importante, boas relações inter-pessoais, possibilidade de fazer novas relações sociais, de ter assunto, poder participar. Consideram que a melhor coisa do clube é a amizade, o reencontro, o amigo que entende, a ajuda mútua, ter alguém que escuta, ter alguém para falar e poder falar. Ainda mostram o interesse que um tem pelo outro. Reforçam que há entrosamento, compartilhamento, receptividade. É uma confraria, com união, afeto, discórdia, brigas e reconciliações.

Categoria C – Vínculo com a Instituição - Consideram sua relação com a Instituição de valor, pois se sentem olhados, cuidados. Os técnicos que os acompanham demonstram interesse, ajudam, apóiam. A instituição oferece esclarecimentos sobre a doença e a importância da medicação, e auxiliam no controle do funcionamento do clube. O hospital oferece ajuda material e, também, a possibilidade de trabalharem na reciclagem do próprio hospital.

Categoria D – Lugar de encontro - Julgam o clube como um lugar para conversar, compartilhar, conviver com o outro. Podem entrosar-se, trocar idéias. Os encontros são julgados de qualidade. Percebem que ficam à vontade, espaírecem, desabafam. Sentem que podem ter paz e tranquilidade. É lugar para fazer atividades, para conversar e dar opinião, ser olhado. As pessoas se sentem bem, pois há receptividade. E ressaltam a importância de ser um lugar de respeito.

Categoria E - Certo / errado – Os participantes consideram que no clube alguns acontecimentos são errados como: roubo, ser sócio apenas para ter a carteira de passagem gratuita, levar os livros da biblioteca para casa. Na assembléia não poder falar todos os assuntos. Criticam as pessoas que vão por interesse, da mesma forma quem não paga a mensalidade.

¹¹ Categorias a priori.

- Categoria F¹² - Normas e regras** - Referem que existem regras a serem cumpridas como: freqüentar o clube, manter a moral e ética, justificar ausência, pagar a mensalidade, manter o sigilo. Não cumprindo as regras tem restrições, podem perder as vantagens com os passeios e até a carteirinha de sócio e/ou a da passagem gratuita.
- Categoria G - Divergências** – Contam que no clube também tem fofoca, intriga, antipatia, contradições, inimizade, mágoa. Quando estes fatos acontecem o ambiente fica pesado.
- Categoria H – Convivência** – Podem se encontrar com amigos, conversar, planejar e fazer coisas juntos. É um lugar de integração, que possibilita se aproximar das pessoas. Consideram que é possível conviver com as pessoas.
- Categoria I - Ajuda – apoio** – No clube encontram ajuda e apoio para o seu tratamento. Outra ajuda encontrada é para poderem se conhecer, se animar. Ali, um estimula o outro. Encontram disposição, convivência, autonomia e cuidado. Também com o outro recebem ajuda e apoio para mudar a forma de se cuidar.
- Categoria J¹³ - Lugar de atividades** - Salientam que o clube é um lugar de atividade. Ali se torna possível fazer ginástica, tricô, crochê, pintura, jogar: dominó, flô-flu, futebol, vôlei. Este lugar de atividades lhes possibilita organizarem festas, passeios, teatro. Formam subgrupos. Até mesmo fazerem bolo e organizarem o café da tarde. Ficam atentos para cuidar deste lugar que propicia as atividades.

¹² Categorias a priori.

¹³ Categorias a priori.

Categoria L - Distração – diversão - Não pensarem só nos problemas. O clube é um lugar com diversão e distração. As pessoas sabem que estão ali para conversar, espairecer. Todos gostam de se divertir com tudo o que acontece no clube, com as atividades, o teatro, a música, o canto.

Categoria M - Lugar que diminui a angústia - Este é considerado um lugar que ameniza a angústia, que podem não pensar só na doença.

Categoria N - Papéis – Os participantes mostram os diferentes papéis que assumem em diferentes cenários em que vivem: família, comunidade, clube, sociedade, hospital. Os papéis são: de doente, de trabalhador, de mãe/pai, filho, de amigo, de paciente do São Pedro, de sócio do clube. Ali no clube podem falar desses papéis que assumem e lhes adjudicam. Gostam de falar em trabalho, da busca de trabalho e do trabalho no clube e na reciclagem.

Categoria O - Aspectos comuns – Identificação – O clube pode mostrar que as pessoas que estão ali tem aspectos comuns. Se identificam, pois ali é um lugar para pessoas com problemas parecidos.

Categoria P - Reinserção Social – Consideram que o clube possibilita a reinserção social. No clube se preparam para viver fora, aprendendo a conviver com os outros, construindo novas relações. Se sentem incluídos. Referem que participando do clube aconteceram mudanças em sua inserção social, conseguiram adquirir apartamento, construir sua casa, participar de diferentes grupos e instituições. Ainda ressaltam a importância de ter uma carteirinha de sócio.

Categoria R - Reconhecimento – Destacam que neste grupo há reconhecimento. O reconhecimento de ser aceito como é, de serem gratos pelo que recebem. Reconhecem que são capazes de ajudar o outro, de escutar o outro, de respeitar o outro.

Categoria S - Família - Comparam o clube a uma família que tem cuidado, crítica, atenção. Expressam o clube como a família ideal – todos se relacionam bem.

Categoria T - Aprendizagem – Reconhecem que no clube acontece uma aprendizagem constante, começam a aprender a conviver, aprender atividades: costura, crochê, tricô, jogos. Muitos referem que voltam a aprender “o que perdeu”, inclusive a dignidade.

Categoria V - Convívio Social - No clube tem convívio social, isto é, a participação social com trabalho conjunto, poder conhecer novas pessoas, conviver com outro pessoal fora do clube e reviver coisas boas anteriores à doença (festas, passeios, conversas).

Categoria X - Crítica – Pensam que no clube tem críticas com o que acontece, mas não pelas suas diferenças e pelo jeito de ser, como acontece fora do clube.

Categoria Z - Sócio do Clube - Referem ter o sentimento de ser parte do clube.

Categoria Y - Saúde/doença – Consideram que puderam ter seus conceitos sobre o que é saúde e o que é doença mental.

Nas categorias amplas, tentamos expressar um argumento que aglutinasse e sintetizasse as subcategorias (chamadas Categorias Gerais) e as unidades de análise que as formaram. Este processo de produção de argumentos aglutinadores nos levou a níveis de maior compreensão, quais sejam:

5.3.2 Categorias Amplas

- 1) **Categoria Organizadores do grupo** – Organizador é o resultado da integração de diferentes fenômenos, funções, papéis, estrutura presentes no grupo,

formando uma nova organização, com nível de complexidade maior, produzindo outros organiza-dores mais complexos. É a integração do processo. Esta categoria compõe-se das subcategorias: regras e normas (certo/errado), atividades, papéis, sócios do Clube, vínculo com a Instituição, a saúde/doença.

- 2) **Categoria Vínculo da Amizade** – Tomada teoricamente através de todos os vínculos que a pessoa estabelece ressaltando o da Amizade que é uma ligação de afeto, de interação recíproca entre as pessoas, de livre escolha, de preferências mútuas sem tempo de duração. Esta categoria compõe-se das subcategorias: amizade, apoio/ajuda, divergências/críticas, família, aspectos comuns – identificação, reconhecimento.

- 3) **Categoria Lugar - Espaço Potencial** – Teoricamente entendido como o Espaço Potencial que é uma área intermediária entre o eu e o não eu. Área livre para criatividade. Esta categoria é formada pelas subcategorias: lugar de encontro, de convivência, de convívio social, de distração/diversão, lugar que diminui a angústia, lugar para aprender, lugar de reinserção social, de alternativa de tratamento.

Observando os passos da análise textual qualitativa, iniciamos um novo processo: a explicitação da relação entre as categorias, para construirmos a estrutura do meta texto. (MORAES, 2003, a/b). Então, a partir de um conjunto de textos, produzimos um meta texto. Observamos que, enquanto não tínhamos uma compreensão mais aprofundada do fenômeno, foi difícil definir o que não era pertinente a ele, o que era irrelevante e supérfluo. A partir dos Meta textos (Anexo B), iniciamos um novo processo: a discussão. Levamos em consideração o que Moraes (2003, d) salienta: o escrever é para aprender e construir outros modos de perceber e compreender a realidade. O produto da análise textual qualitativa será comunicado na conclusão, em que pensamos poder integrar o comunicar com o aprender e o transformar (MORAES, 2003, e).

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

6.1 ORGANIZADORES GRUPAIS

Na análise dos dados, a partir dos grupos focais, realizados com alguns sócios do Clube da Amizade, destacam-se os organizadores grupais, como processos grupais que possibilitam a construção da pertença a este grupo. Desejando compreender quais as contribuições dos organizadores grupais, na construção da pertença, procuramos analisar os dados que emergiram do grupo. Então, surgiram várias subcategorias: regras e normas (o certo/errado), as atividades, os papéis, os sócios do Clube, o vínculo com a instituição, a saúde/a doença. Todas estas agrupadas formam a categoria ampla: os organizadores grupais.

Entendemos Organizadores Grupais como o resultado de um processo de integração e, ao mesmo tempo, o desencadeador de novos processos deste tipo. Observamos que no grupo pesquisado aparecem diferentes organizadores, em diferentes momentos. Para se estabelecerem, os organizadores necessitam de uma série de pequenos (mas não de menor importância) organizadores. Estes possibilitam chegar a um organizador mais evoluído, tal qual discutimos anteriormente em relação ao sorriso do bebê (SPITZ, 1996). Portanto, conforme foi salientado, entendemos Organizadores Grupais como o resultado da integração de fenômenos, funções, papéis presentes no grupo, formando uma nova organização, com um nível de complexidade maior. Com isto, são produzidos novos e diferentes comportamentos e fenômenos grupais. Estes, serão conduzidos a um novo processo de integração – a um novo organizador. Um organizador serve de base para o próximo e, assim, sucessivamente. Esta nova unidade formada pelo organizador possui características diferentes dos elementos que o constituíram. Cada fenômeno que acontece nos grupos pode fazer parte destes organizadores. Sua integração conduzirá ao surgimento de um organizador mais evoluído.

Chamou-nos a atenção o quanto os participantes exprimem a importância das regras e normas do grupo. A regra mais explicitada foi a do compromisso, quando dizem: “Tem o compromisso de estar aqui todas as terças e quintas-feiras, é lá o meu lugar, tenho que estar lá.” Então, a regra do compromisso com a presença é básica, pois, sem ela, não existe o grupo, como salienta Pichon-Rivière (1986). Existe, porém, outro compromisso considerado fundamental para os integrantes permanecerem no clube: o compromisso da amizade, que será visto no próximo capítulo.

As regras e normas são estabelecidas nas assembléias. À medida que surge alguma dificuldade, eles buscam formas de resolver e, às vezes, estabelecem novas regras. É o que ocorre, por exemplo, quando falam desgostosos de que não podem retirar os livros da biblioteca. Os demais, imediatamente, justificam que havia alguém roubando os livros e que esta foi a forma de poderem controlar e usá-los na hora do Clube.

Outras regras estão estabelecidas, como manter a moral, a ética e o sigilo do que acontece no Clube. Notamos que, muitas vezes, os membros do grupo estabelecem regras mais rígidas, como forma de poder reprimir os impulsos. É o que verificamos quanto às questões das relações amorosas entre eles. É permitido namorar, mantendo a moral, sendo que os sócios reclamam quando algum deles apresenta atitudes abusivas. A ética é o que circunda todo o trabalho do Clube. Há sempre o cuidado de que cada um e o Clube possam manter um padrão ético. Referem que “Um respeita o espaço do outro, ninguém se passa com ninguém”. Estes são organizadores transpessoais.

Outra regra é a mensalidade a ser paga, como em qualquer Clube. “No Clube, quem está com a mensalidade atrasada, não vai no passeio, tem que acertar antes.” Todos conhecem suas obrigações como sócios e quais as finalidades dessas obrigações: “Com o dinheiro que juntam da mensalidade, dos trabalhos, dá para passear, programar alguma coisa [...]”

O Clube fornece a carteirinha de passe livre no ônibus e, para recebê-la, é preciso frequentar o Clube, justificar a ausência. Foi estabelecida esta regra, pois algumas pessoas só compareciam ao Clube para obter esta carteira e, depois, desapareciam. Este fato incomoda os sócios.

Estas regras e normas são organizadores formais do grupo, em que ficam claramente estabelecidos o enquadre/o *setting* do grupo. Estas regras podem e, muitas vezes, são rompidas, mas sempre existe o espaço da assembléia para os sócios falarem e até proporem mudanças. O enquadre/*setting* do grupo representa e tem um significado muito maior do que ser apenas uma proibição ou uma obrigação. Elas representam o continente (Bion,1974), o *holding* oferecido pelo grupo. O enquadre é a soma de todos os procedimentos que organizam, normatizam e possibilitam o processo de sobrevivência do grupo. É este conjunto de normas, regras, combinação, que dá um significado organizador ao grupo do Clube e, ainda, é o enquadre que possibilita que todos os fenômenos circulem neste grupo. Como refere Winnicott (1975), o conteúdo não tem sentido sem a forma. É preciso um ambiente controlado, para que seja possível a espontaneidade e a criatividade. É neste enquadre que os participantes salientam a ética, a solidariedade e o companheirismo do clube. Portanto, a série de combinações que existe no clube, oferece um lugar seguro, conhecido, respeitado por todos

e que segue existindo independente dos sentimentos, fantasias de cada membro. Percebemos que o enquadre fornece uma membrana protetora – ou o continente para o conteúdo do grupo. Por exemplo, quando falam da ética e moral e salientam que no Clube “ninguém se passa com ninguém”.

As regras e normas representam a função paterna – a lei. Isto vai possibilitar aos sócios um agrupamento social civilizado, revelando a necessidade da existência de uma lei externa. Então, podemos pensar que é preciso uma renúncia necessária dos desejos individuais, das pulsões, para que o grupo siga existindo e, assim, se instala a mentalidade grupal (BION, 1974). Muitas vezes, surgem conflitos entre a vontade do grupo e a de alguns sócios. Nas assembleias são discutidos estes conflitos pois é necessário existir a consciência de que o grupo precisa ser preservado, mas isto também é válido para a individualidade das pessoas. Para tanto, neste sentido, os participantes tornam-se solidários e cooperativos. As pessoas precisam renunciar a alguns desejos individuais, em favor do grupo. É o que foi evidenciado, no caso de um dos participantes, que referiu ter gasto o dinheiro da mensalidade do Clube e, com isto, acabou não participando do passeio, porque não quitou sua dívida. Os integrantes entendem que a mensalidade é importante para a organização do Clube. Para pertencer a um grupo são necessários renúncias individuais que garantam a sobrevivência deste. Isto é fundamental, desde que essas renúncias não sejam excessivas, a ponto de subjugar a subjetividade de cada um.

Os participantes contam, com orgulho, como o grupo funciona, como se organizam, mas não trazem claramente o modo com que muitas vezes se torna difícil organizar alguma atividade. É o que ocorre com o passeio, por exemplo, quando ficam dependentes do reforço dos técnicos ou esperando que a solução venha de fora do Clube.

Percebemos o valor que os sócios atribuem às atividades ali programadas - como as reuniões, ginástica, pintura, costura, crochê, tricô, passeios, viagens, teatro. Algumas atividades nasceram das necessidades. Verificamos, por exemplo, que os homens que moravam sozinhos pediram para que as mulheres lhes ensinassem a fazer a barra da calça, pregar botão, etc. Assim, aliás, foram surgindo necessidades do grupo, preenchidas pelo conhecimento de um dos participantes, bem como da possibilidade que o hospital oferecia (ginástica e cinema). Outras atividades brotaram do desejo das pessoas. Nas assembleias, os sócios programam o quê, como, quando, com quem realizar determinada atividade e, após sua realização, fazem a discussão sobre como aconteceu. Pensamos que a importância das assembleias se dá pelo resgate da pertença em cada um. Ali, eles estão livres para opinar e construir cada aspecto do Clube. Então, esta regra de participação da assembleia é um

elemento organizador (Grupo de Trabalho). Retomando a questão das atividades, este foi um ponto muito salientado pelos sócios, como impulsionador de suas participações no Clube. Pensamos que as atividades representam um organizador grupal importante, que leva à pertença, pois o grupo, neste momento, funciona como um grupo de trabalho (BION, 1974). O grupo se reúne para fazer algo ligado à realidade e atua para modificar a realidade. Existe uma organização que se propõe à execução de uma tarefa com eficácia. Neste momento opera de acordo com o processo secundário. Reconhece os limites e possibilidades, tolera a frustração, permite e estimula novas idéias, bem como envolve a todos em um processo de cooperação. Assim, o grupo elege um líder, com quem possa atingir os objetivos. As atividades também podem ser vistas como a tarefa do grupo, do ponto de vista de Pichon-Rivière (1986).

As atividades são fundamentais, pois elas são o objetivo comum a ser atingido e representam uma série de etapas para realizá-las, bem como simbolizam “algo” possível de ser realizado. Os participantes referem que muitos não possuem nenhuma atividade fora do clube e que este é um lugar que lhes possibilita se sentirem fazendo, participando e criando. É algo construído e participado conjuntamente. É a possibilidade de ter um objetivo, ocupar-se com o outro na criatividade.

Durante a realização da pesquisa, os participantes estavam ensaiando uma peça teatral. Ao término do grupo focal um dos participantes convidou a pesquisadora para assistir a peça e disse: “[...] demorou, mas vai sair.” Contou que ficaram quase um ano falando da peça teatral e ninguém levava adiante. Naquele momento, pareceu-nos que o Clube se organizou nos Supostos Básicos (BION, 1974). Só depois, puderam avançar, programando, ensaiando e realizando a peça teatral. Então, percebemos que o grupo se dispõe a funcionar como Grupo de Trabalho, que é um novo organizador, mais evoluído. Também podemos relacionar com os processos conflitivos de dependência (FOULKES, 1986), a partir dos quais eles ficavam esperando que alguém (pais/técnicos) fizessem por eles. Em isso não ocorrendo, abdicaram da dependência realizando por si e descobrindo-se capazes e fortes.

Ao iniciarmos os grupos focais, todos se referiam ao clube como um lugar ideal, em que todos eram iguais, o que nos levou a pensar ser este um tipo de organizador que ali funcionou: o do processo conflitivo de conformidade grupal, que foi a luta para manter a homeostase do grupo. Ocorre que o desequilíbrio, neste momento, geraria o medo de não saberem se defender. Nestes casos a pessoa se sente dividida entre sua autonomia e individualidade, e a exigência de ser grupo e se sentir pertencendo.

Kães (1995) refere, como primeiro organizador grupal, esta indiferenciação, na qual todos os participantes apresentavam o mesmo discurso. A função deste organizador é possibilitar a coesão grupal entre os membros. Isto se torna continente das angústias, frente a nova situação da pesquisa. Ao mesmo tempo, pensamos no segundo movimento da Sideração Grupal, organizador referido por Decherf (1986), em que o grupo busca ser uma família ideal, sem Édipo, isto é, sem competição, sem rivalidade, onde todos se amam igualmente e se doam totalmente para o Clube. Este é um mecanismo poderoso no Clube da Amizade. Decherf (1986) salienta que é um mecanismo de que as pessoas não prescindirão. À medida em que se comprometiam com o processo, os participantes aprenderam a se liberar, se manifestar de diferentes maneiras (segundo organizador). Neste momento, passa a haver uma diferenciação entre eles, participantes do grupo, e dos sócios que não estão presentes. Surgem as críticas, as divergências, as discordâncias, sendo isto uma forma de violência coletiva de Decherf (1986) ou o segundo organizador de Kães (1995). Pensamos, outrossim, no processo conflitivo de reação ante autoridade de Foulkes (1986) pois é neste momento que podem por a prova seus sentimentos, criticando, atacando, sem medo de serem punidos.

Os participantes da pesquisa referiram, nos três grupos focais, as questões relacionadas à sua doença, quantas internações psiquiátricas tiveram e há quanto tempo isto não acontecia. Atribuíram a ajuda ao clube dizendo: “Sempre baixei várias vezes, este ano ainda não. Depois que vim para o clube, eu tenho me apurado para não baixar.” Alguns parecem contar sobre suas crises, internações hospitalares, quantos prontuários têm, com certo orgulho: “Sou esquizofrênico, tenho três pastas no hospital [...]”. Pensamos que, nessas ocasiões relatadas, eles tentam expressar o papel que exercem na sociedade, para o hospital e quem sabe para a pesquisadora. Eles também foram contando suas vidas antes da doença, isto é, de outros papéis que exerceram na sociedade, declarando: “No Clube, posso falar o que fazia e faço, sobre os papéis de mãe, filha, trabalhadora e doente”. Trouxeram, com grande veemência, suas profissões anteriores às internações: “O primeiro surto foi no serviço. Eu era laboratorista e fotógrafo.” “Naquela época eu trabalhava de auxiliar de pintor. Aí acidentei, fiquei agressivo e mandaram embora.” Mostram os diferentes papéis que exerceram na família e sociedade. Depois, narram os papéis que assumem no Clube, referindo: “O Clube é nosso, somos participantes ativos.” Isto quer dizer que, no Clube, podem assumir diferentes papéis, mas principalmente o papel de sócio. Isto representa estarem incluídos, pertencendo. Refletindo sobre o que Sandler (2001) alude, como sócios, eles pertencem aos “A”, mesmo que, em outros meios, sejam “fora de A”. No Clube, exercem determinadas funções, como, por exemplo, no grupo da costura, na biblioteca, na confecção do jornal. Nestas funções,

assumem e lhes são adjudicados diferentes papéis. E, no Clube, sabem que não lhes é adjudicado o papel de “louco”, como ocorre na família e na sociedade: “Aqui era considerado um hospital de loucos, de doente mental, pessoa desprezada pela sociedade, meio diferente.” “No Clube não existe isso de chamar de louco.” “Na sociedade é diferente do Clube.”

Podemos perceber que a adjudicação, a assunção de papéis são organizadores de um grupo, pois o grupo se organiza no interjogo de papéis (PICHON-RIVIÈRE, 1986). Os papéis são organizadores e denunciam o que acontece no grupo. Na família e na sociedade, são papéis fixos e estereotipados. Mas o que se observa no grupo do Clube de Amizade é uma nova situação, não mais a da estereotipia de papéis, mas a mudança de papéis. Assim, novos papéis são tomados para si, conforme seu desejo e necessidades do grupo, de forma que haja uma complementaridade e uma rotação de papéis. No grupo se formam subgrupos que também desempenharão diferentes papéis como um todo. Nas atividades realizadas, podemos perceber como ficam claramente definidos alguns subgrupos, conforme a atividade que realizam. Então percebemos que no grupo do Clube da Amizade são formados diversos e diferentes subgrupos. Alguns formais, como as atividades em que seus membros vão circulando de um grupo a outro, conforme o interesse do momento. Outros, informais, que são os subgrupos de amigos, que se escutam, ajudam, tem maior afeto, subgrupos que se formam frente a um conflito ou reivindicação do grupo como um todo, subgrupos que se formam frente à identificação de idéias e forma de ser (muito semelhante à amizade), e subgrupos dos que estão “melhores” (doença mais controlada).

Nestes subgrupos as pessoas se sentem mais identificadas, mais próximas, mais íntimas, o que facilita a pertença. Estes subgrupos oferecem valores para apoiar-se e encontrar soluções, para se sentirem mais aceitos em sua singularidade. Cada subgrupo funciona de modo peculiar e os sócios do Clube migram de um para outro. Estes subgrupos os fazem sentirem-se mais fortes para defenderem seus valores e objetivos, para criticarem e proporem mudanças. Estas diferenças são possibilitadas pela solidariedade dos companheiros de subgrupo (SEMINOTTI, 2000).

Seminotti (2000) refere que a troca de subgrupo é possível porque está construída a certeza de que por mais que discordem, se mostrem e sejam diferentes, podem continuar no grupo, como observamos no Clube da Amizade. E que sempre encontrarão outras especificações e diferentes subgrupos em que poderão serem acolhidos. Algumas pessoas permanecem em algum subgrupo de forma fixa, como por exemplo, a pessoa que está na cozinha e quer tudo controlar. Outros subgrupos em que pessoas permanecem mais tempo (ginástica), há mudança na forma de realizar a atividade.

O papel de líder também é um organizador grupal, tanto o líder formal (diretoria/técnicos), como os líderes informais – que brotam da necessidade do grupo. Alguns dizem que não assumiriam este papel, porque: “Não gosto de assumir a diretoria, tem muito ti-ti-ti.” Os participantes, com frequência, citam pessoas que assumem algumas lideranças. Por exemplo, quando ofereceram o jornal do clube para a pesquisadora, referiram que um dos sócios liderou a organização do jornal. Esta pessoa reclamou que foi difícil os outros o ajudarem nesta execução. Aqui, percebemos a atitude de defesa dos membros do grupo, frente à possibilidade de realizarem algo e, então, buscam um chefe. Podemos pensar o papel de líder como sendo o terceiro organizador de Decherf (1986). Esta é uma busca coletiva e, provavelmente, os sócios do Clube esperavam o chefe que tudo faria. Como este “herói” não chegou e ninguém assumiu, formou-se a comissão do jornal, com um coordenador. Surgiu um líder, naquele momento, Edipiano, ou seja, que atende às necessidades, mas ainda usa a sedução e o seu poder que, no caso, envolve receber “as glórias” pelo jornal.

Assumir o papel de líder formal ou informal implica suportar os momentos de conflito do grupo frente à autoridade. As pessoas querem se liberar da ansiedade provocada pela representação da autoridade do líder e, assim aparece o processo conflitivo frente a autoridade. (FOULKES, ANTHONY, 1972) Atacam, criticam o líder mas, ao mesmo tempo, esperam que ele cumpra o papel conferido pela autoridade. Estes sentimentos ficam misturados e confusos. Se o líder não assumir o papel de autoridade, ele não soluciona o conflito e, deste modo, pode se intensificar a ansiedade. Frente a este sentimento, aparece a culpa e a reparação, que é a aceitação do líder. Os participantes atribuem importância a este papel, como organizador das atividades do clube. Como vimos, pensamos que ele representa um organizador maior do que, exclusivamente, aquele capaz de levar à execução das atividades.

Percebemos que os participantes contavam, com prazer, o que cada um realiza no Clube. Por exemplo, quando se referiam às visitas, todos sabiam quem, naquele momento, assumia o papel de programar as visitas. Sabiam quem fazia o café, o bolo, quem servia o chá, etc. Mas outros papéis emergiram no grupo, como: aquele que preserva a moral (vestal), o que conhece tudo do clube (historiador), o que os representa (porta voz), o que canta, que sabe dar conselhos, que sabe escutar, que assume o papel de nada fazer, o de ausente, o que fofoca, etc. Também expressaram o quanto estavam podendo assumir outros papéis fora do clube, na sociedade, dizendo: “Atualmente estou no Clube da Amizade, no Conselho Gestor do São Pedro e participo da Comissão Estadual da Saúde.” Observamos, em nossos dados,

que os participantes referem pouco sobre os papéis que assumem e que lhes são adjudicados na família, além do papel de “doente, louco, vagabundo”.

Durante o grupo focal, reportaram-se para estas questões da “doença psiquiátrica” e da “saúde mental”. Enfatizaram o quanto foi importante, para cada um, conhecer sobre o que é a doença e a saúde mental, saber o que é cada sintoma e as diferentes terapêuticas adotadas. Assim, um participante afirmou: “Os técnicos me ajudaram a entender a doença e que sou como outra pessoa.” Ainda, “Passei a tomar medicação. Antes tomava pouco tempo, me achava melhor e deixava o tratamento e voltava a ser hospitalizado.” Através dos técnicos que acompanham o Clube e das conversas com os colegas no Clube, e das programações de palestras, cada um foi capaz de compreender e aprender sobre seus problemas. Chama a atenção é que, juntos, puderam se dar conta de que “[...] são como outra pessoa”. E que “[...] no clube, as pessoas são doentes e não dementes total. Por isso, entendem, escutam.” Pensamos que esta mudança, nos conceitos de saúde mental, pode ter organizado internamente cada sujeito e ter representado um organizador importante para o grupo.

Notamos que os participantes da pesquisa apresentam uma percepção da instituição diferente da idéia preconcebida que tínhamos. Para eles, a instituição é acolhedora, os auxilia nos momentos difíceis a cada um em particular, ajuda o clube, não só cedendo espaço e o café da tarde, mas respeitando-os em suas idéias, reivindicações, etc. Sentem-se reconhecidos positivamente e reconhecem o valor que a instituição tem para eles.

Estamos tomando diferentes momentos e diferentes verbalizações, que nos chamaram a atenção, em que os caracterizamos como organizadores grupais. Estas falas revelavam cada aspecto organizador do grupo. Ao mesmo tempo que estes organizadores se inter cruzavam e se atravessavam constantemente, representavam mudanças contínuas do grupo.

6.2 VÍNCULO DA AMIZADE

Consideramos de fundamental importância a ênfase dada ao Vínculo da Amizade (categoria), nos dados encontrados nesta pesquisa, através da qual buscamos compreender que processos de grupo possibilitam a construção da pertença e qual é a contribuição deste vínculo nesta construção, no caso do grupo do Clube do Amizade. No grupo pesquisado, a categoria Vínculo da Amizade é composta pelas subcategorias: apoio/ajuda, divergência/crítica, família, aspectos comuns – identificação e reconhecimento.

Entendemos o vínculo da amizade como uma ligação afetiva entre duas ou mais pessoas, com uma estrutura dinâmica, complexa, estável e instável, não linear, com relativa independência, em que se comunicam, interagem, divergem, em que se sabem presentes na mente do outro, com segurança e confiança que o outro está presente, mesmo na ausência. Ela é recíproca, de livre escolha, voluntária, com forte componente afetivo.

Então, a existência deste lugar, que possibilita encontro com outras pessoas, favorece a criação e o desenvolvimento do vínculo da amizade. Ocorre que os sujeitos percebem que podem encontrar pessoas abertas para conversar de forma mais próxima. O estabelecimento do Vínculo da Amizade no Clube não significa que todos os sócios são amigos mas, sim, que se formam subgrupos, conforme o interesse e alguns desses subgrupos são constituídos através da amizade.

Apesar do nome do grupo - Clube da Amizade - não imaginávamos a importância deste vínculo, ao iniciar a pesquisa. No Grupo Focal piloto, realizado no momento de organizar o projeto da pesquisa, este foi o ponto de maior proeminência. Podemos dizer que, de forma geral, todos são amigos, pois esta é a ideologia do clube, conforme o nome já explicita. Esta amizade ampla é aquela necessária, onde todos se propõem a cuidar do outro, dar apoio e ajuda, em função dos aspectos comuns entre eles, envolvendo o sofrimento psíquico. Frente ao mundo externo ao clube, eles criam uma coesão intensa, como proteção do grupo e de seus membros.

Nesta relação de amizade, os participantes têm uma visão clara da expectativa que cada um investe neste vínculo da amizade. Sentem-se comprometidos com os outros e referem sentimento de culpa, quando percebem que falham diante dos amigos.

É interessante observar que, ao mesmo tempo em que referem a compreensão e aceitação entre eles, também aparecem determinadas regras e exigências neste vínculo, principalmente as da relação de reciprocidade (LISBOA E KOLLER, 2003). Esta amizade ampla, que surge pelo fato de pertencerem ao Clube, está constituída com normas e regras de relação, com aquilo que um espera do outro, no sentido de que haja trocas recíprocas. Também é uma amizade institucionalizada, pois fica “instituída” uma ligação de amizade, que é reconhecida pelos outros.

Percebemos, então, que os participantes, ao expressarem que sua pertença ao Clube se deve à amizade, estão se referindo a uma amizade constituída e institucionalizada, mas também e principalmente a uma amizade informal (VILLAPALOS, 2000).

Este vínculo da amizade é referido com intensidade na questão da ajuda mútua, quando dizem: “o que faz ficar no clube é a amizade, desabafar os sentimentos [...] a gente se ajuda entre a gente.” Esta ajuda se dá pela escuta do desabafo, por poder dividir e suportar os problemas do dia-a-dia. Este último tipo é o relacionado àquela amizade que estabelece vínculos mais íntimos, com maior liberdade, em que o pre-estabelecido pode ser rompido, sem o rompimento da amizade, como ocorre, por exemplo, quando surgem divergências, ou quando a pessoa se propõe a fazer algo e o amigo falha, não comparecendo, desistindo (ERIBON, 1996).

Talvez o que dê um asseguramento a este vínculo no Clube da Amizade, seja seus integrantes saberem que vão encontrar colegas para compartilhar os problemas e receber ajuda e compreensão. Da mesma forma, eles podem compartilhar suas expectativas e sua consecução. Existe uma relação de afeto (vínculo A positivo) (BION, 1991). Este vínculo, do amor, fica expresso, quando os participantes referem se sentirem ajudados e ajudando, demonstrando que têm afeto um pelo outro. Eles dizem que querem ser ouvidos e sabem que, ali, no Clube, “[...] existem pessoas que dão atenção, que entendem ou procuram entender, que dão incentivo.” Há também o vínculo -Amor (A negativo), isto é, situações em que se estabelece uma relação estreita entre duas pessoas ou mais, em que cada pessoa perde a individualidade. Por exemplo: se um vai para ginástica, todo o grupo deve ir. Neste momento, pensamos ser importante diferenciar o estímulo necessário a ser dado para uma pessoa que está mais voltada para si, no sentido de que ela participe, do que aquela ligação simbiótica (vínculo Amor negativo) em que um anula o outro. Esta diferença se evidenciou, quando um participante chegou ao grupo focal e disse que carregou o colega por todo lugar, pois ele está “[...] entrando em crise e fica andando de um lado para outro, sem parar.”

Esta ajuda mútua possibilita suportar e até manejar as situações em que estão envolvidos em outras organizações e outros grupos formais. Tomamos o exemplo de quando o Serviço de Saúde que os atendia passou a realizar mudanças, na sua forma de trabalhar e, então os sócios do Clube se organizaram, para reivindicar seus direitos e dar sua opinião.

Os participantes mostram com entusiasmo tudo o que realizam conjuntamente. Quando falam do chá da tarde, expressam este momento como sendo maior que o ato de tomar chá (que é importante), mas ressaltam toda a preparação que envolve, o fato de poder estar à mesa com outras pessoas e não sozinhos. Assim, também destacam as atividades que realizam juntos e com prazer. A atividade concreta estimula a participação, pois um inclui o outro.

Observamos a influência deste vínculo em cada participante, no sentido de que cada um refere o quanto se sentiu ajudado. Segundo eles, a partir do momento em que se engajaram no clube, deixaram de ficar na cama, passaram a aprender, a ter outra forma de ser e agir. Descobriram suas competências, aprendendo com o outro, desde atividades mais simples, como costurar, pintar, fazer ginástica, até as mais complexas, que envolvem como se relacionar. Podemos destacar que os laços informais da amizade, referidos por Giner (1995), de alguma maneira, vão influenciar a forma de ser e agir das pessoas amigas.

Os participantes da pesquisa, durante a reunião do grupo focal, falaram sobre as dificuldades que enfrentam, tanto emocional como socialmente e financeiramente. Observamos, contudo, que eles usam diferentes estratégias para lidar com isso. Lembramos do vínculo **O** (ódio positivo), visto por Bion (1974), no sentido de que toda a agressividade se transforma em energia diferente de agressão (-O) que é destrutiva. É este vínculo que possibilita a força, “a garra”, para manterem-se juntos, crescendo como sujeitos. É esta agressividade que leva à busca de atingir seus objetivos, como ocorre, por exemplo, quando dizem que se esforçam para sair da cama e ir ao Clube, porque sabem “[...] que posso esquecer o que eu era, o que passei [...] o clube da amizade tá me ajudando a levantar.”

Os sócios participantes demonstram intensamente sua aprendizagem no Clube. De alguma forma, pensamos ser significativo quando eles falam sobre suas experiências conjuntas: “[...] a gente escuta outra pessoa se queixando da vida. Vejo que a minha não é tão ruim, que não sou só eu que tem problemas, dificuldades.” Em outro momento, eles salientam que, no Clube, se deram conta de que eram “gente”. Este vínculo que se estabelece é o Vínculo do Conhecimento, isto é, o que permite conhecer as suas verdades, tanto as que estimulam a estima, como as verdades mais dolorosas, evidentes, quando referem a sua doença psíquica. Percebemos que, neste grupo, as pessoas estimulam-se através do conhecimento de suas capacidades. Também é inegável, que acontecem momentos em que eles não desejam se dar conta de algumas limitações da doença. Entre os amigos, os participantes do grupo tentam retomar o Vínculo do Conhecimento (positivo). É o que demonstram quando dizem que “[...] alguém está bem e acha que poderia parar de tomar o remédio/tratamento”, mas por isto, precisou de uma hospitalização psiquiátrica. Estamos reportando-nos ao vínculo do conhecimento positivo e negativo, isto é, ao que possibilita conhecer as suas verdades e/ou não querer conhecê-las (BION, 1991).

É interessante observar que alguns participantes referem-se às suas famílias como sendo de pouca proximidade afetiva, não se sentem ajudados e compreendidos. Ao mesmo tempo, eles comparam o vínculo da amizade com o vínculo familiar, mas um vínculo familiar

diferente de suas vivências anteriores. Trata-se de uma família idealizada, como descreve Decherf (1986). Nesta família, há igualdade de amor e afeto e ausência de rivalidade.

Pensamos que esta é uma forma de tornar familiar esta relação de amizade, que é nova e diferente (SEMINOTTI, 2001). Os participantes mostram que, entre eles, há laços de amizade importantes e reinventam os laços, de forma que possam sentir que esta relação é próxima às relações na família ideal. Reforçam constantemente que o clube “[...] é como uma família, um ajuda o outro. Aqui a gente se sente melhor que na casa da gente.”

Os integrantes do grupo expressam a diferença do vínculo de amizade que construíram no clube com o vínculo familiar. Manifestam vínculo de reciprocidade com os amigos do clube, que é diferente da família, e dizem que [...] às vezes um amigo vale mais que um irmão.” Estamos enfatizando o Vínculo da Amizade como uma relação aberta, de liberdade, de diferenças, embora sempre estejamos tentados a traduzir essas relações de amizade como sendo familiares (ORTEGA, 1999). Montaigne (1987) assinalou enfaticamente que uma relação familiar é diferente das relações de amizade (salientando as relações de pais e filhos). O autor refere que ali se estabelece outro tipo de relação, pois existem diferenças importantes no intercâmbio de idéias e emoções. Kehl (2000) pensa que a formação de fratria não acontece somente nos laços biológicos, mas também nas relações de amizade. Pensamos que, assim como os irmãos, os amigos têm a função de operar na construção do sujeito. As experiências compartilhadas possibilitam estabelecer as semelhanças e diferenças, apoiar e frustrar, amar e odiar. Como percebemos no Clube da Amizade, para muitos, esta relação fraterna não se estabeleceu com os irmãos e sim, com os amigos do Clube. Segundo Kehl (2000), ainda, este grupo vai oferecer um lugar para novas identificações que, através, da cumplicidade se sentirão fortes para as mudanças.

Consideramos de grande interesse saber que o Vínculo da Amizade que se estrutura no Clube, não é um vínculo regressivo, de dependência, mas sim, maduro, atualizado, com consciência de suas semelhanças e diferenças. Este vínculo é diferente do vínculo que acontece com suas famílias, em que aqueles sócios, ficam mais regressivos e dependentes. Isto não quer dizer que não tenham grande autonomia mas é marcante a diferença daquela autonomia na relação com os amigos e na relação familiar. Parece-nos que, nesta relação de amizade, há um estímulo ao “rumo à independência” (WINNICOTT, 1983). Em nosso referencial teórico, pudemos observar a importância das primeiras relações com a mãe e, depois, com os demais membros da família na sua estruturação, do seu self, na construção de sua subjetividade. Mas também vimos o quanto estas relações influenciam nas escolhas dos amigos e nas formas em que vão se configurar as amizades. Por outro lado, entendemos que a

criação do espaço da amizade, que substitui a família, não precisa, necessariamente, ser a repetição destes laços, mas, muito mais, podem ser criados novos modos de relação. Foucault, citado por Eribon (1996), diz que a amizade não deve ser preestabelecida. Deve, sim, oferecer ferramentas para a criação de variáveis diferentes. É livre e aponta para o desafio e não para a submissão do outro, inclusive submissão às relações familiares. Os vínculos familiares com pais e irmãos também promovem estas relações. Elas são de natureza diferente, não são de livre escolha e não são tão poderosas como aquelas encontradas nas relações livres com os companheiros (LISBOA E KOLLER, 2003). Os participantes salientam a diferença de suas relações familiares, com as do Clube. A existência deste lugar, em que é possível construir um vínculo de amizade. As pessoas que são portadoras de sofrimento psíquico, sócios do Clube, nos mostraram que a relação estabelecida na família, na comunidade, nem sempre se repete nos vínculos da amizade.

No Clube, a amizade está sempre em construção, pressupõe um compromisso, embora com exigências mais suaves. Seus integrantes têm maior compreensão e aceitação das diferenças e não levam em consideração raça, religião, classe social, sofrimento psíquico maior ou menor. O laço é livre para existir ou não, para se romper, quando não satisfaz e/ou reconstruir de outra forma (ORTEGA, 2000). Os participantes referem que “[...] o clube não é um lugar perfeito, mas a gente consegue conviver. Tem divergência entre nós. Uns pensam diferentes dos outros.” Podemos perceber na pesquisa que, no vínculo da amizade, as diferenças de cada pessoa vão interferir no seu desenvolvimento, com possibilidade de amadurecimento ou rompimento. Neste caso, também podem existir divergências, sendo que uma delas ocorre quando há o atravessamento de injustiça ou rivalidade. Com isto, queremos fazer referência à situações em que um amigo submete o outro, como quando um dos participantes afirmou ficar quieto e deixar de ir ao clube por um tempo, quando algo lhe desagrada.

Existem outras situações conflitivas, muitas vezes agressivas (vínculo **O** negativo) (BION, 1991), entre os sócios do clube, entre os amigos como, por exemplo, no surgimento da fofoca. Estas situações provocam muitas brigas. Então, os vínculos de ódio negativo (**O-**) também estão presentes em sua amizade. É o que percebemos quando seus associados referem que as pessoas brigam e que não gostam de que isto aconteça, quando um grita com o outro ao invés de conversar. “Não gosto quando uma pessoa grita comigo [...] não fica aos berros comigo, não me chama atenção na frente dos outros. Isso aí eu fico mordido mesmo [...]” Referem também, que “[...] num lugar de convívio, tem fofoca, tem mal entendido, mas no geral é bom”.

Outro aspecto é o respeito, isto é, o amigo nada pedir que constranja o outro (CÍCERO, s.d.). Verificamos o constrangimento, por exemplo, quando um dos participantes contou que compra cigarros com dificuldade e que seu amigo lhe pedia constantemente. Como não conseguia negar, se afastou dele. Esta relação passou a se romper, já que o amigo não via o outro, pois não percebia seu constrangimento. Ele não se sentia com abertura e liberdade para expor seus sentimentos e seu constrangimento. Então, quando o amigo solicita constantemente algo que é difícil de alcançar ou quando solicita algo desonesto, vergonhoso, é importante não hesitar em estabelecer os limites. Saibamos, no entanto, que entre amigos, muitas concessões são feitas, mas que isto só pode ocorrer, desde que um não subjugu o outro. Os participantes da pesquisa, ao se referirem à sua pertença ao clube, trazem pontos positivos, mas também expressam seus descontentamentos, como vimos nas divergências, nas contradições, nas mágoas, nas fofocas, nas brigas, etc... Dizem que “[...] assim como na casa de cada um, também no clube acontece brigas.” Mas, ao mesmo tempo, referem que “[...] no clube há brigas, mas aceitam como sou, meu jeito de ser. Na minha doença e na família, não aceitam.” Este é o processo de amizade, de experimentar e desenvolver a aceitação das semelhanças e diferenças, a cooperação, e o oferecer a possibilidade de auxiliar os demais em suas necessidades. Os amigos são capazes de perceber as dificuldades do outro, de serem empáticos aos sentimentos e necessidade do outro, como vimos no referencial teórico.

Queremos dizer também que, na amizade, o amigo pode exercer diferentes papéis e um deles é o de acolher, escutar, valorizar os sentimentos e opiniões, mas também é o de juiz, mesmo sabendo que a amizade precede qualquer julgamento. Mas, como salienta Ortega (1999), este juiz não vai julgar o amigo, mas o ato, no sentido de auxiliar a tomada de consciência. Este julgar não é prazeroso para o amigo. Às vezes é doloroso, mas importante. As advertências, repreensões que os amigos fazem, embora dolorosas, são mais aceitas do que se isto envolvesse um familiar ou outra pessoa, pois conhecem a boa intenção. Estamos lembrando este papel, pois os participantes referiram situações em que precisaram “chamar a atenção” de um sócio, porque estava apresentando atitudes inadequadas no clube. Uma outra situação, neste sentido, foi verificada, quando uma participante criticou a outra por querer fazer as atividades sozinha, não deixando os demais participarem.

Observamos que, nesta amizade, cada um tem interferência e inferência na vida do outro. Se conhecem, sabem de suas histórias, oferecem sua opinião frente às dificuldades do outro. As pessoas que ingressaram no clube, recentemente, também passam a funcionar desta forma, se mostrando, contando de si. Isto não quer dizer que todos sabem de tudo sobre todos. Existe parte da história de cada um, principalmente sobre a doença, sobre o tratamento,

sobre as dificuldades de trabalho, sobre os conflitos familiares, que todos conhecem. Porém, outros aspectos são divididos apenas nos subgrupos. Então, uma das vantagens da amizade é a de ter uma vida visível que encontra um descanso na afeição partilhada de um amigo (CÍCERO, s.d.).

Esta intimidade, no sentido de poder contar tudo de si, como dizem, “[...] ter alguém que escute, poder desabafar [...]” é outra grande vantagem da amizade. Os amigos se conhecem e sabem partilhar dos mesmos interesses, das dúvidas, dos medos, das esperanças, dos sofrimentos e de suas histórias. Saber do outro, olhar o outro em sua singularidade, faz parte do reconhecimento (ZIMERMAN, 1999).

O Reconhecimento do outro, possibilita perceber o outro como alguém capaz, que ajuda e é ajudado, que é mais do que apenas um “doente mental” é alguém que é parte importante daquele grupo. Isto ocorre, por exemplo, quando alguém não comparece ao clube: os demais notam, percebem e vão saber o que houve. Além disto, evidencia-se o Reconhecimento, ainda, na ausência, em que o grupo sente falta de sua presença. Como expressa um participante: “Isto me sensibilizou, acreditei nas palavras dela e retornei [...]” Mas também aparece na forma de ser e agir. Na amizade, está presente o reconhecimento do outro, que aparece no clube quando um incentiva o outro em suas capacidades, desde fazer ginástica, até sair e viajar com o Clube, organizar um jornal. Por exemplo: uma pessoa se candidatou para ser secretária do Clube, embora não soubesse ler e escrever adequadamente, ou suficientemente, e foi aceita, pois os integrantes acreditaram que ela seria capaz de desempenhar aquela função. E assim fez. Exercia todas as atividades da secretaria e, para o relato e leitura das atas, encontrou uma pessoa que a auxiliava.

Este incentivo que cada um dá ao outro é importante, pois muitos apresentam dificuldades de chegar ao clube e outros, embora presentes, mas ficam sentados em um canto. Muitas vezes este comportamento tem a ver com os sintomas de seus problemas psiquiátricos e, em outros momentos, ocorre por sua opção, sua liberdade de ficar como quer. Esta discriminação é importante de ser realizada pelo amigo. Percebemos que, como muitos sócios tem vivências semelhantes, esta discriminação é realizada com cuidado, por eles. Por exemplo: na realização de um grupo focal uma pessoa inscrita não compareceu, mesmo estando presente no Clube. Então, os colegas disseram que: “[...] estava em crise e é melhor deixar quieto”. Em outro momento, uma participante disse que ficava estimulando um colega para participar das atividades, pois, caso contrário, ele ficaria dormindo no sofá do clube.

Um dos pontos importantes salientado pelos participantes, foram as visitas que realizavam, afirmando que esta é uma forma de ser reconhecido pelos outros. Vamos trazer um exemplo: “[...] minhas amizades fora do clube não me visitam, só os do clube, inclusive telefonam para mim.” O ser reconhecido pelos outros é uma busca constante. Ser reconhecido como pessoa, que tem pensamentos, afetos, desejos, que é independente e com competências (ZIMERMAN, 1999).

Para estar presente na mente do outro é preciso haver a internalização deste outro, que é um sujeito concreto e abstrato ao mesmo tempo. E mais, é também internalizado o que circunda esta pessoa, como objetos, lugares, etc.... Então, pensamos que no Clube da Amizade, o vínculo que se estabelece é com as pessoas, mas também com o lugar e com tudo o que ele representa, como veremos no próximo capítulo, no assunto “lugar”.

Talvez o aspecto mais difícil para os participantes tenha sido o reconhecimento de si mesmos como sujeitos. Eles referem, no entanto, que a partir da amizade que formaram no clube, foram se dando conta da sua importância, como afirma uma participante: “Me dei conta que sou gente...”.

O reconhecimento de si mesmo é conhecer a sua parte madura e sua parte infantil, sua parte saudável e sua parte doente, suas capacidades e suas incapacidades (ZIMERMAN, 1999). Este reconhecimento de si aparece principalmente no sentido de se terem dado conta de que são pessoas e que a doença é apenas uma parte de si e que, além dela, existe muito mais.

A construção do Vínculo da Amizade, neste grupo identitário, oferece um lugar para novas identificações, em que os acontecimentos possuem cumplicidade. Eles se sentem fortes para realizar o que poderia ser proibido como, por exemplo, organizar uma peça teatral, ensaiar e apresentar. Também podem combinar saída e passeios juntos. Alcançando estes projetos, podem perceber que são capazes e que a realidade absoluta do poder paterno da infância (aquele que é capaz) diminuiu, pois a experiência mostrou que ele também tem poder e liberdade.

Outro aspecto importante encontrado na pesquisa é o de que, embora tenham uma relação de amizade, uma proximidade, eles conseguem manter uma distância. Não se tornam uma massa homogênea e, como diz um participante, “[...] uns pensam diferentes dos outros.” Ao mesmo tempo em que são francos um com o outro e se permitem liberdades, ainda assim, mantém uma “máscara” ou um relativo falso *self*. Isto, para Foucault, citado por Eribon (1996), é civilidade, uma sociabilidade sadia e criativa. Usufruir a companhia e, ao mesmo tempo, proteger-se do outro, isto é, de ser engolfado pelo outro, são movimentos

aparentemente contraditórios, mas necessários. Um dos participantes da pesquisa refere que, nos fins de semana, foi visitar a família de um amigo do Clube e ele o convidou para ali morar. Recusou, dizendo que preferia ficar na sua casa, pois tem o seu jeito. Se negou a estabelecer uma sociabilidade íntima, mantendo a sociabilidade criativa. Isto também acontece em atividades mais simples, como a situação em que o amigo gosta de fazer ginástica e a pessoa não. Esta tem um distanciamento suficiente para se propor a executar outra atividade de seu agrado. Aqui, vemos a admissão da diferença, aceitar o novo do outro, que é aberto.

Nesta amizade existente no Clube, talvez o vínculo que mais claramente tenha surgido, tenha sido o vínculo do Reconhecimento - no sentido de serem reconhecidos ao Clube e seus membros, ao hospital, isto é, serem gratos.

Observamos uma relação de intensa gratidão entre eles, com os técnicos que acompanham o Clube e com o hospital. Os participantes referem o quanto são reconhecidos aos outros, ao hospital e aos técnicos, por se sentirem ajudados nos momentos difíceis. Isto não representa a ausência de críticas.

Em relação ao hospital, os integrantes surpreenderam-nos com sua visão do hospital. Para eles, o hospital é o lugar que está aberto para eles e que sempre os acolhe nos momentos mais penosos. Mas este não é o foco de nossa atenção, neste momento.

6.3 ESPAÇO POTENCIAL - LUGAR

Para discutirmos esta questão, nos cabe remetê-la à questão norteadora inicial: qual a contribuição do Lugar – Espaço Potencial na pertença ao grupo do Clube da Amizade?

A partir da análise textual qualitativa (MORAES, 2003) e dos referenciais teóricos que auxiliaram nesta compreensão é que exporemos os resultados. Vimos que um dos processos grupais que possibilita a pertença nos grupos psicológicos é o Lugar. A contribuição deste Lugar – Espaço Potencial na construção da pertença se dá através do que os participantes expressaram como sendo um lugar em que são olhados, acolhidos, em que existe receptividade, lugar em que as pessoas se sentem bem, podem conhecer e encontrar pessoas e realizar diferentes atividades. Podem dar sua opinião, encontrar amigos, conversar, conviver, planejar e efetuar coisas juntos. Também consideram um lugar de integração em que não

precisam pensar nos problemas, sentindo, assim, que diminui a angústia. Salientaram, ainda, que é um lugar de diversão e distração para eles.

Os participantes consideram o Clube da Amizade: um lugar de encontro, de convivência, de convívio social, de distração/diversão, que diminui a angústia, um lugar para aprender; lugar de reinserção social e de alternativa de tratamento. Estes temas foram agrupados em subcategorias para chegar a categoria Lugar – Espaço Potencial.

Este espaço é um lugar em que a pessoa buscará e usará toda sua energia, todo seu potencial como ser humano, em busca de suas realizações. E este espaço, pensamos, é mais do que algo concreto. É um “lugar aberto” ao livre embalo da busca do ser. É isto que a categoria “lugar” representa, como sendo o espaço potencial.

Tomamos como referencial teórico o Espaço Potencial de Winnicott (1975), como este “Lugar” pois ele representa um espaço onde as pessoas se inserem para se compreender e compreender o mundo. Somente com a criação de um espaço entre o eu e o outro, o dentro e o fora e um investimento ilusório (nesta área de ilusão) é possível o reconhecimento da realidade objetiva. Esta ilusão que o espaço potencial oferece, de não viver nem no mundo da fantasia nem encravado na realidade, abre uma brecha, um lugar em que a criatividade, o jogo, a aprendizagem, os vínculos, o encontro com o outro subjetivo, podem acontecer. Não é só estabelecimento do lugar concreto, mas muito mais – o acontecer.

Os participantes da pesquisa mostram claramente como o Clube da Amizade é um lugar de encontro (subcategoria) entre os sócios. A partir da criação de um espaço entre o dentro e o fora, entre a pessoa e o mundo, se estabelece um lugar onde o acontecer se torna possível. E o Clube, visto como o lugar de encontro, é este acontecer. É o encontro do sujeito com o outro, com o real, podendo descobrir-se e descobrir o outro numa relação de *holding*, de receptividade. Ali, no lugar de “repouso”, como é chamado o espaço potencial, os participantes da pesquisa dizem se sentirem acolhidos, olhados. Neste lugar abre-se um espaço, para se conhecerem e interagirem. Encontram um lugar que oferece *holding*, em que um é continente do outro. Ali se sentem com a possibilidade de encontrar pessoas, poder falar de si e de situações, sentimentos e vivências semelhantes.

A capacidade dos membros do grupo, em oferecer este continente, frente a espontaneidade dos participantes naquele *setting* compartilhado, é o que possibilita a criação do espaço potencial, esta zona de ilusão que se instala entre as pessoas. À medida que se cria este espaço, através do *holding* (do cuidado entre si), a ajuda mútua aumenta e tende a criar-se-lhe um significado.

Alguns sócios do Clube da Amizade, participantes da pesquisa, dizem que se sentiam sozinhos e em se associando ao clube foi possível encontrar pessoas disponíveis para se relacionar. Pensamos que no Clube se estabelece um “clima” (que é a área de ilusão - o espaço potencial), em que é possível encontrar este ambiente facilitador para estabelecer uma relação de encontro com o outro, de possibilidade de convívio social (subcategoria).

Winnicott (1975) refere que a mãe ou representantes exercem a função de *holding* para o bebê. Poderíamos dizer que o Clube é um lugar em que os membros se percebem exercendo esta função de *holding*. São capazes de oferecer o suporte necessário ao ego: é a sustentação, é se sentirem cuidados por uma “mãe grupo suficientemente boa”.

O lugar como espaço potencial presta-se para trocar experiência, discutir, conversar, olhar o outro, o que produzirá avanços no auto conhecimento e no conhecimento do outro e isto é considerado aprendizagem. A aprendizagem ocorre quando a pessoa apreende o mundo interno e externo e consegue modificá-lo, como por exemplo, quando um participante declara que: “[...] indo para o Clube, eu fui me dando conta que eu era gente, que eu não precisava ficar dormindo o dia todo.” A consciência da própria identidade e da dos outros é adquirida e recuperada no pensamento discriminativo social, através da aprendizagem. Este processo possibilita a adaptação a novos papéis e responsabilidades, deixando os papéis assumidos anteriormente. Estamos falando daquela aprendizagem que produz mudança no seu auto conhecimento. E pensamos que o auto conhecimento só é possível através do e com o outro. Assim se estabelece a aprendizagem “de que o outro existe e é diferente de mim apesar de todas as semelhanças”. Com o auto conhecimento os participantes sentem que aprendem a lidar com sua doença. Outra aprendizagem que advém desta, é aprender a ajudar o outro e a conviver com o outro. Neste espaço se instala também a amizade. Esta aprendizagem não ocorre espontaneamente e sozinha, mas sim na busca do conhecer com o outro (Vínculo do Conhecimento). No Clube se percebe um aprendizado recíproco. A aprendizagem ocorre em aspectos concretos, em atividades como: aprender a viajar, passear, costurar, fazer teatro, ginástica, jogos, etc.. Como Pichon-Rivière (1986) salienta, a saúde mental é o processo em que acontece uma aprendizagem da realidade em função de enfrentar, manejar, solucionar os conflitos. O aprender está diretamente ligado ao ensinar. A aprendizagem é constante e progressiva.

Os participantes apontam, ainda, uma aprendizagem ampla oferecida pelo Clube que é o se preparar para viver em sociedade. Pareceu-nos que o clube representa um lugar de passagem, que capacita sair da doença para a saúde, sair do hospital/tratamento para a sociedade. Tomemos, por exemplo, o que referiu um sócio: “Tem algumas pessoas que ficam

inibidas para fazer outras coisas, sair, encontrar outros e neste espaço de socialização a pessoa pode voltar a conviver como uma pessoa normal, lá na rua”. Aprender, também, a ter outro papel na sociedade como salienta uma participante: “[...] consegui participar de outro órgão da saúde (como delegada) a partir das experiências do clube.” Outros participantes exprimem a idéia de que alcançam novas aprendizagens, como por exemplo: ser capaz de construir sua casa, cantar no coro da Igreja, depois de sua participação do coral do Clube. Mais um aspecto importante que referem é que no Clube aprenderam “a se determinar”, isto é, serem mais independentes. Esta é a reinserção social dos sócios do Clube, portadores de sofrimento psíquico.

Então, podemos dizer que este lugar, que este espaço potencial, também é possibilitador da inserção social. Neste campo ilusório do espaço potencial, em que esta ilusão¹⁴ permite “um descanso”, é onde se abrem estas possibilidades que estamos referindo. Os participantes encontram um clima de liberdade e inclusão, diminuindo a rigidez, as inibições, se preparando para viver em sociedade. Neste espaço potencial, do Clube da Amizade, os sócios vão se preparando para a relação com o outro, para a relação com a sociedade.

No Clube é possível se encontrar, conviver (subcategoria) com diferentes pessoas, poder ser ouvido e também se dispor a ouvir. Cada um tem a liberdade de se expressar e ser do seu jeito, pois ali é possível “conviver com a diferença” e ser aceito. O Clube oferece a possibilidade de poder buscar seu verdadeiro *self*, a partir da aceitação da diferença, da receptividade e sempre cada um auxiliando na busca da independência, da autonomia. Esta é uma busca constante mesmo sabendo que a autonomia não é absoluta. Sempre existirá certa dependência com o meio biológico, social e cultural.

Como Winnicott (1975) refere, crescer e aprender é algo ameaçador e que é a paciência da mãe - o *holding* que ela oferece, que torna isto possível, com menor angústia. Referimos este aspecto pois o Clube, também é percebido como um lugar que diminui a angústia (subcategoria). Os participantes da pesquisa consideram-no um lugar para quem “está cheio de problema”, pois no contato com os outros, nas conversas, nas distrações, há uma diminuição desta angústia. Percebem e dizem que o Clube “[...] é um lugar que se vai quando está muito angustiado”, porque ali encontram continência e ajuda para os seus sofrimentos. Este espaço de repouso possibilita o desejo de buscar este lugar, como exprime uma participante: “[...] como sou muito insegura e me descontrolo fico ansiosa para chegar ao clube”. Então, com a criação de um espaço entre o dentro

¹⁴ Aqui não referimos a ilusão considerada patológica, mas o espaço de ilusão visto anteriormente em Winnicott.

e o fora e um investimento ilusório do mundo, será possível e suportável o reconhecimento da realidade objetiva (ABADI, 2002).

Podemos pensar que este lugar que o clube ocupa é um lugar considerado pelos sócios, como alternativa de tratamento (subcategoria). Referem que o “clube ajuda no tratamento” por possibilitar a conversa, a troca de idéias, porque sentem que “[...] conversar, desabafar, ajuda no tratamento”. Ainda, ajuda no conhecimento de sua forma de ser e de se relacionar, no incentivo constante à importância do tratamento e medicação. Podemos, também, considerar que isto acontece por ser um lugar em que a angústia está diminuída, há um ambiente descontraído, com menores defesas frente às situações vividas no Clube. Então, é uma alternativa de tratamento, porque ali aprendem uns com os outros que, embora apresentem sofrimento psíquico, suas vidas são muito mais do que a doença. Dizem que: “[...] a doença não tem cura, mas a gente mantém controlada”. Notamos que aprendem a lidar com os sintomas de seu sofrimento psíquico.

Os sócios expressaram com grande orgulho que o Clube lhes possibilitava ser este “lugar” de tornar possível os acontecimentos de encontro, de convivência, de convívio social, de reinserção social, de aprendizagem, de diminuição da angústia e de alternativa de tratamento. Isto acontece num clima de diversão, por ser um lugar de distração (subcategoria), repleto de atividades organizadas por eles. As atividades como jogar, dançar, cantar, passear, são de livre escolha e eles as consideram prazerosas. Outras atividades que realizam, como aprender a costurar, fazer crochê e tricô, também são prazerosas e úteis. Pensamos que este lugar não é o mundo da fantasia mas, também, não é mundo externo e sim, um “lugar entre” com tudo que representa o espaço potencial e que torna possível viver criativamente. É possível se divertir aprendendo e aprender se divertindo. Os participantes contam que: “[...] é um lugar para ocupar o tempo, ter alguma coisa para fazer”. Salientam com veemência que o Clube é um lugar para “[...] se distrair e esquecer os problemas”. As pessoas juntas são capazes de se organizar para poderem se distrair e se divertir. Dizem que “[...] as pessoas sentem que juntas se divertem, que no clube não ficam pensando bobagem, besteira, vêm espairecer.” Entendemos que sozinhos buscam pouca diversão e distração, mas quando estão juntos, naquele lugar, conseguem se organizar, fazer e se divertir. Percebemos que os sócios participantes da pesquisa se sentem sozinhos, se relacionam pouco com a família e muito menos com a comunidade. No clube encontram “um lugar possível” para se divertir e se relacionar. São poucos estes espaços encontrados para diversão e criatividade. Ali se torna possível. Mas esta é uma etapa, pois através dos outros, passam a ser estimulados

a buscar também outros lugares. Sair de si para buscar os outros é buscar o “rumo à independência” de Winnicott (1983).

Concluindo, podemos dizer que os sócios do Clube da Amizade, participantes da pesquisa, o consideram como um lugar de encontro, convívio social, de distração/diversão, lugar que diminui a angústia, lugar para aprender, lugar de reinserção social e de alternativa de tratamento por representar ele, este espaço potencial, onde é possível viver criativamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensamos que esta pesquisa é uma rede. Neste sentido, cada nódulo da rede é um ponto dos achados. Aqui, discorreremos sobre três, mas há outros tantos, que podem vir a ser pesquisados. Até este momento da escrita, expressamos uma idéia do que é a rede, o que conhecemos sobre cada nódulo visto em sua dinâmica particular. Chegou o momento de observar algo mais, quem sabe seja a matriz desta pesquisa, a pertença. Ela não é concreta e não existe sem a rede, é dinâmica e é onde tudo se entrelaça. Estamos nos referindo à pesquisa em toda a sua abrangência.

Percebemos que, diante de tantos processos grupais, estudar a pertença ao grupo nos levaria - e nos levou - à uma ampla pesquisa. Assim, investigamos os processos grupais que possibilitam a pertença ao grupo do Clube da Amizade. Os "nódulos" analisados nesta pesquisa foram: os organizadores grupais, o vínculo da amizade e o lugar – espaço potencial.

Então, esses processos grupais que possibilitam a construção da pertença neste grupo nos levaram a compreender as diversidades de formas, as maneiras, as dinâmicas com que cada um destes processos contribuiu para a pertença. O primeiro, é o dos organizadores grupais. Os organizadores grupais contribuem através das regras/normas (no sentido do que é certo e errado para o Clube); através das atividades organizadas e executadas pelos sócios; através de papéis que cada um desempenha no grupo e da possibilidade de falar dos papéis desempenhados anteriormente e no momento; através do vínculo que estabelecem com a instituição, no sentido de receberem suporte para seu funcionamento e também apoio frente à dificuldades; e através da compreensão da saúde e da doença.

O Vínculo da Amizade é outro nódulo da dinâmica da matriz-pertença e contribui para a sua construção: por meio da relação que se instala entre as pessoas; do apoio e ajuda que, nesta amizade, um oferece ao outro; do vínculo indentificatório, pelos aspectos comuns que possuem e encontram nesta amizade; e do reconhecimento que a amizade possibilita - o reconhecimento de si, através do outro, da possibilidade de reconhecerem os amigos como sujeitos, de serem reconhecidos pelos amigos como pessoas autônomas - que têm idéias, projetos, capacidades, e que podem ser valorizadas. Ainda, o Vínculo da Amizade contribui, pois ele representa a família ideal, em que os integrantes se compreendem e se ajudam, como se não houvesse conflito. Esta ilusão é importante, em alguns momentos, para que aconteça a coesão e pertença. Ela não esta presente constantemente e totalmente pois existem

divergências, questionamentos, se percebem diferentes e isto possibilita crescimento pessoal e do grupo como um todo.

Outro processo grupal que possibilita a construção da pertença ao Clube da Amizade é o Lugar – visto como Espaço Potencial. O Lugar – Espaço potencial – contribui para esta pertença, por ser um lugar que possibilita o encontro não somente concreto, mas, muito mais, pelo “encontro afetivo”. Este processo é igualmente importante pela possibilidade de convivência, do convívio social. Outrossim, este nóculo apresenta aspectos favoráveis em função da aprendizagem, isto é, de este lugar possibilitar a aprendizagem. Outro modo de este processo ajudar a construção da pertença é o de ser um lugar em que as pessoas percebem a diminuição da angústia. Isto também ocorre através da possibilidade de reinserção social, por se perceberem reintroduzidas na comunidade. A contribuição do lugar, como processo grupal que possibilita a construção da pertença, também se dá através das percepções deste lugar, pelos integrantes do grupo, como uma alternativa de tratamento. E, finalmente, há uma outra contribuição importante do lugar, que é ser este espaço para distração e diversão. Nele, é possível esquecer os problemas e compromissos.

O levantamento dos resultados levou-nos a separar estas categorias como forma de estudo, mesmo sabendo que elas são complementares. Da mesma forma aconteceu em relação ao aparato teórico, que nos levou a pensar em nossa prática e nos dados da pesquisa. Sentimo-nos tragados pelos conceitos, autores e escolas, que nos poderiam ajudar a pensar estes achados, levando-nos a desmembrá-los, para tentar estabelecer uma rede de conhecimentos.

Percebemos que os participantes têm consciência de sua pertença ao Clube, têm uma membrância psicológica, o que é reforçado pelo valor positivo dado a este grupo, por outras pessoas do exogrupo (de fora do grupo) e pela avaliação positiva dos membros que a ele pertencem. Em diversas situações, como na assembléia de que participamos, para solicitar o consentimento livre e informado, os sócios aludiram à qualidade do grupo e, por isso, à importância de ser pesquisado. Naquele momento, evidenciou-se o fato de que o clube é o grupo de pertença e de referência. Em contrapartida, nos momentos de divergência (subcategoria), o grupo de referência passava a ser outro grupo do qual as pessoas do Clube participavam ou outros grupos que conheciam, como, por exemplo, o da reciclagem do hospital. Mas este conflito entre o grupo de referência e o de pertença, quando ocorre, se torna positivo, pois se relaciona ao fato de que o grupo não se conserva estático, pode mudar, ter outros modelos. Isto possibilita, também, a adaptação às necessidades de evolução de cada participante.

A partir do visto, sabemos que, para compreender os processos grupais aqui sublinhados, é preciso considerar os Organizadores Grupais, o Vínculo da Amizade e o Espaço Potencial – Lugar: nódulos da rede que possibilitam a construção da pertença da matriz dinâmica. Cabe-nos, então, refletir estes resultados. Exporemos a nossa percepção de como cada um deles contribui para a construção da pertença ao grupo Clube da Amizade.

Os participantes explicaram muito sobre sua doença e suas internações psiquiátricas. Pensamos que, de alguma forma, eles estavam querendo mostrar a identidade comum entre eles, aquilo que lhes é familiar, conhecido. Foi mais difícil, no início da reunião, falarem das diferenças. Aos poucos, durante o desenvolvimento do encontro, percebemos surgirem as diferenças, inclusive as divergências.

Observamos, assim, que uma das formas que os integrantes utilizam para a pertença ao Clube é o esforço no sentido de diminuir as diferenças, para que seja estabelecido este sentimento de grupo, de comunidade. Então, percebemos que as diferenças não podem ter um limite tão amplo e extenso, para haver esta pertença mais íntima, de comunidade, que é diferente da pertença social, que é mais ampla, como por exemplo, pertencer a um país. Os participantes mostram o quanto lutam para a manutenção e existência deste grupo. Sabemos que os grupos morrem (terminam) e que acontecem cisões. Este grupo se tem mantido por muitos anos. Isto ocorre, porque os sujeitos tentam preservar esta pertença íntima que relacionam à amizade, diminuindo as diferenças. A pertença de cada pessoa no clube está ligada a sua história pessoal anterior, mas também futura, de suas expectativas frente à vida. Notamos que seus membros consideram o clube como motivador, que lhes possibilita ter expectativas, aspirar algo.

Observamos que o Clube, como outro grupo, possui uma determinada organização e ela se estabelece a partir de alguns organizadores grupais. Com este trabalho, entendemos que os Organizadores Grupais são construídos e amadurecidos, a partir de organizadores menores. Para o estabelecimento do enquadre como organizador, por exemplo, se torna necessário abrir mão de muitos desejos individuais, bem como mudança de alguns papéis exercidos e resolução de alguns processos conflitivos frente à autoridade. É preciso, ainda, sair da sideração grupal, perceber as diferenças, para que as regras estabelecidas por todos atinjam a todos e particularmente a cada um. Também percebemos que a tarefa do grupo é um organizador mais evoluído. Para atingí-la, seus integrantes abrem mão de seus papéis estereotipados, da ilusão da família ideal. Esta ilusão é muito intensa no Clube e, pela necessidade de se manterem ligados, eles a minimizam (mesmo que não totalmente), para atingir “a tarefa”. Se permanecerem nesta ilusão não vão sentir necessidade de mudanças, de

busca, pois “aquele grupo já é o melhor”. Explicamos esta idéia, porque observamos diferentes organizadores do grupo do Clube da Amizade. Alguns são mais simples, mas não menos importantes, como, por exemplo, com os Supostos Básicos. Porém, quando o Clube está funcionando como o Grupo de Trabalho é um organizador mais evoluído.

Voltemos à questão do enquadre/*setting*, porque este foi um dos organizadores mais ressaltados. Isto ocorre, talvez, por ser objetivo/formal, por um lado e, ao mesmo tempo, subjetivo e informal, por outro. A importância do enquadre/*setting* decorre do fato de que representa um limite que protege o grupo, possibilita o estabelecimento de sua própria identidade, da coesão e, ao mesmo tempo, em alguns momentos, serve para manter os membros do grupo simbioticamente unidos, protegidos contra os outros – de fora. Enfatizamos a importância que infligimos ao enquadre/*setting*, pois é o que possibilita colocar os conteúdos do grupo “em ordem” por um tempo. É saber onde está.

O enquadre oferece liberdade e ao mesmo tempo segurança a cada membro. Esta característica decorre do fato de que tem a função continente (dos impulsos, desejos, angústias) e, ao mesmo tempo, é um recurso de profundo respeito ao tempo e espaço de cada um. O enquadre não é passivo. Percebemos que, na assembléia, eles discutem as suas mudanças. Este ambiente controlado e democrático estabelece princípios que desenvolvem a solidariedade no Clube. Auxilia, também, sua espontaneidade e criatividade, pois observamos que as atividades que realizam são planejadas, executadas e avaliadas, sofrendo constantes, embora pequenas, modificações.

Pudemos observar que, no clube, os sujeitos descobrem que podem exercer outros papéis individuais, isto é, que introjetam novos papéis e vão, também, podendo desempenhá-los na sociedade. No grupo do clube, eles vivenciam uma série de papéis. Como vimos no referencial teórico, estes são papéis individuais, que auxiliam o funcionamento do grupo, assim como há outros, que impedem o grupo de atingir seu objetivo. Estes papéis, experienciados neste lugar, os ajudam a compreender, agir e reagir de modo diferente. São papéis vivenciados, isto é, adjudicados e assumidos primeiramente no Clube. Seus integrantes deixam, assim, de assumir apenas os papéis de doente e incapaz, que outros grupos lhes adjudicam, para assumir os de sócios do Clube, de participante do coral, de trabalhador e papéis familiares de integrante de outras instituições. Também neste lugar, através das conversas, alguns readquirem confiança para exercer seus papéis de pai, mãe, filhos, etc. A assunção e adjudicação de papéis, móveis e não estereotipados, são também organizadores do grupo. Com o grupo se organizando e evoluindo, há a construção da pertença ao Clube.

Estes sócios participantes da pesquisa se sentem integrando o grupo, que lhes permite estabelecer uma identidade própria, como participante do grupo. Isto ocorre, pois os membros, em conjunto, forjaram uma identidade: “ser sócio do Clube”. Outro achado a ser destacado e que pensamos também fazer parte da constituição da identidade: ser amigo e ter amigo.

Percebemos, e os participantes expressam claramente, que o vínculo da amizade é o sentimento importante para estarem no grupo. Eles ressaltaram o fato de estarem presentes numa relação de amizade. Embora o Clube tenha, em seu nome, a Amizade, em nenhum momento nos demos conta, *a priori*, do importante valor a ela atribuído. Em nossa experiência no Serviço, onde o Clube está sediado, conhecíamos a importância, mas os participantes, ao falarem deste lugar, o expressam de forma tão intensa, que nos parecia ali tudo acontecer.

Entendemos, a partir dos dados, que existem, neste grupo, diferentes amizades, isto é, diferentes composições. Há o Vínculo da Amizade, mais íntimo, nos subgrupos em que os integrantes se conhecem intimamente. Eles realizam programas juntos, fora do Clube, encontram-se em suas casas, são confidentes. Há ajuda mútua, para enfrentar os problemas do dia-a-dia, para resolver conflitos. Na amizade nos subgrupos, eles se sentem com maior liberdade para falar, desabafar e, ao mesmo tempo, para criticar, servir de juiz quando necessário (Vínculo do Conhecimento). Percebem-se fazendo parte de uma família. Não se percebem numa relação regressiva. Embora tenham uma relativa dependência, notamos que é um vínculo maduro (rumo à independência).

Encontramos outros vínculos de amizade. Um deles é a amizade por interesse. É o que ocorre, por exemplo, com o interesse de ter alguém para conversar, de poder estar no clube com alguém, até de poder ter a carteira de sócio. Existe, também, a amizade casual, que é mais superficial. Percebemos, contudo, que é possível reinventar diferentes formas de ser amigo, como, por exemplo, realizando uma visita. Eles podem desenvolver a amizade de diversas maneiras, pois os sócios do Clube são abertos para acolher as pessoas, para conviver, desenvolver contato social, poder aprender e se divertir com os demais.

O aspecto importante ressaltado nesta amizade íntima (até na casual ou por interesse) é se compreenderem, se ajudarem, serem empáticos, principalmente no sofrimento vivido pela doença. Esta amizade ampla de que falamos, o vínculo existente entre todos, também implica em regras, algumas vistas anteriormente, cabendo ressaltar as regras de cuidado mútuo e respeito. Muitas vezes os integrantes do clube sentem que precisam abrir mão de alguns desejos pessoais, em função de poder preservar a relação de amizade.

O Vínculo da Amizade no clube também é uma amizade institucionalizada, pois ela é reconhecida por todos. Isto ocorre tanto com esta relação ampla como com a dos subgrupos. Muitas vezes, nestes subgrupos, além do vínculo amoroso (A+) em algumas pessoas, se estabelece uma relação simbiótica (A-).

Vimos que existem situações de divergência, que eles consideram natural onde existe amizade, mas, também, em raras ocasiões, acontecem brigas (vínculo O-), rompimento da amizade entre alguns. Assim, eles formam outro subgrupo, ou em outro se incluem. Sentem-se livres para romper os laços, quando não estão satisfeitos, e reconstruir outros, de forma diferente.

O grupo pesquisado notabiliza a importância da amizade, pois que há o compartilhar de companhia, de experiência, de diversões, de problemas, dos bons e maus momentos nas atividades. Referem-se sistematicamente ao “compartilhar do chá da tarde”, parecendo ser este um momento de íntima amizade. Ratificam o reconhecimento que têm um pelo outro, o quanto são gratos/reconhecidos aos outros, o quanto são reconhecidos pelos outros, o que lhes ajuda no auto reconhecimento. Esta amizade, desenvolvida e estimulada no clube, oferece um lugar para novas identificações, para cumplicidade e para inventar novas formas de relação, usando criatividade.

Os amigos no/do clube têm condições de construir projetos juntos e de se sentirem capazes de realizações. Torna-se possível manter o Vínculo da Amizade, porque há sociabilidade. Eles podem estar próximos mas, ao mesmo tempo, distantes. Isto é a essência da civilidade (movimentos contraditórios: próximos e, ao mesmo tempo, distantes, verdadeiros; simultaneamente mantendo uma máscara, livres e, também, estabelecendo regras e normas, etc.).

A amizade traz uma ilusão necessária para a pertença e para a manutenção do clube. Expressamos ilusão, no sentido de que a ilusão grupal ou a idéia de que o grupo é a família ideal, é um dos organizadores grupais, que possibilitam a construção da pertença. Concomitantemente, isto lembra outra ilusão: área de ilusão – espaço potencial, o lugar onde é possível nascer amizade, criatividade e subjetividade. Paradoxalmente, entretanto, é na amizade que existe este espaço potencial – potência para tudo acontecer.

Podemos pensar que, para que se desenvolva a amizade, é necessário este lugar, como espaço potencial. Por outro lado, no Vínculo da Amizade, este lugar de repouso está instalado. Então, segundo os resultados da pesquisa, podemos afirmar que o Vínculo da Amizade é um dos processos grupais que possibilitam a construção da pertença ao grupo do Clube da Amizade.

Dito isto, podemos afirmar que os processos grupais que constroem a pertença de seus sócios ao Clube da Amizade envolvem a percepção de que, neste lugar concreto, encontra-se algo mais. Este lugar concreto é o ponto de referência, no sentido de que os integrantes do grupo estão seguros de que, ali, encontrarão *holding*, acolhimento.

Este lugar seguro é a presença concreta de cada um, com toda organização que implica o grupo. Também é o lugar de encontro entre as pessoas, que lhes possibilita conviver. Este encontro, entre os sócios, acontece de modo formal, com regras e normas, e de modo informal, onde cada um vai desenvolver diferentes alianças. Ali está instalado um espaço de convivência, que não é nem concreto nem abstrato. É criada uma área livre, área de ilusão, em que é possível “o acontecer”. Pensamos este lugar, deste modo, como o espaço potencial. Os participantes mostram, com muita ênfase, a existência deste lugar para suas realizações, seus pensares, seus brincar e para suas criações.

O lugar do clube é percebido por eles como o lugar de encontro dos sujeitos com o outro, com o real, podendo cada um descobrir-se em suas competências criativas no fazer e no viver. Este lugar lhes possibilita diminuir a angústia. Então, neste lugar de repouso, eles acolhem os demais e se sentem acolhidos. Nesta área de ilusão, é possível estar preparado para o convívio social e exercitar esta experiência. Este lugar é considerado como o *setting*, que oferece o *holding* necessário, para ali permanecer e desenvolver diferentes vínculos, principalmente o Vínculo da Amizade.

A aprendizagem da convivência, das relações, da amizade, de viver em grupo, ocorre através do brincar e da criatividade. Um dos pontos realçados, neste espaço potencial, foi a aprendizagem, no sentido de trocar experiências, discutir, aprender a olhar o outro e olhar-se através do olhar refletido do companheiro. Aqui, nos referimos à aprendizagem que provoca mudança interna e externa, como este trabalho produziu na pesquisadora. Mudança, no sentido de poder olhar com diferentes olhos para o que é pesquisar. Poder “perceber e sentir” o que os participantes e o Clube passaram a representar para a “pessoa” da pesquisadora. Aprendizagem, ainda, nos modos e formas de respeitar os dados colhidos e analisados.

Este lugar de espaço potencial desenvolve a aprendizagem do auto-reconhecimento e auto-aceitação, reconhecimento do outro e aceitação do outro (vínculo R). Trata-se de aprendizagens necessárias ao dia-a-dia de cada um e, ainda, aprendizagem do cuidado de si e o auto-respeito. Então, podemos dizer que outro processo grupal que possibilita a construção da pertença é a existência deste lugar – que é um espaço potencial para tudo que acabamos de mostrar.

Os sócios referem este lugar como sendo o de alternativa de tratamento e, pelo que vimos até agora, esta alternativa é a que possibilita mudanças. Mas tudo isto acontece porque este espaço potencial é o lugar do lúdico e os participantes enfatizam a distração e diversão que o clube representa. Isto tudo, sem deixar de levar em consideração os conflitos.

O grupo do Clube da Amizade é considerado por nós como um grupo de nível psicológico de integração, como um grupo social/terapêutico e um grupo terapêutico. Pensamos o Clube como estes tipos de grupo, pois tem como objetivo a participação ativa. Nele se promove o desenvolvimento da moral, da ética e de relacionamentos, para melhor saúde mental. Percebemos que é um trabalho livremente acordado pelas pessoas, pautado pela cooperação e solidariedade entre os membros. Constatamos que os sócios participantes da pesquisa consideram e utilizam o grupo, e seu poder, para fins terapêuticos, isto é, para a busca de sua saúde mental e construção de sua subjetividade. Assim, o Clube é um grupo, em benefício do próprio grupo e, em consequência, de seus membros.

Nesta pesquisa, através da coleta e análise dos dados dos grupos focais, podemos perceber a importância do grupo para os participantes. Entendemos, ainda, que o ato de pertencer a ele decorre da necessidade de algumas satisfações: individuais, de ter um lugar para ir, poder ter compromissos, ter a oportunidade de se divertir, de participação conjunta, de se sentir protegido naquele lugar, de encontrar respostas, de se sentir presente na mente dos outros e no objetivo de alguns amigos do grupo. Então, pensamos que a pertença a este grupo se faz pela necessidade de se sentir contido, protegido, entendido, seguro, com possibilidade de realização. Isto significa encontrar no grupo um ambiente facilitador. O grupo é a sustentação para cada pessoa e, ao mesmo tempo, representa sujeição, isto é: renúncia de muitos de seus desejos individuais, em favor de sua própria adaptação aquele Clube.

Cada pessoa pertence ao grupo, como já salientamos, por sua livre escolha. Isto ocorre, embora alguns tenham sido encaminhados por indicação terapêutica e, outros, pelo estímulo da família ou de seu cuidador. O Clube da Amizade tem o objetivo de ser um grupo de escolha e voluntário.

Desde os resultados desta pesquisa realizada com alguns sócios do Clube, neste momento com esta organização, com este número de participantes, pensamos que o Clube é uma modalidade grupal, que auxilia no desenvolvimento e saúde mental. Portanto, pode ser estimulada sua criação em diferentes órgãos e Sistemas de Saúde Mental. A saúde inclui a possibilidade de ter a vida cheia de atividades, bem como de poder encontrar intimidade. Isto leva a um sentimento de realidade, um sentimento de ser e conduz o sujeito, também, às experiências de fazer, que contribuem e alimentam a realidade psíquica pessoal.

Pensamos que, com o que foi visto, podemos refletir sobre as questões efetuadas, ao iniciarmos a pesquisa, quais sejam: “Que processos possibilitam a construção da pertença ao grupo do Clube da Amizade? Como os Organizadores Grupais, o Vínculo da Amizade e o Lugar – Espaço Potencial contribuem na construção da pertença ao Clube da Amizade?”

Englobamos os três nódulos da pesquisa, pois, como já havíamos enfatizado, eles não acontecem, nem fazem parte do grupo isoladamente mas, sim, se apóiam, se interconectam e se complementam. Esta pesquisa, que pensamos ser uma rede, como o próprio grupo pesquisado, foi sendo tecida, passo a passo, através das diferentes ligações entre cada nódulo.

Neste momento, podemos entender porque sentimos o que Foulkes (1986) afirma: “nascemos reis e rainhas e a vida nos transforma em escravos.” Iniciamos a pesquisa com a convicção de que encontraríamos respostas. Agora, sentimos que não somos capazes de tê-las, como afirmações conclusivas. Por outro lado, contudo, a busca de respostas proporcionou-nos observações, idéias, percepções próprias e limitadas e reflexões. Uma resposta, ao menos, ficou clara: “a resposta é a doença que mata a curiosidade” (BION, 1991). Mas como nos percebemos com outros questionamentos e com muito mais curiosidade, estamos vivos. Portanto, novas “curiosidades” surgem, como, por exemplo: como se estabelecem as relações de amizade nos diferentes grupos, nos grupos homogêneos e heterogêneos? Como a amizade participa na construção do sujeito? E as amizades virtuais? Nos grupos psicoterápicos, que amizade se contrói? Em todos os grupos, as pertenças através do processo grupal da amizade se fazem presentes com tanta força? O que representa possuir um “lugar” para cada um? Se, ao mesmo tempo, estamos abertos, discutimos as vantagens das indefinições, dos lugares e pensares não demarcados, porquê, então, buscamos definições, lugar, portos seguros?

Mencionamos as contribuições deste trabalho à Ciência, aos estudos de grupo, aos órgãos oficiais e não oficiais da saúde e à pesquisadora. No entanto, cabe expressar o quanto um dos achados mobilizou a pesquisadora, produzindo uma “revalorização dos Vínculos de Amizade”.

Preciso de Alguém.

Que me olhe nos olhos quando falo.

Que ouça as minhas tristezas e neuroses com paciência.

E, ainda que não compreenda, respeite os meus sentimentos.

Preciso de alguém, que venha brigar ao meu lado sem precisa ser convocado; alguém Amigo o suficiente para dizer-me as verdades que não quero ouvir, mesmo sabendo que posso odiá-lo por isso.

Nesse mundo de cétricos, preciso de alguém que creia, nessa coisa misteriosa, desacreditada, quase impossível: - A Amizade.

Que teime em ser leal, simples e justo, que não vá embora se algum dia eu perder o meu ouro e não for mais a sensação da festa.

Preciso de um Amigo que receba com gratidão o meu auxílio, a minha mão estendida.

Mesmo que isto seja muito pouco para suas necessidades.

Preciso de um Amigo que também seja companheiro, nas farras e pescarias, nas guerras e alegrias, e que no meio da tempestade, grite em coro comigo:

“Nós ainda vamos rir muito disso tudo” e ria muito.

Não pude escolher aqueles que me trouxeram ao mundo, mas posso escolher meu Amigo.

E nessa busca empenho a minha própria alma, pois com uma Amizade Verdadeira, a vida se torna mais simples, mais rica e mais bela ...

Sir Charles Chaplin

REFERÊNCIAS

ABADI, S. Habitar el espacio de la salud: una tarea sin fin. In: *D.W. Winnicott – enfoques teóricos-técnicos*. Encontro Latino Americano Sobre el Pensamiento de D.W. Winnicott. Montevideo, Uruguay: Galera Sul, 1993. p.107-14.

_____. Explorações: perder-se e achar-se no espaço potencial. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, 2002, 36v, n. 4, p.807-16.

_____. *Transiciones – el modelo terapeutico de D. W. Winnicott*. Buenos Aires: Lumen, 1996.

ABRAM, J. *A linguagem de Winnicott, dicionário das palavras e expressões utilizadas por W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Persona, 1979.

BARRIGA, S. *Psicologia del grupo y cambio social*. Barcelona: Hora, 1982.

BAUER, M.W.; GASKELL, G. et al. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BERENSTEIN, I.; PUGET, J. *Lo vincular - clinica y tecnica psicoanalitica*. Barcelona: Paidós, 1997.

BERNARD, M. Metapsicologia na análise vincular. Um enfoque genético. In: *Revista ABPAG*, 1996, 5v.

_____. Los grupos internos. In: BERNARD M.; EDELMAN, L; KORDON, D; L'HOSTE, M; SEGOVIANO, M; CAO, M. *Desarrollos sobre grupalidad – una perspectiva psicoanalitica*. [s.l.] Lugar, 1995.

BERSTEIN, M. Contribuições de Pichon-Rivière à Psicoterapia de grupo. In: OSÓRIO, L.C. e col. *Grupoterapia hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

BION, W.R. *As transformações – a mudança do aprender para crescer*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

_____. *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

_____. *Elementos em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1963 / 1991.

_____. *Experiências com grupos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. _____. 3. ed. Buenos Aires: Paidós, 1974.

BLOOM, A. D. *Amor e amizade*. São Paulo: Mandarin, 1996.

BRANDE, S. Pertenência. In: PACHUK, C; FRIEDLER, R e Col. *Diccionario de psicoanálisis de las configuraciones vinculares*. Buenos Aires: Del Caudil, 1997.

BUKOWSKI, W.M. Friendship and the worlds of childhood. In W. Nangle, & C. A. Erdley (Orgs.). *The role of friendship in psychological adjustment (New directions of child adolescent development)* (pp. 93-106). San Francisco: Jossey Bass, 2001.

CAO, M.L; L'HOSTE, M. El imaginario grupal. In: BERNARD M.; EDELMAN, L; KORDON, D; L'HOSTE, M; SEGOVIANO, M; CAO, M. *Desarrollos sobre grupalidad – una perspectiva psicoanalítica*. Buenos Aires: Lugar, 1995.

CAPARRÓS SÁNCHEZ. N. Apuntes para una epistemología del grupo. In: ÁVILA ESPADA, A. (coord.). *Manual de Psicoterapia de Grupo Analítico Vincular*. Madri: Quipu, 1993. 1v.

_____. De la psicología individual a la psicoterapia de grupo. In: ÁVILA ESPADA, A. (coord.). *Manual de Psicoterapia de Grupo Analítico Vincular*. Madri: Quipu, 1993. 1v.

_____. (coord.). El modelo analítico vincular. Introdução aos dispositivos técnicos. In: *Manual de Psicoterapia de Grupo analítico vincular*. Madri: Quipu, 1993. 2v.

_____; GARCIA DE LA HOZ, A. Psicoanálisis, grupo y vínculo – Freud y el grupo. In: ÁVILA ESPADA, A. A. (coord.). *Manual de Psicoterapia de Grupo Analítico Vincular*. Madri: Quipu, 1993. 1v.

CATAFESTA, I.F. *O verdadeiro e o falso – Winnicott na Universidade de São Paulo*. São Paulo: Instituto de Psicologia USP, 1996.

CÍCERO, M.I. *Saber envelhecer – seguido da amizade*. Porto Alegre: L &PM - Pocket, [s.d.].

CID 10 – *Classificação dos transtornos mentais e de comportamento*. World Health Organization. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

DECHERF, G. *Édipo em grupo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

DELLA NINA, M. *O grupo de abordagem Interdisciplinar (Vínculos terapêuticos e criatividade no âmbito hospitalar)*. In: CATAFESTA, I.F. D. W. Winnicott na Universidade de São Paulo. Depto.de Psicologia Clínica. Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1996.

EDELMAN, L.; KORDON, D. Imaginário grupal – Imaginário social. In: PACHUK, C; FRIEDLER, R e col. *Diccionario de psicoanálisis de las configuraciones vinculares*. Buenos Aires: Del Caudil, 1997.

ERIBON, D. *Michel Foucault e seus contemporâneos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

FOULKES, S.H. *Psicoterapia de grupo analítica – Metodos y principios*. México: Gedisa, 1986.

_____; ANTHONY, E. J. *Psicoterapia de grupo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

FREUD, S. (1930 [1929]). *O mal estar na civilização*. Obras Completas. t. 3. Madri: Biblioteca Nueva, 1968.

_____. (1921). *Psicologia das massas e análise do ego*. Obras Completas t. 1. Madri: Biblioteca Nueva, 1968.

_____. (1927). *O Futuro de uma ilusão*. Obras Completas t. 2. Madri: Biblioteca Nueva, 1968.

_____. (1913) 14. *Totem e Tabu*. Obras Completas t. 2. Madri: Biblioteca Nueva, 1968.

_____. (1939[1934-38]). *Moisés e o Monoteísmo*. Obras Completas t. 3. Madri: Biblioteca Nueva, 1968.

GARCIA DE LA HOZ, A. Aproximación históricas Y filosóficas a la psicoterapia del grupo. In: ÁVILA ESPADA, A. *Manual de Psicoterapia de Grupo Analítico-Vincular*. Madrid: Quipú, 1993. 1v.

GINER, J. C. *La amistad – perspectiva antropológica*. Barcelona: Icaria, 1995.

GRINBERG, L.; LANGER, M.; RODRIGUÊ, E. *Psicoterapia del grupo*. 3. ed. Buenos Aires: Paidós, 1971.

_____; SOR, D.; BIANCHEDI, E. *Introducción a las ideas de Bion*. Buenos Aires: Nueva Vision, 1986.

GUARESCHI, N. M.F. *Políticas de identidade: novos enfoques e novos desafios para a psicologia social – Psicologia e sociedade*, p. 110-124, 2000.

JOVCHELOVICTH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.) *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *Vozes da esfera pública - representações sociais em diálogos grupais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

KAËS, R. Realidade psíquica y sufrimiento nas instituições. In: *A instituição e as instituições, estudos psicanalíticos*. Cap. I – Paidós, Buenos Aires: 1989.

_____. La invención psicoanalítica del grupo. *Publicación Argentina de Psicología y Psicoterapia de grupo*. Argentina: 1994.

_____. *El grupo y el sujeto del grupo. Elementos para una teoría psicoanalítica del grupo*. Buenos Aires: Amorrortu, 1995.

_____. *O Grupo e o Sujeito do Grupo. Elementos para uma teoria psicanalítica do grupo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

_____. El grupo y el sujeto del grupo: a palabra y el vínculo. In: La anulación del otro – Tramas – perspectivas psicoanalítica vincular - *Revista da Asociación Uruguaya de Psicanálisis de las Configuraciones Vinculares*, 1997, Tomo III, n. 3, p. 9-27.

KEHL, M.R. *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

KORDON, D. Grupo de trabajo – grupo de suposto básico. In: BERNARD M.; EDELMAN, L.; KORDON, D.; L'HOSTE, M.; SEGOVIANO, M.; CAO, M. *Desarrollos sobre grupalidad – una perspectiva psicoanalítica*. Lugar, 1995.

_____; EDELMAN, L. Fantasia y grupo. In: BERNARD M.; EDELMAN, L.; KORDON, D.; L'ORTE, M.; SEGOVIANO, M.; CAO, M. *Desarrollos sobre grupalidad – una perspectiva psicoanalítica*. Lugar, 1995.

L'HOSTE, M. L. Imaginário social. In: PACHUK, C; FRIEDLER, R e Col. *Diccionario de Psicoanálisis de las configuraciones vinculares*. Buenos Aires: Del Caudil, 1997.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LISBOA, C; KOLLER, S.H.; *Amizade e vitimização*: fatores de risco e proteção no contexto do grupo de iguais. Psico. PUCRS, Porto Alegre, v. 34, n.1, p. 57-70, jan./jul. 2003.

MELLO FILHO, J. *Ser e o viver – uma visão da obra de Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

_____. Contribuições da escola de Winnicott à psicoterapia de grupo. In: OSÓRIO, L. C. e col. *Grupoterapia Hoje*. Porto Alegre: Artes Médias, 1986.

MONTAIGNE, M. Da amizade. *Ensaaios*. 4. ed. São Paulo: Nova Cultura, cap. XXVIII, 1987.

MORAES, M.L.A. *Uma experiência de leitura, interpretação e intervenção na dinâmica grupal*. Porto Alegre: PUCRS, 1994. Dissertação, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1994.

MORAES, R. *Tempestade de luz*: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. Polígrafo. PUCRS. Porto Alegre, 2003 a.

_____. *Explosão de idéias*: a unitarização de informações como encaminhamento de uma leitura aprofundada e compreensiva na análise textual discursiva. Polígrafo. PUCRS. Porto Alegre, 2003 b.

_____. *Construindo quebra-cabeças ou criando mosaicos? Aprendizagem e comunicação no processo de categorização*. Polígrafo. PUCRS. Porto Alegre, 2003 c.

_____. *Movimentando-se entre as faces de Jano*: Comunicar e aprender na produção escrita que acompanha análises de pesquisas qualitativas. Polígrafo. PUCRS. Porto Alegre, 2003 d.

_____. *Mergulhos discursivos*: Análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. Polígrafo. PUCRS. Porto Alegre, 2003 e.

MORIN, E. *A cabeça bem feita*: Repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NERI, C. O grupo. *Manual de psicoanálisis de grupo*. Buenos Aires: Nueva Vision, 1997 e Roma, 1995.

NEWMAN, A. *As idéias de D.W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

ORTEGA, F. *Para uma política da amizade, Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumarci, 2000.

_____. *Amizade e estética da existência em Foucault*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

PACHUK, C; FRIEDLER, R. *Diccionario de psicoanálisis de las configuraciones vinculares*. Buenos Aires: Del Caudil, 1997.

PICHON-RIVIÈRE, E. *O Processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

_____. *Del psicoanálisis a la Psicología Social*. Buenos Aires: Garlerna, 1970/1977.

_____. *Teoria do vínculo*. São Paulo: 2. ed. Martins Fontes, São Paulo: 1986.

POLITY, E. Algumas considerações sobre o espaço potencial. In: *Psicologia - teoria e prática*. Universidade Presbiteriano Makenzie (Fac. Psicologia). 4(1) p. 21-8, 2002.

PUGET, J. La mente del psicoanalista de configuraciones vinculares. In: Escucha e intervención en psicoanálisis de los vínculos. *Revista de la Asociación de Psicología y Psicoterapia de Grupo*, Buenos Aires: 1997. p. 135-50.

_____; BERENSTEIN, I. *Psicoanálisis de la pareja matrimonial*. Buenos Aires: Paidós, 1988.

_____; BERNARD, M.; CHAVES, G. G.; ROMANO, E. *El grupo y sus configuraciones – terapia psicoanalítica*. Buenos Aires: Lugar, 1991.

PY M. SILVA, L.A. Contribuições de Bion à Psicoterapia de grupo. In: OSORIO, L.C. e col. *Grupoterapia Hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

RIBEIRO, J.P. *Psicoterapia grupo analítica – Abordagem foulkiana: teoria e técnica*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

ROMERO, S. A utilização da metodologia dos grupos focais na pesquisa em psicologia. in: Scarparo, H. (org.). *Psicologia e pesquisa*. Porto Alegre: Sulina, 2000.

SALGADO, F; PINTO, T.S. Rivalidade fraterna em grupoanalise. In: *Revista Portuguesa de Grupoanalise*, Lisboa, n. 2, 2000.

SANDLER, P. C. O quarto pressuposto. In: *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 907-34, 2001.

SAWAIA, B (org.). *As artimanhas da exclusão – Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SELVATICI, M.R.; CATENA, L.; CHAGEL, R.; GUTHMANN, M.; KESNER, D.; MARTINEZ, M.; MOHADEB, C.; PETIT, C.; SATNE, M. *Apuntes sobre las vicisitudes de la pertenencia – De la alienación a la creatividad*. SELVATIC, M.R. (coord.). XII Congreso Latino-americano de Psicoterapia Analítica de Grupos). 1 v. Buenos Aires: 1996.

SEMINOTTI, N. Primeiro los seymanza y luego las diferencias. *Revista Clínica y analisis grupal*, Porto Alegre, 23 v., n. 86, Imago, 2001.

_____. *La organización y dinámica del grupo psicológico*: La multiplicidad/diversidad de organizadores del grupo. Madrid: Faculdade de Psicologia, 2000. Tese. Psicología Biológica y de la Salud., 2000.

_____. CRUZ, L.; BORGES, B.G.O. O pequeno grupo como organizador do ambiente de aprendizagem. *Psico USF. Revista Semestral da Área de Psicologia*, São Paulo, (aceito para publicação) 2004.

SPITZ, R.A. *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

TAJFEL, H. *Grupos humanos y categorías sociales*. Barcelona: Heider, 1984.

VILLAPALOS, G. *El libro de la amistad*. Barcelona: Martinez Roca, 2000.

WALLBRIDGE, D; DAVIS, M. *Limite e espaço – uma introdução à obra de D.W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. *A natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

_____. *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. GREEN, A.; MANNON, O.; PONTALIS, J.B. e outros. *Donald W. Winnicott*. Buenos Aires, Trieb, 1978.

ZIMERMAN, D. E. *Bion da teoria à prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. *Fundamentos psicanalíticos – Teorias, técnicas e clínica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

_____. Vínculos e fantasias inconscientes. *Revista Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo*. São Paulo, 4 v., 1995.

_____. *Fundamentos básicos das grupoterapias*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

OBRAS CONSULTADAS

ALIATTI, I. CORONEL, L.C.I. Vínculo R: Um reconhecimento. *Revista da Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo*, 6. v, São Paulo, p. 53-61, 1997.

AMENTA, M; CAMPI, M; GOLDCHEUK, A.; PORTORE, F.; HANNY, E.; VILLAR, V. Cambio psíquico en pacientes esquizofrenicos en tratamiento grupal. *Vertex*. Revista Argentina de Psiquiatria, 12v., p. 291-00, 2002.

ANFUSSO, A.; INDART, V. Criar – curar. In: *Winnicott – Enfoques, teorías-técnicas*. 2º Encontro Latino Americano Sobre el Pensamiento de D.W. Winnicott. Montevideo. Uruguay: Galera Sul, 1993.

BAULEO, A. *Psicanalisis y grupalidad*. Barcelona: Paidós, 1997.

_____. Notas para la conceptualización sobre grupo. In: CAPARRÓS, N. (org.). *Psicología y Sociología del grupo*. Madrid : Fundamentos, 1975.

_____. Psicología y Sociología del grupo. In: CAPARRÓS, N. (org.). *Psicología y Sociología del grupo*. Madrid: Fundamentos, 1975.

BELIERA, E. Organización. In: PACHUK, C; FRIEDLER, R e col. *Diccionario de psicoanálisis de las configuraciones vinculares*. Buenos Aires: Del Caudil, 1997.

BERNARD, M. Metapsicología na analise vincular. Um enfoque genético. In: Revista ABPAG, 5 v., 1996.

_____. Los grupos internos. In: BERNARD M.; EDELMAN, L; KORDON, D; L'HOSTE, M; SEGOVIANO, M; CAO, M. *Desarrollos sobre grupalidad – una perspectiva psicoanalítica*. [s.l.] Lugar, 1995.

BION, W.R. *Cogitações*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. *Estudios psicanalíticos revisados*. 3. ed. São Paulo: Imago, 1967/1994.

BONFIGLIOLI, E. Imaginário grupal. In: PACHUK, C; FRIEDLER, R e Col. *Diccionario de psicoanálisis de las configuraciones vinculares*. Buenos Aires: Del Caudil, 1997.

CABERNILE, L; CORRÊA, P.D. *O complexo de Édipo na psicanálise e na análise de grupo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

CALIL, R. C.C.; ARRUDA, S.L.S. Subsídios teóricos para a psicoterapia de grupo de crianças. *Discussão da influência dos psicanalistas. L. Grimberg, M. Langer, e L. Rodriguê sobre a atividade clínica do setor de Saúde Mental infantil da UNICAMP*. Araraquara: Doxa, 4. v, n. 2, p. 25-76, 1998.

CARLOS, S.A. O processo grupal. In: STREY, M. (org.). *Psicologia Social Contemporânea*. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

CARRETEIRO, T. C. A doença como projeto – uma contribuição à análise de formas de filiação e desfiliações sociais. In: SAWAIA, B. (org). *As artimanhas da exclusão – Análise psicosocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Exclusion sociale et construction de l'identité*. Paris: Harmattan, 1993.

CHERNICOWSKY, E. Estruturalismo. In: PACHUK, C; FRIEDLER, R e Col. *Diccionario de psicoanálisis de las configuraciones vinculares*. Buenos Aires: Del Caudil, 1997.

CONGRESSO LATINOAMERICANO DE PSICOTERAPIA ANALÍTICA DE GRUPO, 12. *Los vínculos en America Latina – Pareja – Familia – Grupos – Instituciones – Macrocontexto*. Federación Latinoamericana de Psicoterapia Analítica de Grupo (FLAPAG), Buenos Aires: 1996.

CONGRESSO LATINOAMERICANO DE PSICOTERAPIA ANALÍTICA DE GRUPO, 13, *Manual de Procesos y Transformaciones en los vínculos*. Uruguai: Fau, 1998.

CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE PSICOTERAPIA ANALÍTICA DE GRUPO, 14. *Conceptualizaciones desde la practica..* TERZIS, L. *Grupo de cidadania: heróis, mitos e vínculos*. GABARINO, M. *Tratando de conceptualizar algo sobre grupos*. MONTADO, AGUIRRE. *Vínculo fraterno desde el lugar y la funcion materna*. FLAPAG. Uruguai: 2000.

ENRIQUEZ, E. *Da horda ao estado – Psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Zahor, 1990.

FERNANDES, W. J. O tempo, os vínculos e o processo psicoterápico. *Revista da Associação Brasileira de Psicoterapia de Grupo*. 5v, 1996, p.

FOUCAULT, M. *O pensamento exterior*. São Paulo: Princípio, 1990.

FOULKES, S.H. Grupo – Análise terapêutica. *Publicações Europa-América*. Lisboa: 1968.

GASPARI, R.C. Íntimo, privado, público: Apuntes para una cualificación de los espacios en la trama vincular. *Revista Trama - Revista da Asociación Uruguaya de Psicoanálisis de las Configuraciones Vinculares, El vínculo como apuesta*, Uruguai, Doble Clic, Tomo IV, n. 4, p. 105-14, 1998.

GIL, C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, J. J. Una cuestión de lugar. In: *Revista Trama - Revista da Asociación Uruguaya de Psicoanálisis de las Configuraciones Vinculares, El vínculo como apuesta*, Uruguai, Tomo IV, n. 4, p. 115-18 m, 1998.

GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (org.). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

JODELET, O. Os Processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, B (org). *As artimanhas da exclusão – Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 2002.

KAPLAN, H.; SADOCK, B. (org.). *Compêndio de psicoterapia de grupo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

KRACON, H; PACHUK, C. Tres espacios. In: *Diccionario de Psicoanálisis de las configuraciones vinculares*. Buenos Aires: Del Candil.

L'HOSTE, M. L. Los pequenos grupos. In: BERNARD M.; EDELAN, L; KORDON, D; L'HOSTE, M; SEGOVIANO, M; CAO, M. *Desarrollos sobre grupalidad – una perspectiva psicoanalítica*. Lugar, 1995.

LINS, M. I. A.; LUZ, R. O Espaço potencial. *D. W. Winnicott – Experiência Clínica e Experiência Estética*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998. p. 157-259. Cap. 13.

MARINHO, Ney. Amor como vínculo: reflexões sobre os vínculos L(amor) e –L(-amor). In: *O homem e seu ambiente: encontros e desencontros*. Encontro Latinoamericano sobre o pensamento de D.W. Winnicott, 9, Rio de Janeiro: 2000. p. 3-23.

MARTINS, R.B. Contribuições de Freud à Psicoterapia de grupo. In: OSÓRIO, L.C. *Grupo Terapia Hoje*. Porto Alegre: Artes Médias, 1986.

MORAES, M.L. A análise de conteúdo na leitura e interpretação do discurso. In: SCARPARO, H (org.). *Psicologia e pesquisa*. Porto Alegre: Sulina, 2000.

_____. Grupo como composição espaço-poética – *um método de leitura dos processos grupais*. In: *Revista Inter-relações - Temas em processos de Grupo*, Porto Alegre, n. 3, Faculdade de Psicologia da PUCRS, p. 75-84, 2000.

MORIN, E. *Saberes globais e saberes locais – O olhar transdisciplinar*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

MOURA, F. N. Cultura Manicomial. In: *Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria*. [s.l] p. 99-102, 1998.

NEVES DA SILVA, R.A. *Cartografias do social: estratégias de produção do conhecimento*. Porto Alegre: UFRGS. Tese, Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

OGDEN, T.H. Sobre o espaço potencial. In: GIOVACCHINI, P.L. (org.). *Táticas e técnicas psicanalíticas – D. W. Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médias, 1995.

OLIVEIRA, R.J.; VAZ, C.E. Capacidade de estabelecer vínculos afetivos em pacientes com esquizofrenia tipo paranóide. In: VAZ, C.E. (org.). *Personalidade, cultura e técnicas projetivas - Psicologia da personalidade*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

OLIVEIRA, M.P.; CRUZ FILHO, D. O.; AGUIAR W.M. A reforma psiquiátrica e a contribuição do serviço social. *Revista Brasileira de Neurologia Psiquiatria*, 2 (1) p. 13-22. [s.l] Científica Nacional, 1998.

ORTEGA, F. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Iluminuros, 2002.

OSÓRIO, L.C. *Grupoterapia hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

_____. *Acessando a era da grupalidade*. Porto Alegre: Artemed, 2000.

OUTEIRAL, J. Violência e “Espaço Virtual”: Desconstruções. In: *Encontro Latino-americano sobre o pensamento de D. W. Winnicott*, 9, Rio de Janeiro, p. 03-23, 2000.

_____; GRAÑA, R.B. *Donald W. Winnicott – estudos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

_____; NETO, B. P. Setting e a regressão no tratamento de adolescentes com patologias graves. In: OUTEIRAL, J.; GRANÁ, R. B.; WINNICOTT, Donald W. *Estudos artes médicas*. Porto Alegre: 1991.

PEDROSO, T. L. O grupo terapêutico como espaço transicional. In: Outeiral, Graña, R. *Donald W. Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

PELOSI, M. As transformações dos vínculos. *Revista da Associação brasileira de psicoterapia de grupo*, 6 v. 1997.

RIEMENSCHNEIDER, F. Espaço potencial e realidade vital. In: CATAFESTA, I. F.M. *A clínica e a pesquisa no final do século: winnicott e a universidade*. Instituto de Psicologia – USP. São Paulo: Lemos, 1997.

ROSADO, A.; JANUÁRIO, N. *Percepção de incidentes disciplinares*. [s.l.]: Lidens, 16v, n. 3, [s.a.].

SAMPAIO, J.R. *A “dinâmica de grupos” de Bion e as organizações de trabalho*. Artigo. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.

SANDER, L. Adaptative relationships in early mother-child interactions. *Journal of the American Academy of Child Psychiatry*, 3: 1964, p. 231-64.

SANDLER, P. C. *Introdução a “Uma memória do futuro W.R. Bion”*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

SANTOS, M. A. *A constituição do mundo psíquico na concepção winnicottiana: uma contribuição à clínica de psicoses*. Artigo. Universidade de São Paulo. *Psicol. Reflex.* Porto Alegre, v. 12, n. 3, 1999.

SARRIERA, J. (coord.). *Psicologia comunitária, estudos atuais*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

SASSAKI, R. K. *Inclusão – construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SCHMIDT, M.L. Estilos narrativos e pertença social: Análise de histórias da vida. *Revista de Psicologia*, UF do Ceará, 13v., 14v., p. 109-16, 1995/1996.

SEGOVIANO, M. (org.). In: *Diccionario de Psicoanálisis de las configuraciones vinculares*. Buenos Aires: Del Candil.

_____. KORDON, D. Identificación, identidad y grupo. In: *Diccionario de psicoanálisis de las configuraciones vinculares*. Buenos Aires: Del Caudil, 1997.

SOUSA SANTOS, B. *Um discurso sobre as ciências*. 13. ed. Porto: 2003.

WINNICOTT, D. W. *A natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. *Privação e deliquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. GREEN, A.; MANNON, O.; PONTALIS, J.B. e outros. *Donald W. Winnicott*. Buenos Aires, Trieb, 1978.

ZIEGELMANN, L. *Sufrimento psíquico: o grupo como dispositivo de potências autopoéticas*. Porto Alegre: PUCRS, 2002. Dissertação, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002.

ZIMERMAN, D. E. *Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ANEXOS

ANEXO B - META TEXTO

1 ORGANIZADORES GRUPAIS

O Clube da Amizade estabelece regras/normas e uma delas é a freqüência ao clube: Todos sabem que têm o compromisso de estar no clube todas as terças e quintas-feiras. “Vou na terça e quinta-feira, é lá o meu lugar, tenho que estar lá.” Se não comparece, o associado deve justificar a ausência: sabem que quando alguém falta muitas vezes o presidente e a comissão de visitas procuram saber o que aconteceu, ver se a pessoa está com problema. As ausências ao clube causam preocupação aos demais, pois sempre supõem que pode ter apresentado uma nova crise.

Outra norma prevista pelo clube é a mensalidade. Cada sócio do clube paga uma taxa que é a mensalidade estipulada por eles. Se esta regra não for cumprida o sócio sofre alguma restrição, como por exemplo não poder ir aos passeios antes de quitar sua dívida. Isto é explicado por um participante: “[...] com o dinheiro que juntam da mensalidade, dos trabalhos, dá para passear, programar alguma coisa, fazer festa com chá e refrigerante, o almoço é pago com nosso dinheirinho, nos passeios”. O clube, então, fornece a carteirinha do ônibus e, para isto, precisa seguir as regras de pagar a mensalidade, de participar e de freqüentar. Alguns freqüentam o clube apenas por interesse, somente para obter a carteirinha. Ainda dentro da normatização do Clube, há a regra da manutenção do sigilo, da moral e da ética como dizem: “[...] aqui tem ética, as pessoas são educadas, tem moral.” “Um respeita o espaço do outro, cada um respeita a maneira de pensar do outro, ninguém se passa com ninguém, que eu saiba.” Destaca-se que algumas regras são estabelecidas por necessidade, mas que, muitas delas, não gozam de aprovação por parte de alguns sócios, como por exemplo: “não pode retirar os livros da biblioteca ...” Ao reclamarem desta regra outras pessoas imediatamente justificam que foi estabelecida porque às vezes não eram devolvidos.

Os sócios do clube se encontram e se organizam através das assembléias e das diversas atividades que são oferecidas e programadas por eles. Referem que também o fato de ter reunião e combinações, os fazem permanecer no clube. “Venho ao clube porque tem reunião, participação [...] tem ginástica, passeio, festa.” Também há outras opções, como: jogos de ping-pong, dominó, fla-flu, cartas, passeios, teatro, coral, tricot, crochê, viagem. Assim, tanto homens como mulheres, participam das atividades, inclusive, de costura e

pintura. A hora do chá da tarde é um momento em que os associados participam de forma a compartilhar da mesa e também da organização “[...] fazendo receitas de doces e salgados com os outros.” Este é um momento íntimo do grupo.

Portanto, no clube existem diversas normas e regras e acontecem atividades diversas, mas também neste grupo cada membro vai desempenhar diferentes papéis, sabendo que podem falar sobre estes diferentes papéis e atividades que realizam fora do clube. Dessa forma, todos compartilham do que é proporcionado pela associação. “No clube posso falar sobre o que fazia e faço, sobre os papéis de mãe, filha, trabalhadora e doente.”

Também podem falar da forma como vivem, enfim, falam do que foram e do que são. “Eu era uma pessoa que trabalhava, cuidava da casa e depois que fiquei doente não consegui mais.” “[...] depois que vim para o clube tenho me apurado para não baixar mais...” Contam que muitos eram pessoas que trabalhavam como outras pessoas, levantando cedo, cuidando da casa, da família, dormindo tarde. No fim de semana trabalhavam em casa para organizá-la para a semana, mas depois que adoeceram não se sentiram capazes de seguir desta forma. Muitos explicam que hoje trabalham na reciclagem do hospital e outros fazem pequenos trabalhos, como de pintor e confeitoiro, por exemplo.

Percebem que no clube também trabalham para sua organização e cada um desempenha determinado papel. Ainda falam em outros papéis como o de homem e mulher. Referem suas expectativas em encontrar alguém para namorar. Referem que no clube tem namoros e já aconteceram casamentos.

Os participantes sócios do clube são aposentados, trabalhadores, pais, mães, filhos(as), namorados, marido/mulher, cuidadores, doentes, sócios do clube e pacientes do São Pedro. Uma participante conta que: “Me trato aqui há 24 anos. Bem dizer sou filha do São Pedro.” “Sou esquizofrênica, tenho 3 pastas [...]” “[...] no ônibus com os cobradores a gente se humilha.” Também realizam atividades que repercutem fora do clube, na família e comunidade, tais como o jornal organizado e editado por eles. Participam, ainda, do Fórum da Saúde Mental, de outras instituições: “É, encontrei ela e a G no centro [...] a G tá na Associação Gaúcha de Familiares Pacientes Esquizofrênicos – AGAFAPE.” “Estou no clube desde 1983 [...]” “Faz anos. Estou há mais de 20 anos, fui um dos primeiros.”

No Clube da Amizade existe uma ligação importante entre a Instituição e os sócios. Este vínculo com a Instituição possibilita sentirem-se olhados, cuidados, recebendo, para tal, a ajuda e apoio e, também, os esclarecimentos sobre a doença. Sentem que a equipe do clube e do ambulatório os ajudam muito, oferecem incentivo importante. Se sentem cuidados e olhados, mas o fundamental é saberem-se na preocupação dos outros, dos que os

acompanham. Também sentem-se ouvidos e acolhidos, pois comentam que “[...] chega de casa magoado, aqui consegue falar, então volta melhor, mais tranqüilo”. Este é um vínculo importante, que leva os sócios a acreditarem no interesse das pessoas, quando estas se preocupam com a saúde, com a medicação, com a presença, como por exemplo: “[...] quando a estagiária disse que o grupo sentia falta de mim, isto me sensibilizou, acreditei e voltei a frequentar”. Este vínculo com a Instituição e com os representantes da Instituição possibilita sentirem-se acompanhados nas suas dificuldades, nas suas formas de diversões, nas programações e na organização das mesmas. Mas também em outras situações, como de briga. Dizem: “[...] acontecem brigas e quando a briga atinge agressão física, a assistente social e o guarda harmonizam”. Esta ligação se reforça, ainda, por se sentirem ajudados como pessoas e como sócios do Clube em que “[...] o hospital cede a sala, pintando-a e arrumando-a para o Clube”.

2 VÍNCULO DA AMIZADE

Um dos aspectos muito salientados foi o vínculo da amizade que ali se estabelece entre os sócios. Os vínculos são estimulados e os sócios sentem que constroem novas e boas relações. As pessoas dizem que são muito sozinhas e no clube sentem que podem se associar. Consideram um lugar onde podem se relacionar. Sentem que podem encontrar pessoas para conversar, que serão escutados pois sabem que há interesse de um pelo outro e dizem: “O que faz ficar no clube é a amizade, desabafar sentimentos [...] a gente se ajuda entre a gente.” “No clube tem amizade e é a coisa mais bonita entre nós”. Consideram o clube como uma confraria. Ali, as pessoas se preocupam verdadeiramente uma com a outra. Tanto é que foi formado um grupo de visitas. Embora não sejam sempre as mesmas pessoas, este subgrupo se propõe a visitar os colegas ausentes, que estão aniversariando, que estão internados e no horário do clube combinam como executarão a visita. Isto é extremamente valorizado pelos sócios. Para eles é amizade, porque há uma relação de cuidado. As visitas que mais acontecem são motivadas pelo um sócio que deixa de comparecer, pois imaginam que a ausência representa algum problema de saúde ou de desagrado com algo que aconteceu no clube. Consideram esta “[...] visita de cordialidade bacana, pois nas horas difíceis é que se precisa de um amigo, visitarem na hora da dor, dar apoio”. “As vezes um amigo vale mais que um irmão.” Consideram as visitas dos colegas e amigos do clube de grande valor, pois sabem que compreenderão como cada um se sente, uma vez que já enfrentaram situações parecidas. Gostam de receber a visita dos amigos e referem que a visita do pessoal do clube é

maravilhosa, porque as pessoas que já estiveram com problemas, sabem compreender. Não consideram desta forma com a família. Quando estão internados, dizem que a família os visita para “torrar”, já a visita do clube não é para torrar e comentam: “Vai visitar para ver como a gente está de verdade”. Neste lugar é possível estabelecer vínculos de amizade, possibilitando se sentir importante, reconhecido pelo outro. “[...] quando a estagiária me disse que o grupo sentia falta de mim, isto me sensibilizou, acreditei e voltei.” No clube se sentem aceitos como são, com suas crises, suas dificuldades, suas diferenças e são reconhecidos pelos demais, não como “loucos”, mas como pessoas, onde são vistas e notadas. Sentem que recebem a atenção que não têm em casa. Estão atentos um com o outro. Os participantes dizem que: “Quando alguém falta, nós notamos”. Este é um dos aspectos de suma importância que foi mostrado por eles: de saberem que existem pessoas que pensam, se preocupam por eles e mais, os querem próximos. Há, assim, o reconhecimento dos outros, reconhecimento tanto das semelhanças como das diferenças, o que reafirma a valorização do jeito peculiar de cada um. O Clube possibilita um reconhecimento de si mesmo como “[...] quando a gente passa por esta situação a gente reconhece que o ser humano tem que ser querido pelas pessoas”. Mostram também que são reconhecidos aos outros, são gratos pela ajuda que os demais oferecem e há um reconhecimento aos técnicos que acompanham o clube e ao hospital, como quando dizem: “[...] durante muitos anos circulei de psiquiatra em psiquiatra e hoje agradeço ao São Pedro e ao Clube.” Os participantes reforçam muito a idéia da ajuda que têm recebido no Clube e a relacionam com a diminuição das internações psiquiátricas.

A amizade criada e estimulada no Clube estabelece um compromisso entre os sócios e dizem que, quando deixavam de ir ao Clube “[...] tinham sentimento de culpa porque já tinham vínculos.”

Observamos o quanto enaltecem o Clube e seus valores, mas também, mostram ter consciência de que ali no Clube os membros se comportam como os demais grupos. Isto é, junto com a amizade, o companheirismo, também reconhecem que existem divergências, diferenças, contradições e contrariedades. Eles salientam que: “O clube não é um lugar perfeito, mas a gente consegue conviver. Tem divergência entre nós. Uns pensam diferente dos outros.” “Também nos bastidores do clube surgem fofocas.” Mas, ainda, aludem que: “[...] num lugar de convívio, tem fofoca, mal entendido, mas no geral é bom.” Além de maledicências, às vezes, há um ambiente conflituado entre alguns, um ambiente de mágoas, em que uns criticam gritando, mexem nas coisas dos outros. Consideram que assim como na casa de cada um, no Clube também acontecem brigas.

Os participantes mostram sua percepção adequada do que acontece no Clube e que as divergências acontecem nas relações, mas ao mesmo tempo, sabem que são aceitos como são, com seu jeito, seu sofrimento psíquico. Declaram que: “No Clube há brigas, mas aceitam como sou, meu jeito de ser na minha doença e na família não aceitam.” Muitas vezes as brigas podem ocorrer porque a pessoa não está se sentindo bem, naquele dia. Embora não gostem das situações de conflito, elas não rompem as relações estabelecidas.

No Clube mostram que há afeto, união, um ajuda e apoia o outro. Consideram o Clube como um incentivo para viver, pois contam que: “Lá fora é desprezado, mas no Clube sente afeto.” Neste local, sentem-se identificados, pois se percebem com problemas parecidos, dizendo: “No Clube a gente se identifica com as pessoas que têm os mesmos problemas” [...]”não sou só eu que tenho problemas.” Se identificam também com as relações fora do Clube: “[...] somos tratados como loucos, não só pela família, mas pela maioria das pessoas”. Expressam que no Clube é diferente do que acontece fora.

O Clube da Amizade é assim considerado como uma família, como uma comunidade de colegas, em que há cuidado e afeto. Declaram que: “[...] é como uma família, um ajuda o outro [...]” “Foi uma família para mim, adoro vir ao C.A. porque aqui me sinto igual a uma família.” Para alguns sócios, os cuidados que ali recebem se assemelham aos recebidos das famílias. Para grande parte dos sócios porém, o Clube é a família que eles não têm e assim o clube fica representando a família ideal. Percebem que a família possui um alto nível de exigência e sentem que não podem cumprir, enquanto que os colegas sócios do Clube, por se identificarem, têm mais tolerância. Isto não pressupõe ausência de exigências, mas um nível possível de ser alcançado por cada um. Essas exigências ficam bem evidentes nas cobranças das regras do Clube.

3 LUGAR – ESPAÇO POTENCIAL

O Clube da Amizade é um lugar com muitos significados, dentre os quais, o de ser considerado como um lugar de encontro, em que seus sócios se sentem acolhidos, olhados. Percebem que é um espaço para interagirem. Sentem que neste lugar as pessoas são bem receptivas. Declaram que vão para o Clube: “[...] para conversar com amigo, tomar o chá da tarde compartilhando esta hora do chá, do chimarrão, das conversas, porque as pessoas se sentem à vontade”. Este é um lugar de convivência, pois muitas pessoas são sozinhas e no Clube dizem sentir que podem “[...] se associar, se relacionar”. Consideramos um ambiente bom, pois o sentem como um lugar acolhedor, de receptividade. Dizem que este é um lugar

procurado quando estão muito angustiados. Consideram que ameniza a angústia. Salientam que: “Como sou insegura e me descontrolo, fico ansiosa para chegar no Clube.” Pensam que este lugar é para quem tem problemas e ali encontram ajuda.

Enunciam, ainda, que é um lugar de convivência, que possibilita conhecer pessoas, encontrar as pessoas e falar de casos parecidos. Uma participante falou que: “Quando ouvi falar do clube, pensei um lugar onde a gente pudesse se associar. O meu mundo é tão pequeno, feito só entre eu e eu mesma. Assim eu tenho onde me relacionar”. Expressam que neste lugar as pessoas “[...] conseguem escutar uns aos outros” até mesmo se for repetição de assunto, ou quando alguém está mais confuso. Isto porque as pessoas “[...] têm vontade de serem ouvidas”. Sabem que ali existem pessoas que dão atenção e que entendem ou procuram entender cada um na sua forma de ser. Dizem que é possível “[...] conviver com essa diferença”. Este lugar oferece a possibilidade de entrosamento, de poder conversar, ter uma participação no teatro, reuniões. O Clube, faculta a organização de passeios, viagens, que são coisas consideradas muito boas: “Indo para o clube, eu fui me dando conta que eu era gente, que eu não precisava ficar dormindo o dia todo.”

O Clube, outrossim, é um lugar de diversão, de distração. É possível se divertir aprendendo, fazendo todas essas atividades. Contam que: “É um lugar para ocupar o tempo, ter alguma coisa para fazer, com isto se distrai e esquece os problemas”. As pessoas sentem que juntas se divertem e consideram que “[...] no Clube não se fica pensando só em suas preocupações (bobagem, besteira).” Contam como ali conseguem espairar, se divertir, passear, cantar e tomar chimarrão.

O Clube é considerado um lugar que possibilita aprender atividades como crochê, tricô, costura, etc. Também podem aprender a jogar flá-flu, futebol, fazer ginástica, ler, escrever, organizar passeios, viagens, jornal. Os participantes contam que aprendem a viajar, a passear em outros lugares, aprendem a conviver com os outros, a conviver com a doença, a melhorar nos relacionamentos, na vida cotidiana, nas habilidades, no cuidado consigo mesmos. Referem aprender novamente a convivência social. Além disto, reforçam aprender “[...] a ajudar o outro”. Então: “[...] cada dia aprende mais um pouco, para aprender aquilo que a gente perdeu, esqueceu.” Como observado, consideram que um aprende com o outro. Sentem que se preparam para viver na sociedade, vivendo nesta pequena sociedade, que é o Clube da Amizade, e não se estabelece apenas a idéia e o papel de doente. A partir das experiências no clube, referem que: “[...] consegui participar de outro órgão da saúde (como usuário nas Conferências Municipais e Estaduais da Saúde)”. “Assim o Clube me ajudou mais a me associar a sociedade. Aqui consegui a carteirinha de sócio”. Contam que

conseguiram estar em outros lugares como, por exemplo, participar do coro da Igreja. Outros referem que com a aprendizagem que este lugar ofereceu, puderam adquirir seu apartamento, construir sua casa, trabalhar, até conseguir se determinar. “Tem algumas pessoas que ficam inibidas para fazer outras coisas, sair, encontrar as outras e neste espaço de socialização, a pessoa pode voltar a conviver como uma pessoa normal lá na rua.” Este lugar possibilita a ressocialização. Consideram que o Clube fica entre o hospital e a comunidade. O Clube faculta igualmente, a aprender com os outros: conviver com a doença, nos relacionamentos, na vida cotidiana e nas habilidades..

Assim, este Lugar é considerado como alternativa de tratamento, de continuidade do tratamento, de recuperação e de melhora. Muitos afirmam que desde que estão no Clube não tiveram novas internações psiquiátricas e sabem que “A doença não tem cura, mas a gente mantém controlada.” Salientam que este lugar ajuda no tratamento, pois podem conversar e desabafar. Assim se distraem e esquecem um pouco os seus problemas, bem como o dos outros. Dizem que mudaram com a participação no Clube e que: “Antes do Clube não me cuidava, sofria e agora que sei da doença, tenho me cuidado.” “Esse negócio de ter criado o Clube é muito bom, porque a gente vem para conversar com amigo, tomar cházinho da tarde, ao invés de ficar em casa depressivo [...]” É um espaço no qual as pessoas se identificam por se sentirem semelhantes (com sofrimento psíquico) e ali se percebem incluídas. Na sociedade do Clube da Amizade, embora excluídos da sociedade em geral, eles dizem encontrar um lugar que os inclui: “Antes eles falavam que era doente mental, vagabundo, que era maluco, que só comia e dormia[...] No Clube não existe isso de chamar o outro de louco [...] Na sociedade é diferente do Clube.” “Tanto é que todos permanecem no clube muito tempo e não apenas para ter a carteirinha, é mais do que isto, tem outras coisas para fazer, vir. Sempre se dá um jeito para vir apesar dos compromissos”. “O Clube é um lugar que me faz feliz [...] fico porque há conversa com os outros”.